

Collecção das Grãdes: Obras Illustradas

THOMAZ RIBEIRO

E A SUA OBRA

LM



199
0.199



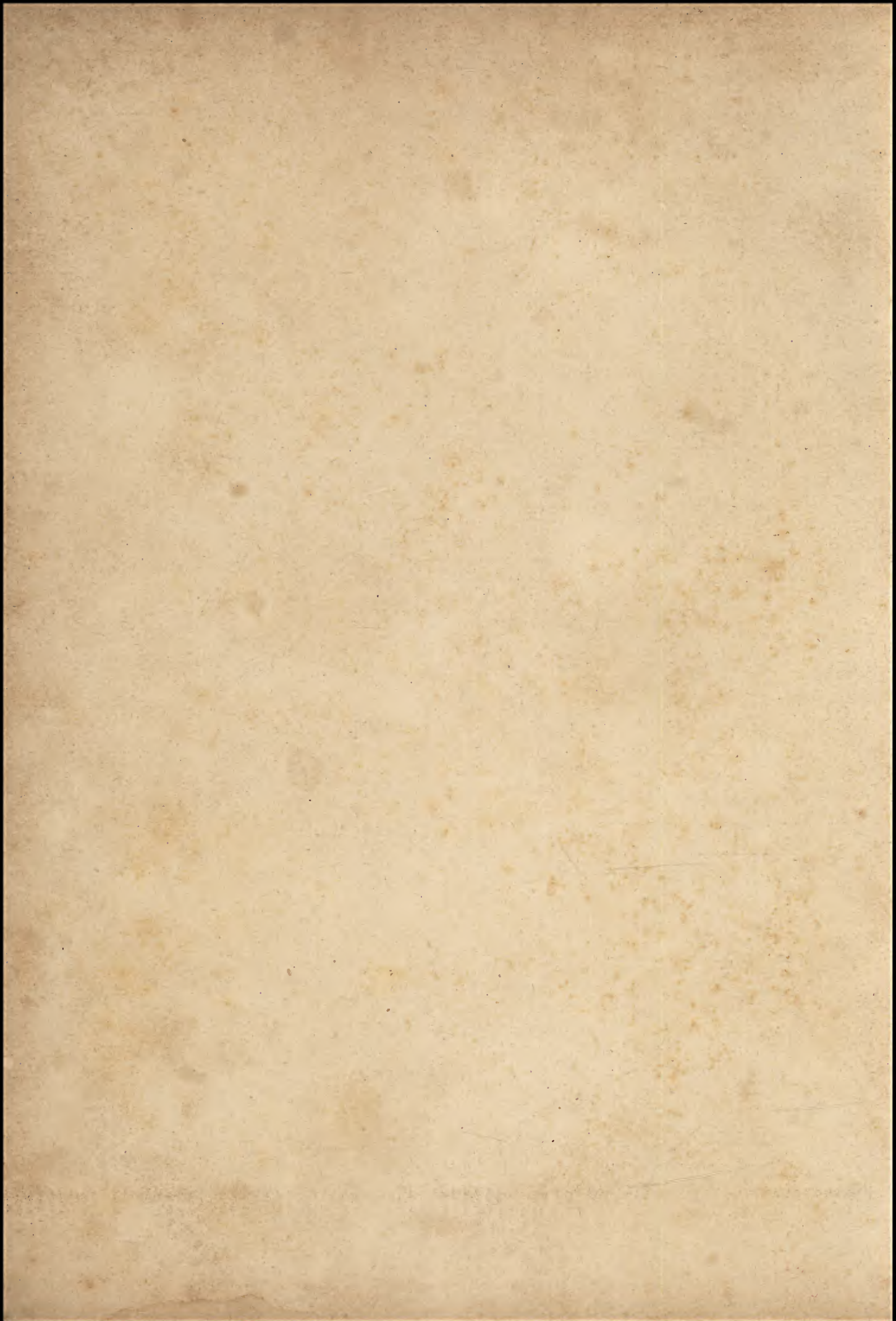




Bus.

281





THOMAZ RIBEIRO

E A SUA OBRA

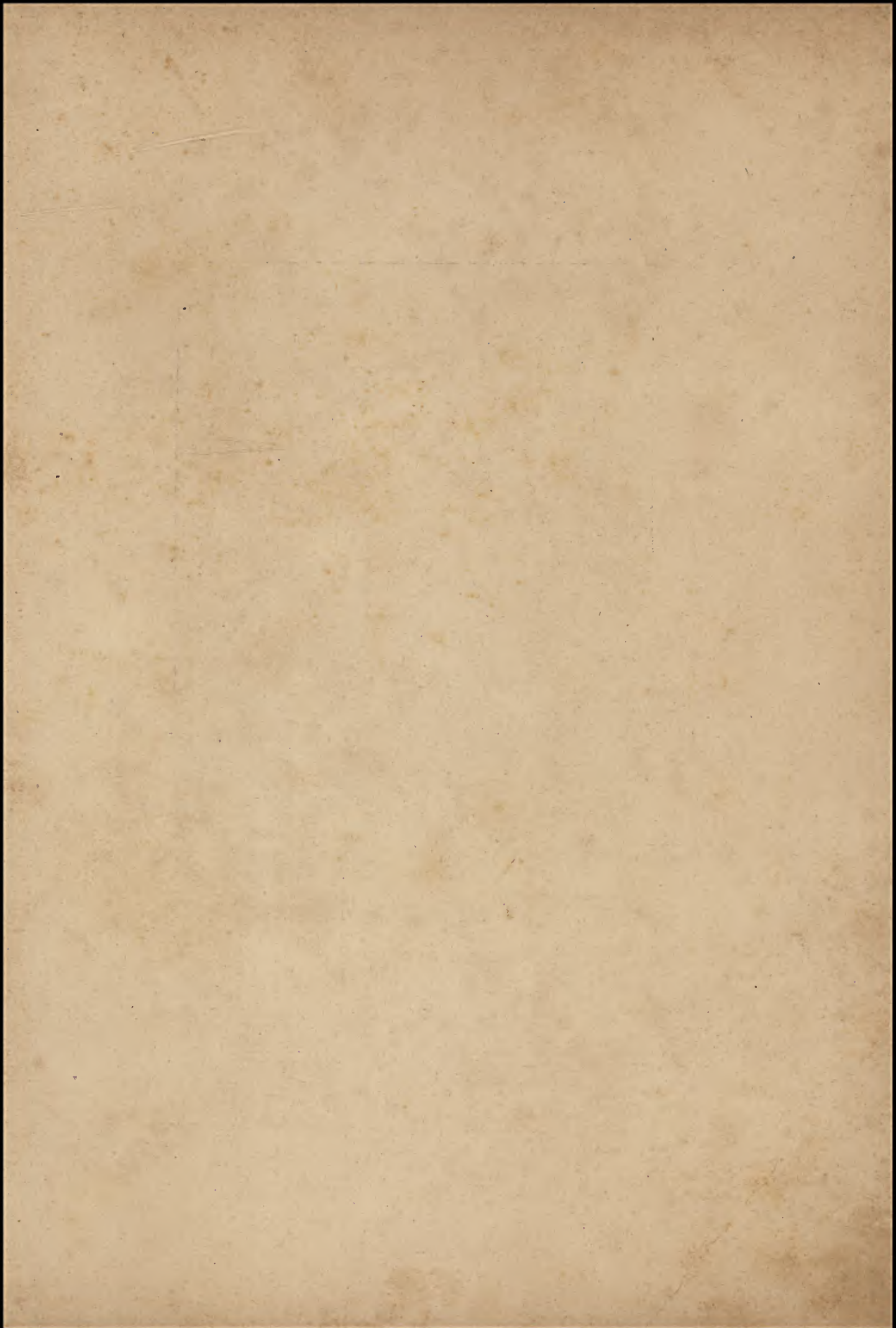


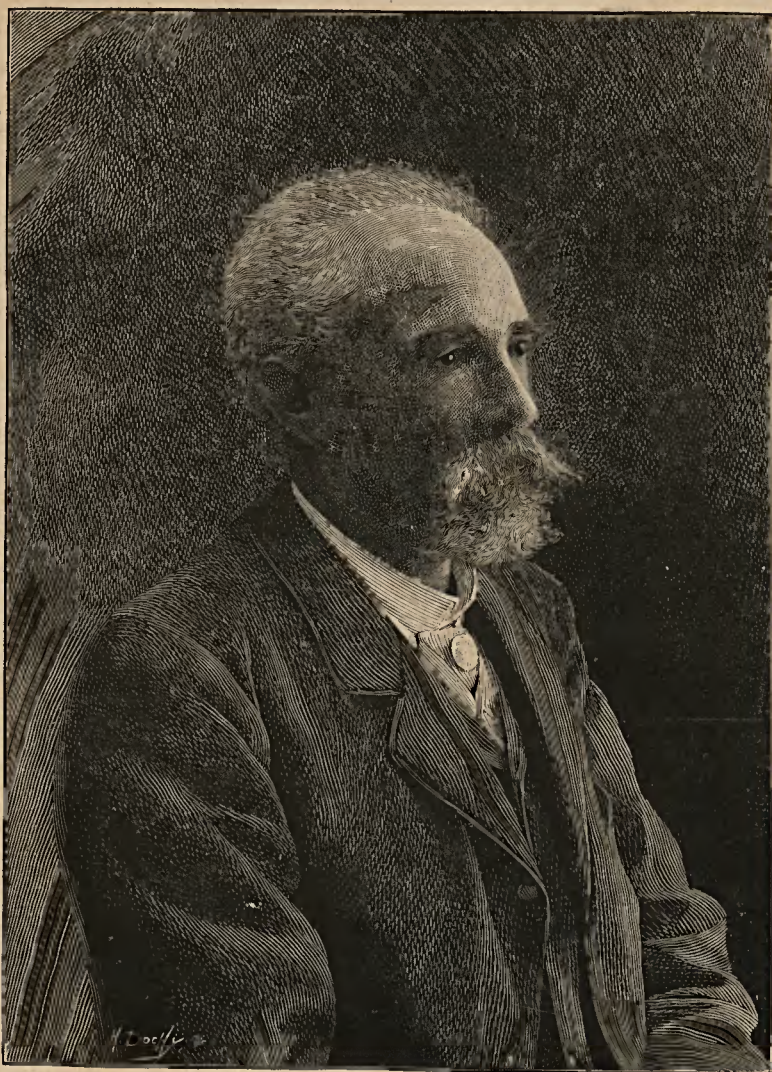
PARIS. — IMPRIMERIE MOUILLOT

43, QUAI VOLTAIRE, 43

1895







THOMAZ RIBEIRO

*Ho amigo emm. n.º 1º de 1900
off. de 20-6-94*

COLLECCAO DAS GRANDES OBRAS ILLUSTRADAS

THOMAZ RIBEIRO

E A SUA OBRA



LISBOA

EMPRESA EDITORA DAS "GRANDES OBRAS ILLUSTRADAS"

MARIANO PINA & C.^{ta}

1895

2072

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/1908
Tombo	2572
	141911
	Jul

869.109
C 697
V: L.P.
774



A POESIA LYRICA
Estatua de Alberto Nunes.





A PORTUGAL

Meu Portugal, meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flôr sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante,
meu vergado pomar d'um rico outomno,
sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os tanto ! . . .
Sonhava as noites de teus dias ledos
afogado de enlevo, em riso e em pranto.
Quiz dar-te hýmnos de amor, debeis os dedos
não sabiam soltar da lyra o canto,
mas amar-te o esplendor de immenso brilho . . .
eu tinha um coração, e era teu filho !

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de louros e de acacias olorosas ;
de fontes e de arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas ;
onde n'um cêrro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas ;
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorgeiam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes ;
ou nunca, ao pôr do sol de ameno estio,
viu franjas de ouro e rosa os horisontes,



ondas de azul e prata em cada rio,
as perlas e os rubis de tuas fontes;
nem de teus anjos, terreo paraíso,
sentiu o magnetismo n'um sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas éras
em que tu lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhe os esqueletos das galeras
que foram descobrir mundos e mares.
Se alguém menosprezar teu manto pobre
ri-te do fatuô, que se julga nobre !

Porque te miras triste sobre as aguas,
pobre... d'áquem e d'além-mar senhora?
e te consomes nas cadentes fraguas
das saudades crueis que tens d'outr'ora?
Por tantos louros que te deram? máguas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Has de cingir o teu diadema agosto;
são teus filhos leaes, e Deus é justo !

Tres testemunhas tens que ao mundo inteiro,
grandes, hão de levar-te a ingente gloria :
Camões, o sol, o oceano; que o primeiro,
ergueu-te em alto canto a nobre historia.
Com prantos e com sangue, audaz guerreiro,
o seu livro escreveu d'alta memoria !
Lêde os cantos divinos do poeta,
entoados em harpa de propheta !

O mar, na eterna lida porfiosa,
cansado de correr largos desvios,
vem afogar a sêde angustiosa
no saboroso nectar de teus rios.
E quando, n'outra idade mais ditosa,
tu mandaste alongar teus senhorios,
conhecendo o roçar das tuas sondas,
cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o Genio das tormentas,
algoz de tanto nauta aventureiro;
vestido de neblinas pardacentas,
assoprando golfadas de aguaceiro;



mas quando viu, nas quilhas tão attentas;
içado o teu pendão altaneiro,
accendendo o Sant'Elmo resplendente
illuminou-te as portas do Oriente !

Fiel, sempre fiel á tua gloria,
conduziu-te o Evangelho a longas terras;
acompanhou-te os cantos da victoria,
saudou-te os brios nas longinquas guerras !
Rasguem embora, ó patria, a tua historia;
emquanto o mar bramar, quebrando serras,
ou brincar nas areias, em bonança,
ha de fallar de ti, patria, descansa.

Qual no deserto o lasso viandante
vai no oásis sentar-se ao fim do dia,
achando attenuado e arquejante,
verdor, fontes, aromas, e harmonia,
e n'aquella atmosphera inebriante,
se alimenta, se farta, se extasia,
tal és do sol oásis reservado,
jardim da Europa á beira-mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
nos bosques, nos rosaes, e nas campinas;
d'um iris c'rôa a nuvem mais esquiva,
nem tem c'rôa real pedras mais finas;
faz prisma cada fonte que deriva
por encosta suave entre boninas;
dá luz dourada á selva que verdeja;
e o sol de Portugal o mundo o inveja:

Mas não é d'hoje só que o passageiro
te vê ledó banhar em cada fonte,
ou entre a branda relva do valleiro
ou sobre as neves do jaspeado monte;
já não é d'hoje só que o mundo inteiro
falla do brilho teu n'este horisonte;
já celtiberos, mouros e romanos,
choraram pelo sol dos Lusitanos.

Lua do meu paiz, não me esqueceste,
que eu sempre soube amar tua lindeza;
bem sei que é este o solio que escolheste;
bem sei que tens aqui maior pureza;



mas tanto os meus segredos entendeste,
era tão minha só tua tristeza,
que se não te invoquei, saudosa lua,
foi por zelos da terra, minha... e tua!...

Por ti canto, meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
meu viçoso jardim de adolescente,
meu laranjal em flôr sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante.
Tu... dá-me ao cerrar noite o meu inverno,
um leito funeral ao somno eterno.

(Prologo do *D. Jayme*.)







THOMAZ RIBEIRO

E A SUA OBRA

CAPITULO I

O APPARECIMENTO DO « D. JAYME »



M 1862 era introduzido na chamada « sociedade do Tíbur castilhiano » pela mão de Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, um moço poeta de trinta e um annos d'idade, beirão da gemma, natural de Parada de Gonta, districto d'Aveiro, que para os registros civis se chamava Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira, e para as lettras apenas — Thomaz Ribeiro¹.

1. Nasceu no dia 1.º de julho de 1831.

O moço poeta acabava de compôr um largo poema a que dera por titulo — *D. Jayme, ou a Dominação de Castella*. Mas antes de o dar a lume, desejava primeiro submettel-o á apreciação de Antonio Feliciano de Castilho, então o chefe consagrado da escola poetica de Lisboa, e de cujo cenaculo faziam parte : Mendes Leal, Silva Tullio, Luiz Augusto Palmeirim, Bulhão Pato, A. Xavier Rodrigues Cordeiro, Pinheiro Chagas, Teixeira de Vasconcellos, Gomes d'Amorim, Ernesto Biester, Viale, etc., etc.

A chamada « sociedade do Tibur castilhiano » tinha a sua sede na propria casa de Castilho, sita na rua de São Francisco de Paula, no lindo, arejado e luminoso bairro lisbonense, de Buenos-Ayres.

Esta sociedade reunia-se em *serões*, aos sabbados. Todos os sabbados á noite, Castilho recebia os seus amigos, os seus admiradores. E quem desejava prestar homenagem ao poeta, ali era levado por um intimo da casa, com a mesma solemnidade com que um novo visitante era introduzido em Paris, em determinado dia da semana, no salão de Victor Hugo. Era a audiencia do poeta *maximus*. « Reunião de homens e senhoras de mui diferentes idades, de occupaões egualmente diversas, e forçosamente de temperamentos variados, mas todos de uma só classe, a das pessoas honradas e amigas das artes ¹. » Taes eram os *serões* em casa de Castilho.

Quem em Lisboa tivesse por esses tempos peça poetica para dar a lume, não o fazia sem que primeiro fosse ouvida e merecesse os applausos do Tibur castilhiano. Apresentado Thomaz Ribeiro ao illustre traductor de Molière, conhecido o poema nas suas linhas geraes, julgado rapidamente pelo Mestre o valor generico da nova obra, — ficou assente que um serão seria especialmente consagrado á leitura do *D. Jayme*, pelo auctor.

1. Teixeira de Vasconcellos, *Revolução de Setembro*, 14 ag. 1862.

Teixeira de Vasconcellos, o brilhante jornalista da *Revolução de Setembro*, da *Gazeta de Portugal* e do *Jornal da Noite*, é quem nos dá preciosas indicações a este respeito.

Para esse serão também fôra convidado Antonio Rodrigues Sampaio. Mas « aferrolhado na galé mourisca dos negocios publicos, não poudé, com magua sua, assistir a este banquete litterario ¹ ».

Ouçamos Teixeira de Vasconcellos :

.

« Quando cheguei, já lá estava o poeta, e com elle os amigos da casa e as senhoras que ali se reúnem com maior frequencia. Vi então que cumpria também precatar-me da influencia que naturalmente deviam ter em qualquer pessoa as maneiras distinctas e compostura modesta do sr. Thomaz Ribeiro, para que não desculpasse os defeitos da obra, a presença agradável do auctor.

« Pouco tempo depois começou o sr. Thomaz Ribeiro a recitar o poema que sabia de cór, e tão suave e correctamente foi dizendo os versos, que me pareceu que por mais que fossem agradariam a quem os ouvisse declamar assim. Nova razão de desconfiança e novo motivo para attender ao valor real da poesia sem me deixar seduzir pela melodia do canto da Sereia.

« Era profundo o silencio. Ouvia-se apenas de espaço a espaço o respirar reprimido dos circumstantes, que aguardava alguma pausa, para não interromper a voz harmoniosa do poeta. Iamos já no quarto ou quinto canto, quando me pareceu por um certo sussurro proveniente do lado onde assentavam as senhoras, que estas incontestaveis apreciadoras das bellezas artisticas, começavam a não prestar inteira attenção á poesia do sr. Thomaz Ribeiro. Cansou-me espanto, porque

1. Teixeira de Vasconcellos, *Revolução de Setembro*, 31 julho 62.

era aquella passagem uma das que mais me commovera, e voltei-me para ver se me illudia. As senhoras não podiam já reprimir as lagrimas. Castilho enxugava as suas, mas não pretendia encobril-as.

« Não ignora v. a sensação que me causou ouvir recitar o poema neste serão de bons amigos ¹. »

.

Que mais era preciso para consagrar a primeira obra do moço poeta? O proprio Castilho, no dizer de Teixeira de Vasconcellos, o chronista d'este famoso serão, não procurava encobrir as lagrimas que lhe havia provocado a singela recitação do poema... A obra podia, portanto, e sem receio, vir a lume.

O *D. Jayme* appareceu impresso em julho de 1862, sob a invocação de Victor Hugo, e precedido d'uma *Conversação preambular* por Antonio Feliciano de Castilho.

Dizemos — sob a invocação de Victor Hugo — porque a primeira edição e todas quantas vieram depois (auctorisadas pelo auctor) abrem invariavelmente com estas linhas tiradas dos *Misérables* :

« *Quand la limite de la souffrance est débordée, la vertu la plus imperturbable se déconcerte...*

« *Les grandes douleurs contiennent de l'accablement...*

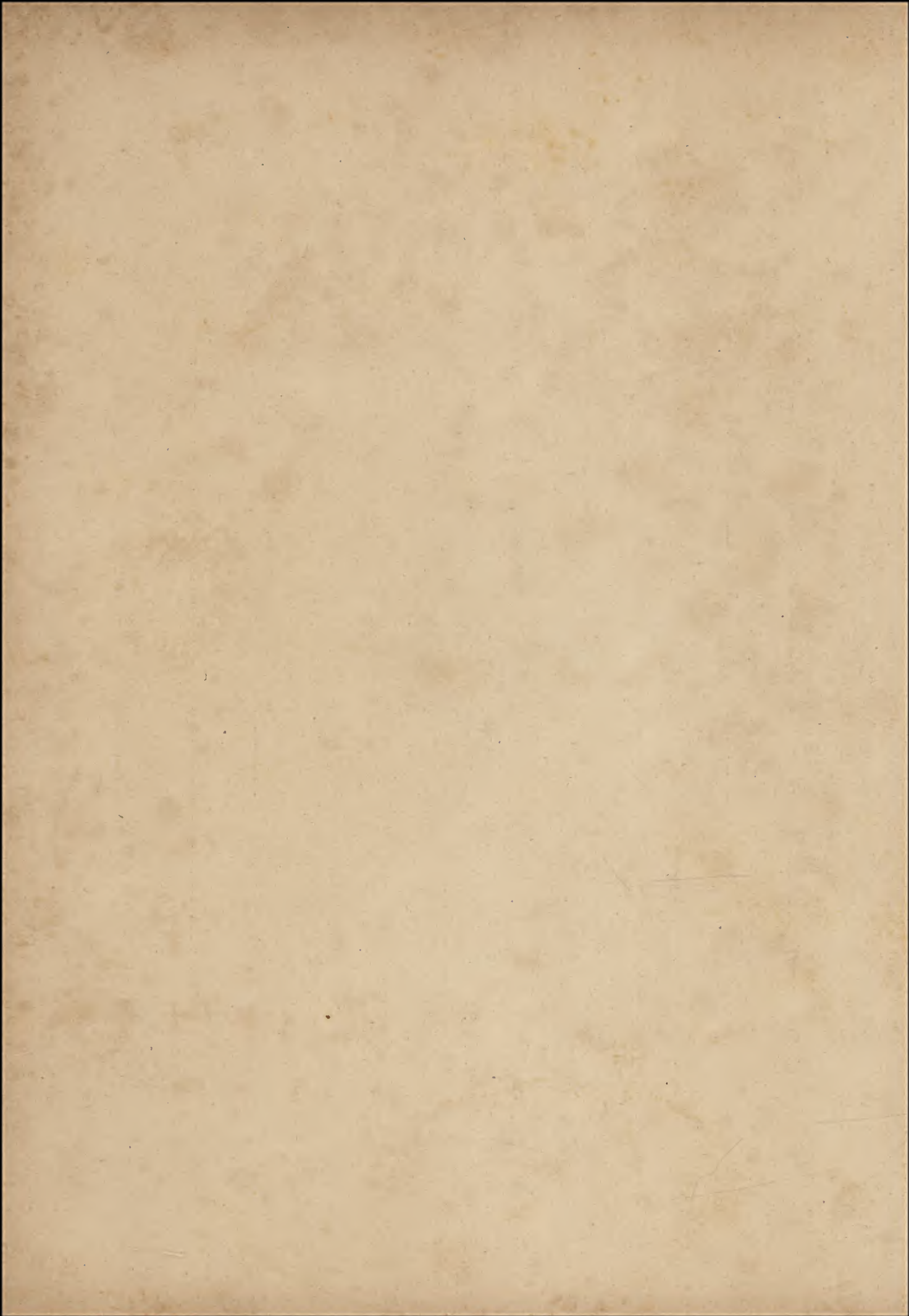
« *L'homme chez lequel elles entrent, sent quelque chose se retirer de lui.* »

Thomaz Ribeiro encontrou n'estas palavras do maravilhoso cantor das *Orientales* e das *Chansons des rues et des bois*, a maneira mais simples, clara e precisa de exprimir todo o pensamento, toda a intenção moral do seu poema, e o verdadeiro estado d'alma do seu

1. Teixeira de Vasconcellos. *Revolução de Setembro*, 31 julho 62. Carta a A. Rodrigues Sampaio.



THOMAZ RIBEIRO EM 1862



heroe, do seu D. Jayme, aquelle mancebo generoso, hallucinado e infeliz, aquella especie de Hernani...

de rosto vivo, queimado,
olho ardente, peito arcado,
fallar decidido e são.
Prompto a servir arrastado
ou a dominar d'alta frente!
genio vivo, a mão valente,
generoso o coração.

Este poema lido agora, ao cabo de trinta e tres annos, depois de sobre elle terem passado as famosas e encarniçadas luctas litterarias travadas entre a escola coimbrã, dirigida por Anthero do Quental e Theophilo Braga, e a escola de Lisboa, dirigida por Castilho; depois do *romantismo* por assim dizer « official » ou « profissional » ter deixado de existir e de ser exercido assim em Portugal, como em toda a Europa; depois de termos visto successivamente nascer, viver e morrer, o *satanism*, o *parnasianismo* e até o proprio *realismo* sectario e intransigente; — este poema, lido agora, serenamente, sem paixão, sem enthusiasmos amigos e muito menos sem prevenções ou antagonismos de seita, continúa, e continuará de pé — porque tem de andar para sempre ligado á historia litteraria do seculo XIX, em Portugal.

O *D. Jayme* marca uma epoca — a segunda epoca do *romantismo*. Não representa esse poema, nem os arrebatamentos, nem as audacias, nem as quasi hallucinações d'esse periodo de effervescencia intellectual e social em que surgiram as obras d'aquelles que se chamaram Herculano, Garrett ou Victor Hugo.

Diz Sainte-Beuve, n'um dos seus *lundis*, fallando d'esse periodo hallucinado de 1830, que não podiam ser outras as obras de homens

que vieram ao mundo no periodo das conquistas, das aventuras e das loucuras napoleonicas, de homens que foram concebidos no intervallo de duas guerras, quando Napoleão descansava — e por consequencia repousava a França — da campanha do Egypto, da Hespanha ou da Russia.

É por isso que o *D. Jayme* não attinge a intensidade tragica do *Hernani* ou do *Ruy-Blas*, do *Frei Luiz de Souza* ou do *Eurico*.

Thomaz Ribeiro appareceu, veio ao mundo, com a segunda geração de românticos. O seu *D. Jayme* é em Portugal a mais pura expressão da segunda phase do romantismo, — um romantismo menos febril, menos convencionalmente heroico, do que o de Hugo ou de Herculano, mas mais sentimental, e por consequencia mais humano. D'aqui a immensa e extraordinaria popularidade do poema de Thomaz Ribeiro.

Quando se olha friamente para a fallencia geral do *liberalismo*, em toda a Europa, a geração de hoje difficilmente comprehende como tanta gente derramou o seu sangue pelos abstractos e empiricos ideaes politicos de 1830.

Quando se lê o *Hernani* e o *Ruy-Blas* tambem difficilmente se comprehende hoje em dia, porque razão se levantaram tão grandes e medonhas tempestades litterarias em torno d'estes dois dramas.

E' porque nós, os da geração de hoje, nascemos e temos sempre vivido n'um periodo normal de paz social e paz d'espírito, sem luctas e sem convulsões. Por isso não podemos sentir, nem vibrar, nem nos podemos apaixonar, como se apaixonavam os homens de 1830 — os politicos, os litteratos e os artistas.

Mas comprehendemos e sentimos quasi exactamente como a geração de 1860, porque n'estes ultimos trinta annos a vida intellectual e social tem sido uma e a mesma; porque ainda pugnamos por muitos

dos ideaes d'então. E enquanto uma evolução geral, não vier transformar por completo o nosso estado social e por consequencia o nosso estado d'alma, nós, portuguezes, continuaremos, no anno da graça de 1895, a ser patriotas como o poeta do *D. Jayme*, e a amar loucamente as mulheres — sem cuidarmos da sua nacionalidade — como as amava o heroe do poema...

Apesar d'esta sceptica estampilha *fin-de-siècle* com que desejamos passar á posteridade, cada um de nós — amorosamente fallando — tem escondido no fundo do seu coração um perfeito D. Jayme — de sobrecasaca e chapéu alto !...

*
* *

O apparecimento do poema *D. Jayme*, em agosto de 1862, que foi quando o auctor o mandou correr mundo¹ tornou-se duas vezes celebre — pela obra poetica em si, e pela *Conversação preambular* com que a precedeu Antonio Feliciano de Castilho.

Escreve Thomaz Ribeiro :

« Sahin acompanhado por um excellente Mentor : o primeiro poeta portuguez teve a bondade de lhe offerecer o seu braço, e de o querer apresentar na alta sociedade litteraria ; ia acostado a tão boa sombra, que podiam dormir os meus cuidados. Pois apesar do nobre protector, e até por causa de tão distincta protecção, tem-lhe corrido vária a fortuna : aqui, foi recebido entre applausos, festejado, querido, amado e victoriado ; além, vestiram-no de Sileno, vendaram-lhe os olhos, apuparam-no, investiram-no... enlamearam-no ; alli, tocaram a rebate, proclamaram a sedição, apontaram-no ás turbas, e cobriram-no de improperios.

1. Thomaz Ribeiro. Prologo da 2ª edição do *D. Jayme*.

.....

« Visto porém que o *D. Jayme* tem de sobreviver á lucta, hão de condecoral-o as cicatrizes. Um livro deve ser como um soldado; ou morre na refrega, ou se retempera nas fraguas da peleja.

« O meu poema valeria bem pouco para mim, se ao apresentar-se no mundo, apenas obtivesse as honras de uma continencia, ou de uma parada; a critica, atirando-lhe a luva, deu-lhe as do combate; por isso eu lhe agradeço do fundo, ainda á que o tratou mais sem piedade¹. »

Vejamos, pois, a origem de tamanha celeuma.

Coimbra e Porto, isto é, as gerações litterarias d'estas duas cidades de Portugal, de ha muito que procuravam pretexto de contenda para cáhirem a fundo sobre a escola romantica de Lisboa, da qual Castilho era chefe incontestado, e a qual classificavam maliciosamente de — « escola do *elogio-mutuo* ». Por esses tempos assim a tratava tambem o proprio Camillo.

Castilho ao fallar de si e da sua côrte litteraria, escrevia o seguinte :

« ... Cá me vivo no meu suburbano com tudo que me é caro, sempre utopista, mas sem ambições pessoaes, reverdecendo todas as primaveras, e em todas ellas florindo e gorgeando o meu poucoquinho. Murmuram-me mais as folhas verdes, que as dos periodicos. Passo todo o anno em Tibur. Não me carteio com Augusto, nem me visita Mecenas : mas bons amigos poetas, esses acodem muito pontuaes ao convite do meu bosque de seis arvores, infructiferas como as de D. João de Castro. Não subo nem desço para passar, segundo a estação e a hora, da bibliotheca para o jardim, ou do jardim para a biblio-

1. Thomaz Ribeiro. *D. Jayme*. Prologo da 2ª edição.

theca. N'ella, ouço cantar todo o passado; n'ella, respiro em fragancias o presente; e ermando, e devaneando, cá vou colliendo, ora philosophia social, ora simples poesia, conforme dá o girar livre e phantastico do espirito. Do meu Homero tomei a lição :

Condo, et compono, quæ mox de promere passim.

« Já me disse, não sei quem, ser frívolo, semi-pagão, e para pouco, este viver; havia de ser algum politico militante. Foi decerto (se não era algum invejoso, ou inimigo solapado). Varonil ou não, Deus m'o conserve por annos largos com esta mesma paz por dentro e por fóra, e lá se verá depois quem deixou na colmeia melhor favo ¹. »

E como ultimo requinte e ultima amostra do quanto era verdadeira esta existencia *horaciana* e este « Tibur castilliano » como lhe chamava Teixeira de Vasconcellos, — Castilho datava do seguinte modo a sua famosa Conversação :

« Lisboa, 11 de julho de 1862, ao meio dia, ao cantar a primeira cigarra d'Anacreonte na copa da minha olaia. »

Ao *D. Jayme* começou Castilho por chamar « epopeia nacional » accrescentando : — « mais não faço que antecipar-lhe o nome com que a lia de saudar a posteridade. » E continúa assim escrevendo :

.

« Ha na lyra interior uma corda que a minima expressão do verdadeiro bello faz vibrar. As falsas bellezas artisticas debalde forcejam pela sacudir; para ellas é muda. Em ella soando, o coração estremece involuntariamente, o espirito sente que tem azas, e os ollos, que nem sempre desgraças reaes humedeceram, derramam

1. A. F. de Castilho. *D. Jayme*. Conversação preambular.

lagrimas deliciosas. Em se dando estes phenomenos, baixou a inspiração, está presente a poesia; quer se manifeste n'um quadro da natureza, quer n'uma estrophe brilhante, quer n'um rasgo de generosidade, quer n'uma fugitiva melodia de Rossini.

« Pois bem : — O presente livro, á falta de outro nome, contenta-se com o de poesia, que tal o baptisámos em muitas lagrimas de enternecimento, de admiração, e de patriotismo, todos quantos aqui o recebemos da melodiosa voz do nosso poeta, diante das nossas arvores, não mais attentas e mudas do que nós. Para nós é muito sufficiente esta qualificação vaga, e até a preferimos a qualquer outra. Somos como os viajantes não iniciados nos systemas de Linneu, Jussieu ou Cuvier quando penetram maravilhados n'uma floresta virgem do novo mundo; não curamos de arrumar em classes, generos, ou familias, as flôres que nos cercam, nos embriagam com os seus halitos, nos enfeitiçam com as suas côres, nos maravilham com os seus feitiços, nos enlevam o animo com a sua harmoniosa disposição na paisagem, com o seu parentesco tão claro com o céu e o sol, que por entre a cerração das ramarias as espreitam. Chamamos a tudo em commum flôres e delicias, e não fartamos olhos de as namorar.

— « E' poesia, e magnifica poesia » — proclamamos nós; gloriemo eu de o repetir aqui, e amanhã o confirmarão por todo o Portugal, com perfeito convencimento, sabios e ignorantes, homens e mulheres, meninos e velhos, sinceros e invejosos. E' uma poesia mixta de todas as poésias para captivar a todos os gostos. Sem deixar de ser constantemente propria e original, resurte de si não sei que reflexos de todos os livros que mais queremos : ora nos lembra a simpleza melancolica da MENINA E MOÇA, e as amenidades do LIMA de Bernardes; ora os rasgos patrioticos do Camões; ora a altiveza e hombridade dos romanceiros castelhanos; ora a LENDA DOS SEculos do poeta enorme; ora o som=

brio de Schiller; ora o crystallino e florido de Gesner; — já as AVENTURAS DO PALMEIRIM DA INGLATERRA; já a COVA DOS LADRÕES de Gil Blas; já contos que em meninos ouvimos ao serão ou ainda mais meninos, no berço; já cantigas rústicas de que apanháramos um fragmento de uma escamisada ao longe, e que nunca mais nos esqueceu.

« Um pintor, um cento de pintores, achariam, e hão de achar n'estas paginas, com que encher a mais variada e opulenta galeria de painéis classicos de todos os generos. Ainda algum dia este D. JAYME (d'aqui a quantos annos ou seculos, não sei eu), quando a diuturnidade o tiver canonisado, ha de ter, qual a merece, edição fastosa, illustrada á porfia pelos mais inspirados buris¹, e com o retrato do auctor, que todos appeteceriam desde já conhecer, mas cuja modestia pôde mais por enquanto que os nossos rogos e instancias ».

Continuando na analyse do *D. Jayme*, escreve Castilho, na sua *Conversação preambular*:

1. A prophesia de Castilho não se pôde ainda realisar, e o *D. Jayme* não conta ainda este anno a grande edição illustrada de que é digno, porque a isso se negaram os editores e proprietarios da obra, que ao presente são os srs. Lello e Irmão, do Porto, successores da Livraria internacional e da casa editora de Ernesto Chardon.

Em abril d'este anno (1895) o sr. Thomaz Ribeiro consultado pelo sr. Mariano Pina ácerca d'uma luxuosa edição illustrada do *D. Jayme*, respondeu que muito grato lhe seria ver o seu livro predilecto primorosamente illustrado. Mas não podia dispôr do *D. Jayme*, pois ha muitos annos havia vendido (por quantia relativamente insignificante) todos os direitos, á casa Chardon, do Porto.

O sr. Mariano Pina ainda foi ao Porto, na esperanza de poder entrar em negociações com os srs. Lello e Irmão, para uma edição illustrada do *D. Jayme*. Mas nada conseguiu, — não obstante o desejo manifestado pelo sr. Thomaz Ribeiro de que tal edição se fizesse, e que o illustre poeta queria expurgar « d'uns erros de que andam inçadas todas as edições. » (Carta ao sr. Mariano Pina, em 20 de abril de 1895.)

« A poesia é muito, mas não é ella o tudo n'um poema. A linguagem, o estylo e a metrificacão, tem de se lhe mol dar como os panê-jamentos ás estatuas. Porei poucas palavras sobre cada um d'estes requisitos, em relação ao nosso objecto.

Boileau muito bem disse :

Se a lingua lhe faltar, o auctor mais peregrino
Será, por mais que faça, escrevedor mofino.

« E' a linguagem do nosso livro, portugueza de lei, ouro de vinte e quatro quilates, limpo de fezes, e sem sombra de liga. Todos os termos são rigorosamente vernaculos, as phrases abonadas, e a contextura, que é o que mais vale, e melhor caracteriza, toda, toda do trato e posse velha do nosso torrão. Como que se está em casa, entre parentes, á vontade, ouvindo estes fallar. E' uma virtude rara hoje, e duplice ; compõe-se de duas promiscuamente : uma negativa, outra positiva : isenção de impurezas, que é o menos, e o uso constante do são e saboroso, que é o mais, e que é o tudo.

« N'este particular é o D. JAYME obra classica e inais classica do que outras muitas amentadas com louvor nos catalogos dos dictionaristas e grammaticos ; é um espelho crystallino e moldurado de ouro, do dizer, do ingenuo e nativo dizer da nossa Beira.

.....

« A metrificacão estava-nos requerendo um tratado especial ; mas tal é a do nosso auctor, que os seus acertos e primores por si mesmos se descobrem, quando menos pelo gosto natural, até aos leitores mais estranhos a esta difficil arte de casar com o pensamento, com o affecto, e com o estylo, a harmonia metrica da dicção. Quanto aos versos pios, materia em que mais largamente nos poderiamos aqui deter, contentamo-nos com expressar : que em nenhuma outra coisa mostrou o nosso

auctor com maior evidencia o seu instincto de acerto, e a sua graça original de verdadeiro poeta.

.

« Sacudiu pois o jugo da auctoridade illegitima e tyrannica, e em vez de oitavas, sextinas, quartetos, ou tercetos, admittiu, sem desdens nem preferencias, toda a especie de estrophes, de metro, e de rimas, curando unicamente de que todas e cada uma d'estas coisas, condissessem, *betassem*, e frisassem á justa, com as successivas e cambiantes phases do discurso.

.

« O que é innegavel é que em todas as especies e variedades de metros, Thomaz Ribeiro apresenta a maior naturalidade e melodia, sendo difficil decidir qual seja o verso mais congenito á indole musical do seu ouvido. Depois, que cheio e recheio em todos elles! Como a idéa lhes entra voluntaria e facil! Como facil e rica, riquissima quasi sempre, lhes acode a rima! São todos estes uns primores de que em vão se procuraria o minimo vestigio em toda a nossa antiga poesia; e *bem poucos se encontram mesmo na moderna*. Versos taes, bem razão teve o auctor em fugir da hypocrita modestia de os marcar com a letra maiuscula no principio. Todos os conhecem por versos, sem levarem a marca na testa, *que para tantos e tantos é o unico salvo-conducto através da prosa.* »

Taes foram as principaes palavras com que Antonio Feliciano de Castilho enalteceu as brilhantes qualidades poeticas do *D. Jayme*.

Mas o que deixamos transcripto... e sublinhado não é ainda de molde para dar ao Leitor uma ideia do extraordinario barulho que provocou a tal *Conversação preambular*. E como este caso constitue só por si um curioso periodo da historia litteraria do seculo XIX, em

Portugal, vamos consagrar-lhe, como de direito merece, algumas linhas, antes de nos determos na embriagante leitura d'algumas das mais celebradas passagens do tão popular *D. Jayme*.

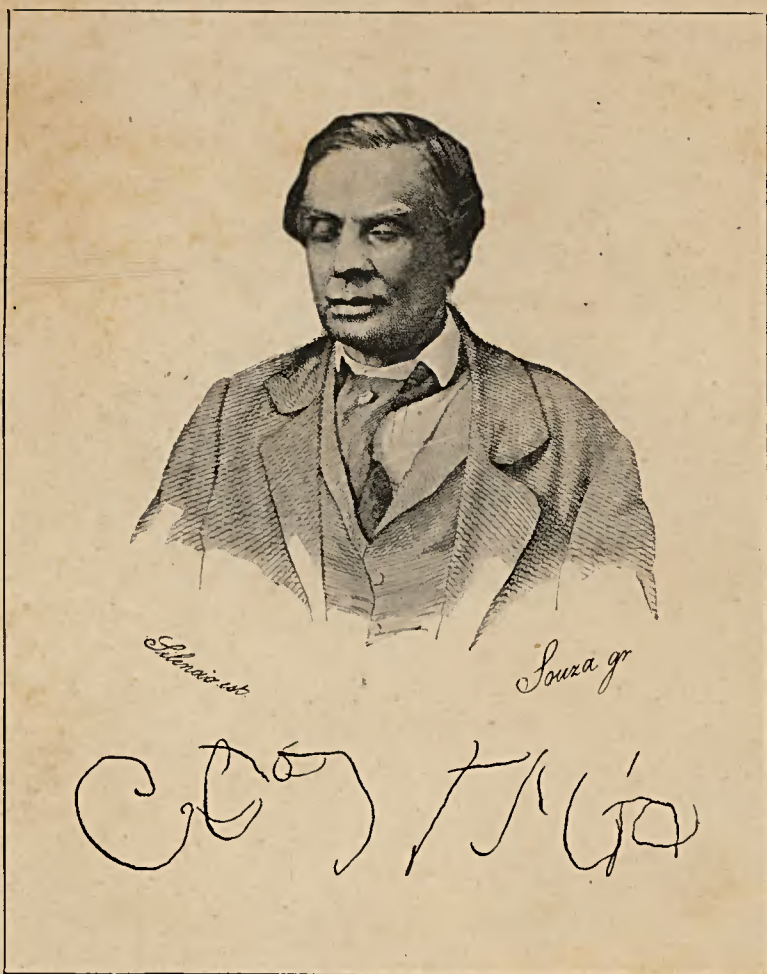
*
* *

Antonio Feliciano de Castilho achava que em 1862, nos domínios do Parnaso, reinava « um silencio gelado » — e acrescentava : « só dois (poetas) que eu saiba, se obstinam em poetar : o primeiro, é Mendes Leal, o mais fecundo dos nossos escriptores...; o outro... (concedam-me não o dissimular) o outro... sou eu que nunca desde todo o principio larguei o culto do bello senão pelo do mais bello; nunca desci do Parnaso senão para entrar na escola... »

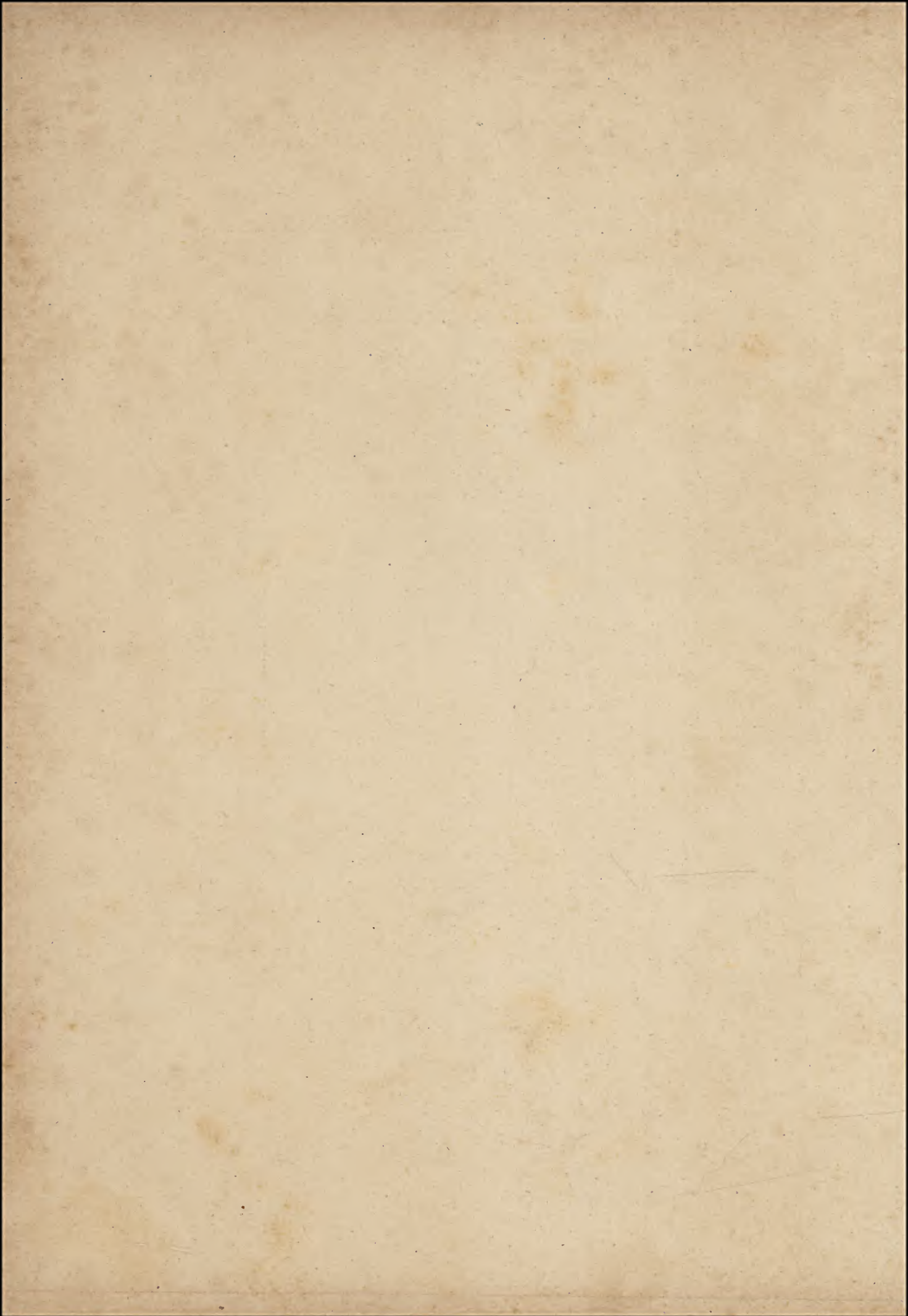
E logo a seguir esta fainosa passagem da *Conversação preambular*, que foi considerada então como o cumulo da immodestia e da vaidade sem limites :

« A cada um a sua tarefa : ao Camões soleinnisar o que fizeram os portuguezes : a Mendes Leal coadjuval-os nas suas empresas ho-diernas ¹ ; a *mim*, preparar-lhes a estrada larga para éras novas, mais felizes que a actual e as preteritas. Tres LUSIADAS, se desiguaes no vulto, *iguaes decerto na manifestação d'amor á patria!* O poema de Camões, merecedor, pela fama que nos grangeou, do monumento que lhe levantamos; o poema de Mendes Leal, não de rimas senão de obras positivas e macissas; o meu, se me não atassem as mãos, que forcejam por executal-o, não de rimas, nem de obras para já, mas de felicidade publica a medrar pelas éras além. *Todos tres estamos*

1. Mendes Leal era n'esse anno (1862) Ministro do Negocios da Marinha e Ultramar.



ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



pagos do nosso patriotismo: todos achámos a ingratidão. Para o primeiro, já chegou a justiça; para os ultimos, ella chegará; se não fôr em vida, será depois; se não vier n'um seculo, virá n'outro; *se não fôr nas folhas avulsas, que vóam, será nas paginas da historia, que ficam.* Quando se goza de taes convicções, póde-se esperar e cantar.

« Por isso nós cantamos, quando tantos outros cantores estão calados. »

Esta liberdade com que Castilho se apresentava como um igual, senão um emulo, de Camões, comparando a sua obra aos *Lusiadas*, e comparando-lhe tambem a obra politica e ultramarina do seu amigo Mendes Leal, se não levantou reparos em Lisboa, onde todos os homens de letras desculpavam, deixando passar em silencio, estes arrebatamentos d'uma desmedida vaidade — levantou-os no Porto.

Foi Ramalho Ortigão quem primeiro appareceu criticando e combatendo acerbamente esta e outras passagens da *Conversação preambular*, em folhetins que ficaram celebres¹ e onde já se revelava a implacavel ironia do futuro redactor das *Farpas*.

Antonio Feliciano de Castilho, depois de enaltecer as qualidades poeticas do *D. Jayme*, passou a divagar pelo assumpto que lhe era então mais favorito — a educação da mocidade. E fallando dos « livros de texto para uso das escolas, quer secundarias, quer mesmo elementares » — tratou de condemnar os *Lusiadas*, recommendando em seu lugar o *D. Jayme*.

Vejamos a argumentação do illustre traductor de Molière:

« Qual é o livro de poesia mais corrente e moente no uso das escolas? — os *Lusiadas*. Satisfarão os *Lusiadas* a todos os requisitos que apontámos, ou á maioria, ou á melhoria d'elles, quando menos?

1. *Jornal do Porto*, agosto e setembro de 1862.



Como ha infinita gente enthusiasmada e intolerante por este magnifico livro, sem o conhecer muito nem pouco, seja-me licito não me louvar na resposta alheia, mas dal-a eu mesmo com a clareza e lisura que taes coisas nos requerem.

.

« Essa epopeia que eu não quero contrapesar com a *Iliada*, com a *Eneida*, ou com a *Jerusalem*, mas que fórma com as tres um dos quatro monumentos epicos mais sublimes, esse poema que o terrivel inimigo de poemas, e de poetas, Prudhon, tanto levanta acima de todos pela grandeza do seu assumpto social e humanitario, esse deposito de tanta sciencia que Humboldt saudava com respeito, esse brilhante sacrario das inextinguiveis glorias portuguezas, essas *horas diurnas e nocturnas* de todos os devotos das Musas, os *Lusiadas*, são intrusos na escola primaria. Na escola primaria são inuteis; são nocivos.

« Como n'este logar só fallo com os superintendentes dos estudos, apontarei razões sem as desenvolver.

« As noticias historicas, estrangeiras e nacionaes, antigas e modernas, fabulosas, sagradas e profanas, accumuladas nos *Lusiadas*, são as mais das vezes tocadas ou alludidas de modo tal, que só um erudito, e a poder de estudos e commentarios, é que as deslinda. Para uma criança apenas alphabeta, são portanto perdidas de todo em todo.

« A inconciliavel mistura das fabulas pagãs com as crenças de que se compõe o christianismo, póde perverter á nascença os salutaes instinctos logicos do bom-senso e do bom-gosto.

« A persuasão moral que se inspira dos *Lusiadas*, é o amor á terra do nascimento; bem está; mas é além d'isso, e muito mais do que isso, o espirito aventureiro e bellicoso, *virtude anachronica*, *serodia*

para o nosso estado actual, escusada, ridicula, perigosa¹; esta que no seu tempo bem podia ser uma das excellencias do poema, o progresso do tempo a degenerou em demerito e vaidade.

« Os bons costumes, escusado é repetil-o, confessam-no todos, são gravemente lesados nos *Lusiadas*. A ilha dos Amores só por si sobraria para os desterrar para bem longe de institutos de puerícia.

« A linguagem dos *Lusiadas* foi a melhor que se podia para o seu tempo; mas o seu tempo já lá ficou para traz ha tres seculos; e fallar hoje como fallou Camões, nem a um velho tonto e pyrrhónico se desculparia, quanto a um viçozinho de sete ou oito annos; e isto é ainda no presupposto de que elle a pudesse entender e tomar; mas não a entende, nem rasteia : adormece, atordoadado com ella, e vai-se a pouco e pouco afazendo á miseravel crença de que se póde lêr só para matar o tempo, e de que os livros, em ultima analyse, pouco mais são que meros sons.

... *inopes rerum, nugæque canoræ.*

« A grammatica mesma, este senso commum da linguagem, que os primeiros instituidores tanto deviam zelar, promover, e dirigir por uma logica pratica e séria para a boa entrada em estudos superiores, a grammatica mesma (sem custo se demonstraria, se necessario fosse) é frequentes vezes offendida nos *Lusiadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhaçouto das figuras e das nimio elasticas licenças poeticas.

« A versificação dos *Lusiadas*, está no caso da sua linguagem; foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metrificar e rimar é

1. O sublinhado é nosso.



hoje totalmente outra e melhorada, e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos ; se ha um que digo que ousava, que me aponte qual é essa estancia phenix que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil.

« Se tudo isto é exactissimo, como cuido, se nem tudo o é, mas o é metade, mas o é a terça parte, que vão fazer os *Lusiadas* psalmeados n'uma escola primaria por um mestre que os não percebe, e discipulos que os não podem perceber? Se entre elles houver por acaso poeta implume, predestinado para aguia, viciaram-lhe com um poema, aliás maravilhoso, mas não feito para elle n'aquella idade, a verdadeira educação poetica. A todos os mais rapazinhos, plebe de espiritos e semi-espiritos para a prosa, de que serviu esta comedia de falsa homenagem a um genio, que tem tantos outros muito melhores e mais authenticos titulos que lhe abonam a immortalidade?

« Nenhuma d'estas desconveniencias se póde reprehender na epopeia de Thomaz Ribeiro. Todos assim o proclamam quando a tiverem concluido ; é um d'estes bons livros que se deixam lêr, se fazem relêr, se não largam senão depois de decorados, e nos deixam com o que quer que seja de melhor no interior.

.....

« Aqui está o livro que deve ser imposto ás escolas amanhã e já hoje; até para que se encontre n'ellas alguma coisa de amoravel e sympathico.

« Bem vêdes, que vos dou por um portuguez outro portuguez ; se maior, se menor, não o podemos julgar nós que o temos vivo e presente. Lá n'outros seculos o decidirão. O que eu sei que lhe falta para que lhe liberaliseis summa veneração, e não lh'o desejo todavia, é que

as exalações do tumulto o tenham idealizado. Se o Camões andasse por ahí hoje entre nós, se o encontrásseis quotidianamente no Gremio e no Passeio Publico, no Martinho e em S. Carlos, um raio escache as minhas seis arvores dentro de um quarto de hora, se fallando-vos alguém de lhe levantar monumento, vos não desfazeis a rir como uns perdidos.

« Ora pois : se isto é assim, comecemos a aprender um pouquinho tambem de justiça para com os vivos; não adiemos toda a gratidão para depois de trezentos annos. »

Eis as passagens que tamanha celeuma provocaram. E ninguém em boa consciencia e com absoluto respeito pela verdade, poderá escrever a historia da litteratura portugueza, no século XIX, sem se dar ao trabalho de ler attentamente tudo quanto se escreveu em 1862, de julho a dezembro, por causa do *D. Jayme* e da sua « Conversação preambular ».

Ao primeiro folhetim de Ramalho Ortigão criticando as vaidades poeticas e algumas das heresias camonianas de Castilho, e analysando sob o ponto de vista da arte e da moral o poema de Thomaz Ribeiro, respondeu Pinheiro Chagas n'um folhetim da *Revolução de Setembro* (agosto de 62) folha então redigida por Antonio Rodrigues Sampaio e Teixeira de Vasconcellos.

Se a resposta de Chagas foi azeda, não o foi menos a replica de Ramalho, no mesmo *Jornal do Porto*, resultando um antagonismo litterario entre os dois escriptores, e que só bastantes annos depois veio a dissipar-se, com a convivencia de Chagas e de Ramalho na Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que o primeiro era secretario, de que o segundo ainda hoje é empregado superior.

Mas não foi só Pinheiro Chagas quem refutou o terrivel folhetim de Ramalho Ortigão ; — foi tambem José Feliciano de Castilho, em

folhetins do *Constitucional*, do Rio de Janeiro, onde o irmão do poeta residia, folhetins que Teixeira de Vasconcellos transcreveu na sua *Gazeta de Portugal*, nos numeros de 11 a 29 de novembro de 1862.

Em resumo : a apparição do *D. Jayme* deu origem a uma das mais apaixonadas batalhas litterarias do nosso seculo; e foi este o ponto de partida para a temerosa lucta que pouco tempo depois se havia de travar entre a escola coimbrã e a escola de Lisboa — a chamada campanha do « bom-senso e bom-gosto ».

O *D. Jayme* é um dos mais perfeitos exemplares da segunda maneira do *romantismo* em Portugal; é a expressão do ideal, do sentimento e do gosto, n'uma determinada epoca da vida litteraria portugueza. Era assim que se sentia e se cantava em 1860.

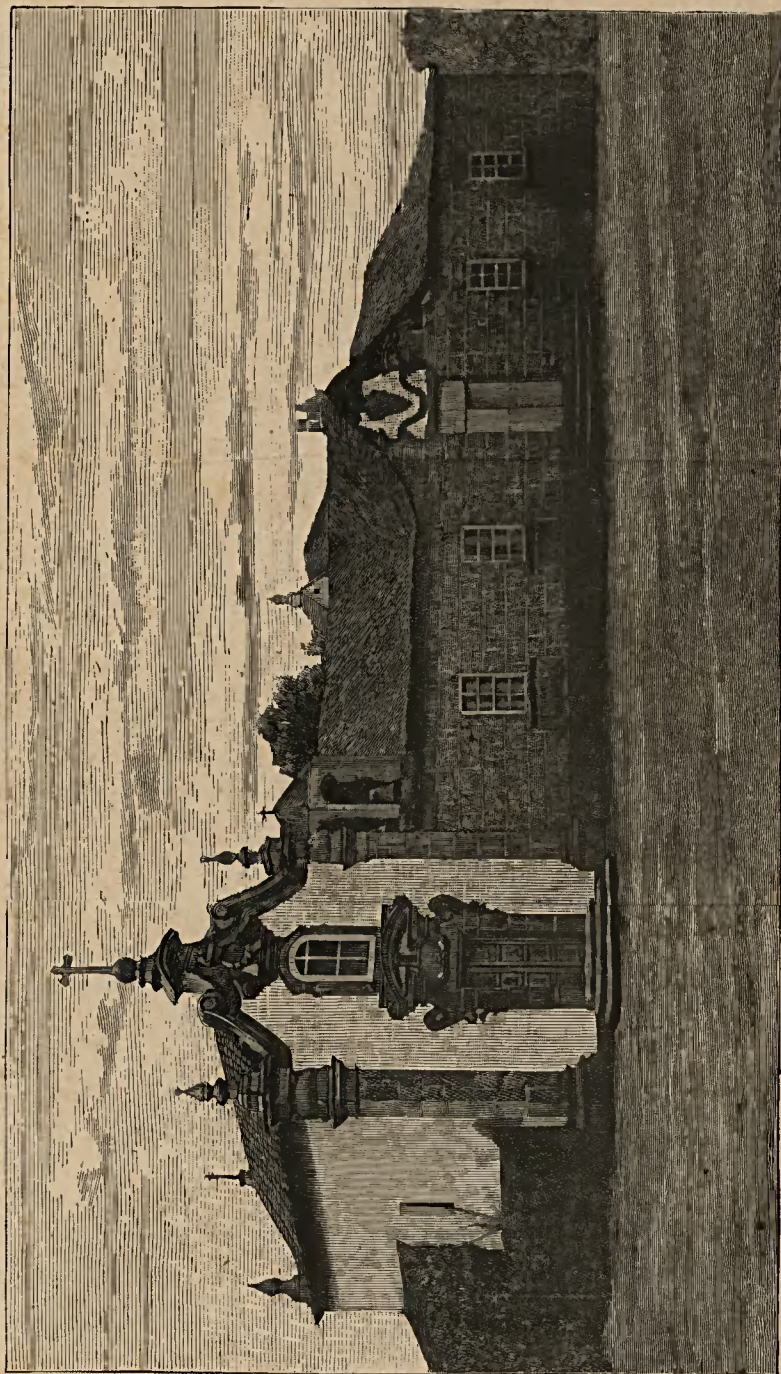
Por isso o *D. Jayme*, apesar de todas as naturaes transformações do gosto litterario, apesar de todas as evoluções porque passam os ideaes poeticos, ha de ficar — como obra d'arte e como documento historico.

*
*
*

Já vimos, no começo d'este volume, a bella invocação « A Portugal », com que abre o poema.

Essa invocação achia-se impregnada do mais puro e alevantado patriotismo; sente-se em toda ella não só a alma d'um poeta, mas tambem o palpitar d'um coração português, apaixonado pelo seu « jardim da Europa á beira-mar plantado » — por esse canto perfumado do Occidente, berço de heroes, berço de poetas, por esse pequeno paiz que soube encher o mundo com o esplendor das suas façanhas e do seu genio.

A proposito d'esta invocação; escrevia Teixeira de Vasconcellos, o



No centro, grave e campeiro
se ergue o palácio da aldeia.
.....
No centro, por sobre a porta

um braço de fidalguia,
e, para o lado oriental,
uma formosa capella
tão vistosa e festiva,

que não se encontra mais bella
n'outra aldeia em Portugal.
(*D. Jayme, Canto I.*)

« D. JAYME ». — A CASA DE D. MARTINHO D'ACULAR (Parada de Gonta).

brilhante jornalista e elegante prosador portuguez, cuja auctoridade nunca é de mais citar :

« A verdadeira biographia d'elle (do poeta) está n'esta poesia. Primeiro, fervente amor á patria; logo, profunda admiração do Camões; depois, terna e magestosa poesia, inspirada por elle e vasada nos mais apurados moldes da arte moderna¹. »

E n'outro folhetim — em forma de carta a Sampaio — escrevia ainda Teixeira de Vasconcellos :

« Emquanto os cerros da Beira produzirem poetas como este, não temos que receiar pela independencia de Portugal. Não ha melhor transumpto do espirito popular nem mais poderoso condensador d'elle, do que a poesia. Leia o poema de Thomaz Ribeiro e ficará sabendo quaes são os sentimentos das provincias do reino ácerca da conquista da nossa terra pelas armas, com que de vez em quando nos ameaça, creio que por brinquedo, algum periodico de Hespanha. Deixe passar o tempo, e quando em edições populares tiver aprendido o povo os cantares do nosso poeta, verá como a poesia condensou o patriotismo de cada um, para dar invencivel espessura ao patriotismo de todos. Assim aconteceu com os *Lusiadas*. Assim ha de succeder com o *D. Jayme*². »

O que acaba de ler-se não é mais do que a confirmação do que tempo antes escrevia Castilho a proposito do *D. Jayme* :

« Quando epopeia nacional lhe chamo, mais não faço que anticipar-lhe o nome, com que a ha de saudar a posteridade³. »

Folheando a extinta *Revista Contemporanea*, que floresceu em 1862, e de que era director Ernesto Biester, encontra-se assignada

1. *Revolução de Setembro*, 14 agosto 62.

2. *Revolução de Setembro*, 23 agosto 62.

3. *D. Jayme*. Conversação preambular.

R. Carlos Montóro, uma escrupulosa critica do *D. Jayme*, onde se lê o seguinte :

« Ha muito de Lamartine nas melancholicas canções de amor da sua narrativa, ha muito dos contrastes rapidos e vagos de V. Hugo nos quadros que esboça, e Byron lá vem glorificar com seus sorrisos de escarneo os vicios do prevertido, ou a audacia do facinora¹. »

Em apoio do que a critica disse, vem aqui de molde transcrever algumas das passagens mais celebres do poema, e que mais populares se tornaram em Portugal e Brazil.

Ouçamos primeiro esta deliciosa narrativa que faz parte do canto I :

1. *Revista Contemporanea*. Tomo IV, pag. 261.





Um dia . . . quando não sei ;
fui vêr as gastas ruínas
d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que, apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa
e, ornado do verde brilho,
lambrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abysmo pendurados,

porém suspensos no ar.
Barbacãs, desamparadas ;
as torres, desconjuntadas ;
como folhas desligadas
da flôr que se vai finir.
E perguntei : — « Que portento,
pedras que balouça o vento,
já sem prumo, e sem cimento,
vos tem suspensas no ar ?... » —

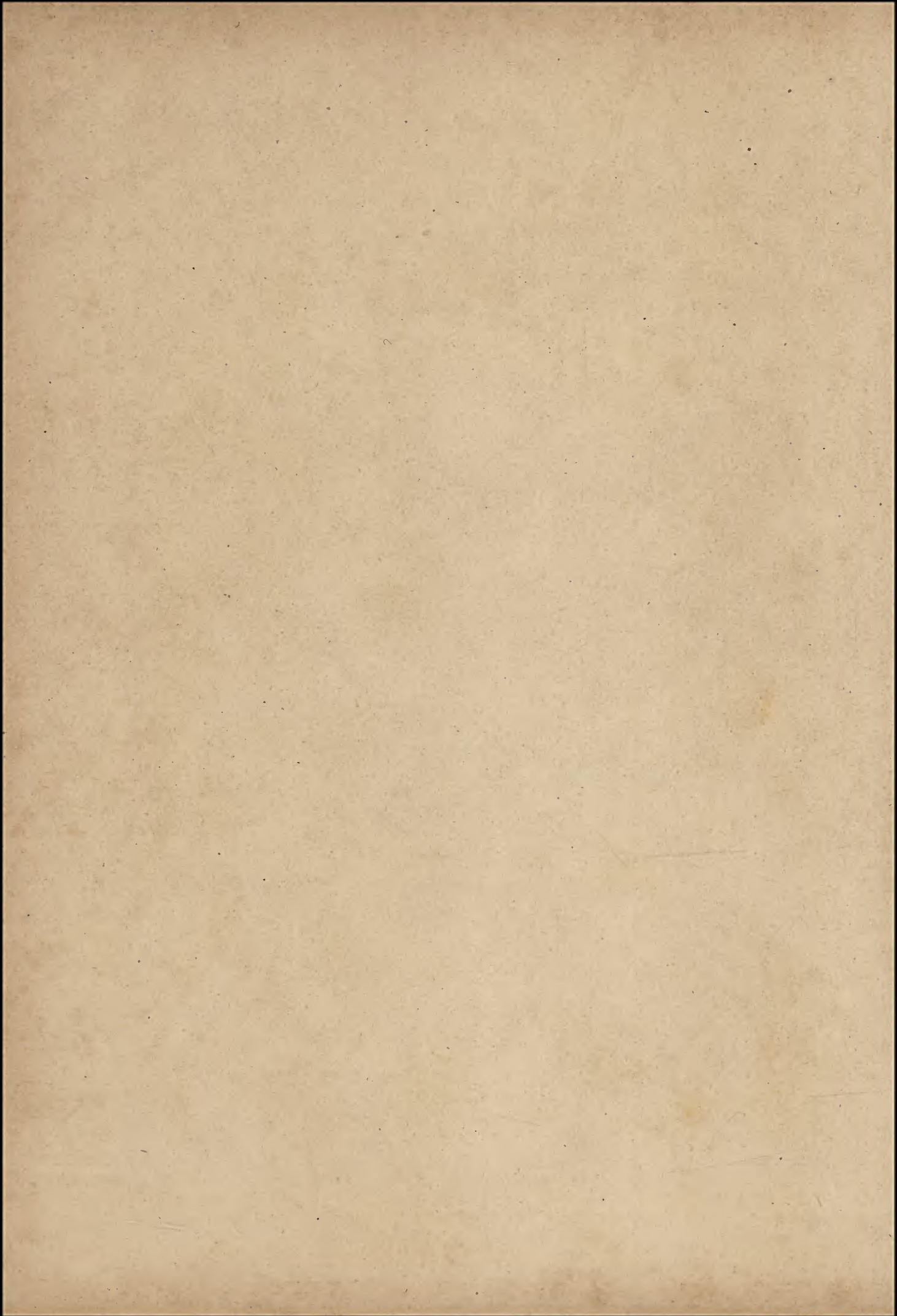
A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu ;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu ;
entre cada fenda estreita
uma vergontea se ageita ;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se e venceu !
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor ;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor ;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,

ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacãs;
recurvaram as ameias;
ligaram rijo pilar
com mil nodosas cadeias;
e o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
vin, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida;
força, a quem lhe deu vigor.

— São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor. —

Este primeiro canto, bem como o segundo constituem a apresentação dos personagens, e são a parte mais acentuadamente lyrica do poema. O poeta compraz-se em cantar o amor, a mocidade, a vida simples, serena e clara como um dia de primavera, sem agitações, sem uma nuvem.

O canto II do *D. Jayme* abre d'este modo, seguindo-se-lhe pouco depois o famoso canto intitulado — *Flores d'Alma* :





Que idade florída e bella
a dos vinte annos! — Não é?!
ornada, embora singela,
de crenças, de esp'rança e fé;
em que dorme a austera e fria
luz da prosaica razão,
e ostenta soberania
infinita o coração!
em que o mancebo tem sonhos
de fabulosa extensão,
altivos, nobres, risonhos...
Que bem fadada illusão!

Dos vinte annos a magia
quem pôde roubar-m'a assim?
Que é dos olhos com que eu via
em cada cêrro um jardim?
em cada gruta encantada
linda moura namorada,
com thesouros para mim?
em cada fonte uma fada?

em cada casa um festim ?
em cada peito um abrigo?
um céu em todo o viver ?
um irmão em cada amigo ?
um anjo em cada mulher ?
alta sina em cada estrella
e em tudo nobreza e fé ? !...

Que idade florída e bella
a dos vinte annos ! — Não é ? !

A dos dezoito, é da vida,
fresca, plena primavera,
rósea grinalda, embebida
de aroma que não se altera ;
mansa fonte crystallina,
em que se mira constante
uma imagem peregrina,
que em si mesma vive e mora ,
que a si mesma tem diante ;
que se festeja e sorri ;
que basta só para si,
e que a si propria namora.
Mimo tal da natureza
não tem maldosa dobrez ;
tem força na singeleza,
orgulho na timidez.

Inda os tristes desenganos
lhe escondem seu negro arcano.





As flôres d'alma que se alteiam bellas,
puras, singelas, orvalhadas, vivas,
tem mais aromas, e são mais formosas,
que as pobres rosas n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,
lucida chamma, sem o ardor que mata ;
banham-lhe as hastes, retratando as fontes,
limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade ! nos vergeis suaves,
Cantam as aves, sem cessar, amores.
Se ha céu na terra, se ventura ha n'ella,
d'alma singela se achará nas flôres.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
de mil venturas mensageiras bellas,
se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,
corra o mesquinho por amor trahido,
quando o remorso lhe não turbe a calma,
nas flôres d'alma ha de encontrar o olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,
sem vêr as plagas em que almeja um porto.
embora o matem cruciantes dôres,
d'alma nas flores achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,
d'um mundo falso os areaes percorre,
quando lhe entregam do martyrio a palma,
às flores d'alma se encommenda, e morre.

As flôres d'alma são bellas,
mesmo sem terem cultura;
não ha silveiras entre ellas
nem goivos de sepultura.

Têm uma só primavera
estes amenos rosaes,
uma só; — ninguem pudera
reverdecel-os jámais,



ou quando os congele o frio,
ou quando os queime o tufão,
nas chammass d'um desvario,
na campa d'uma paixão.

Quando ás tormentas da vida,
em que alma e corpo abismára,
refoge o gasto suicida,
o tiro que elle dispara
com fria, gelada calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirradas flôres d'alma.

Antes de passar a outras transcripções do *D. Jayme*, para que o Leitor possa fazer uma ideia exacta das bellezas litterarias e da intenção moral do poema, convém dizer que ideia presidio á sua formação. E' o proprio poeta quem falla :

« Nos dois ultimos annos da Universidade que deixei em 1855, começava a fallar-se em Coimbra em *união iberica*; os meus brios de portuguez aconselharam-me a escrever contra a tal ou qual propaganda que se queria insinuar entre nós.

.

« Não digo bem : o meu plano era para dois poemas, um dos quaes fosse de alguma sorte o complemento do outro. O primeiro, é este que se passa sob a dominação de Castella, e chega á vespera da revolução de 1640; o segundo, que devia ter por objecto a restauração de Portugal, começaria em 1640, e chegaria até á consolidação da nossa independencia. Aos que me arguiram de eu não cantar a restau-

ração e de não tomar por heroe a João Pinto Ribeiro, ou ao duque de Bragança, fica dada a resposta.

.

« No meu *D. Jayme* tive pois em vista apresentar em ligeiro esboço as duas nações Castella e Portugal, nas duas familias Aragão e Aguilar. N'aquella, quiz symbolisar a oppressão, a insolencia, a injustiça, a espoliação, a intriga e a traição.

« Na familia Aguilar quiz representar a victima de todos os flagícios, notando uma por uma as phases da sua agonia.

« Porque não apresentei em vez de duas familias as duas nações?

« Por dois motivos : primeiro, porque me pareceu que a missão da historia não é a mesma do poema; que devia ser unico, porque não quiz.

« Comtudo respeitei a physionomia da historia d'aquelle tempo, mais escrupulosamente do que era minha obrigação, porque não prometti a ninguem um poema historico ¹ ».

Effectivamente o *D. Jayme* não pode ser classificado rigorosamente de « poema historico », mas sim de phantasia historica, como de « dramas historicos » tambem não podem ser classificadas certas peças de Victor Hugo, como o *Hernani* e o *Ruy-Blas*. E alludindo agora aos dramas de Victor Hugo, o que parece extranho é que ninguem em 1862 se lembrasse de notar uma tal ou qual analogia que existe entre o *D. Jayme* e o *Hernani*. Por acaso seriam ignoradas da critica as obras theatraes do cantor da *Légende des siècles*?

Pois quanto mais se lê o *D. Jayme* mais se encontra um grande parentesco entre *D. Jayme* e *Hernani*, irmãos na audacia, nas loucuras,

1. *D. Jayme*. Prologo da 2ª edição, pag. XXXII e XXXIII.



na bravura e na paixão amorosa; D. Martinho d'Aguilar é uma veneranda e magestosa figura que muito se assemelha á de D. Ruy Gomez da Silva, do *Hernani*; a scena de D. Martinho com os representantes da justiça de Castella, tem a mesma grandeza theatral da famosa scena de D. Ruy Gomez recebendo em sua casa o rei de Hespanha; e, finalmente, quantos pontos de contacto, e que egualdade de character e de temperamento, entre a Dona Sol do *Hernani* e a Estella do *D. Jayme*?...

« O filho primogenito de D. Martinho foi um santo rapaz emquanto viveu tranquillo á bôa sombra das arvores de Parada. Depois mudou para seductor, ladrão, traçociro, bebado e perdido de costumes. Mas quanto mais depravado, ebrio, desleal, roubador e vicioso se nos apresentar, mais vigorosa nos mostra a força que, de honrado que era, o reduzio a tão misera condição. Ora essa força que nos tribunaes criminaes se chama *circumstancia attenuante*, e tempera o rigor da justiça quando o não affasta inteiramente, era a dominação castelhana, o orgulho insensato dos vencedores e a reacção muito natural dos vencidos¹. »

..... :

« Não conheço em Portugal, nem fóra d'elle, poeta de cujos versos mane tão natural sentimento de ternura, tamanha meiguice no dizer. Quem não chorou lendo ou ouvindo recitar o poema de Thomaz Ribeiro, carece da primeira qualidade necessaria para apreciar as obras poeticas, e não pode criticar esta. A critica do *D. Jayme* faz-se com as lagrimas nos olhos e a despeito d'ellas. A que não fôr assim, será forçosamente injusta². »

1. Teixeira de Vasconcellos. *Revolução de Setembro*, 5 set. 62.

2. Teixeira de Vasconcellos. *Revolução de Setembro*, 19 set. 62.

O *D. Jayme* appareceu a lume em julho de 1862. Em setembro d'esse anno estava completamente esgotada a edição em Portugal, e no Brazil desapareciam todos os exemplares. « Varios poetas e homens entendidos do Rio, tendo-se reunido para ouvirem ler o poema, de tal enthusiasmo se deixaram possuir, que logo ali assignaram uma felicitação para ser enviada ao sr. Thomaz Ribeiro, que nenhum d'elles conhecia de nome ou de pessoa ¹. »

*
* *

Antes de passarmos á transcrição d'alguns trechos da parte verdadeiramente dramatica do *D. Jayme*, parece-nos interessante determo-nos por um momento na contemplação do retrato d'Estella, tal como o pintou o poeta e o traduz a nossa gravura.

Estella foi, como sabem, a grande paixão de D. Jayme d'Aguilar, paixão fatal que o arrastou a todos os desvarios, e que o fez acabar na fôrca.

1. Teixeira de Vasconcellos. *Revolução de Setembro*, 24 set. 62.





Resta esboçar aqui um rosto meigo,
uns olhos scintillantes como estrellas;
requebros mais gentis, faces mais bellas
nem Phidias as sonhou, nem Raphael.

Tinha os cabellos negros como a noite,
levemente morena a face pura;
para pintar do collo a formosura
não ha côres na terra, nem pincel.

Finas as sobrancelhas arqueadas;
o braço torneado; a mão de neve;
o pé, que mal se vê, inquieto e leve;
uns olhos que irradiam fogo e luz;

labios que pedem beijos calorosos :
metal de voz suave e namorado...
Julgai um anjo assim, tereis achado
o typo mais sympathico, o andaluz.



Apresentado o typo da heroina, d'essa formosissima Estella a quem os irmãos deram a morte para não a verem casada com um portuguez, e a quem roubaram a filha recém-nascida para que d'esse amor fatal desaparecessem todos os traços que pudessem offender o orgulho dos de Castella, — admiremos uma das passagens mais bellas do poema, o monologo de D. Jayme sobre o tumulo da desditosa amante.





Quem fosse á *Quinta do Bosque*
n'essa noite á meia noite,
lá o achára ajoelhado
sobre o sepulchro ignorado
da triste, misera Estella,
sem temer do vento o açoite
que lhe arrasta o manto ondado
como ao genio da procella.

E taes vozes lhe escutára
sahir do peito dorido,
mãos postas, rosto pendido :

— « Pomba da minha paz, porque morreste,
deixando-me tão só na arca sem rumo
sobre infinito mar ?

Pomba, tantas esp'ranças que me déste,
queima-as o desespero ; e o lume, e o fumo,
fazem-me suffocar !

Anjo meu guardador, porque fugiste,
deixando o desgraçado companheiro
em tanta solidão ?

Fiquei perdido e só, cansado e triste ;
ninguem sabe acolher pobre estrangeiro
sem lar, sem afeição !

Menina dos meus olhos, que é do fogo
que te cercou de chammas tão brilhantes
a fronte divinal ?

Foi de instantes a luz, sumiu-se logo ;
mudaram-se-me os quadros cambiantes
em noite sem fanal !

Ando sem norte aqui, anjo formoso,
a cumprir o rigor do meu fadario
sem treguas e sem fim.

Fez-me um convite o coração luctuoso ;
chamava-me hoje um triste anniversario...
e de bem longe vim...

Faz hoje um anno que as flôres
alvas, da côr do jasmim,

d'esse teu seio de amores,
se cobriram de carmim.

Que ás tuas faces mimosas
combinadas do martyrio,
cobriram frescura e rosas
as rôxas tintas do lirio! . . .

Faz hoje um anno; contei-o
nos estos da minha dôr,
que te escavaram teu seio
para arrancar tanto amor!

Emquanto me alenta a vida
a febre do meu fadario,
serei junto d'esta ermida
ás horas do anniversario.

Embora o mundo me impeça,
tenha eu mares a vencer,
nada fará que me esqueça
do teu sepulchro, mulher!

Meu pai, acabo de vêl-o
nas contorsões da demencia,
sentado sobre o escabello
da mais escura indigencia.

Meu irmão, em sólo estranho;
eu, sem saber onde vá!



Não ha martyrio tamanho
em todo o mundo! . . . Não ha.

Mas vês tu? eu vivo, Estella!
e vivo aqui sem vingança . . .
São influxos d'uma estrella
prodiga em raios de esp'rança.

A nossa filha, engeitada
por teus irmãos, não morreu!
bem sabes, alma adorada,
que a não achaste no céo!

Por ti, busquei a guarida
de teus irmãos tão ferozes;
por ella, deixei a vida
aos teus cobardes algozes.

Pobre filha! n'este mundo,
sem ter o abrigo d'um pai! . . .
ao pé d'abysmo profundo
em que ella resvala e cáí! . . .

Vou de pousada em pousada,
estudando a rosto e rosto,
desde o sol posto á alvorada,
desde a alvorada ao sol posto!

Já sonhei que d'entre abrolhos
a tomei nos braços meus;

tinha os labios, tinha os olhos,
Estella, que foram teus!

De fome e frio chorava
a minha pobre menina!...
Vou vêr se um echo da *Cava*
o berço d'ella me ensina.

Tu, que és martyr, minha Estella,
tu, que estás ao pé de Deus,
pede, pede-lhe uma estrella,
que me illumine dos céos.

Deixo-te, sombra querida,
que me impelle o meu fadario.
D'hoje á um anno, ao pé da ermida,
ás horas do anniversario. »

Abre o canto V do poema com a famosa poesia a Lisboa, da qual as primeiras quadras raros leitores haverá que não saibam de cór. Reler esses versos é tão agradável ao espirito, como ao nosso coração rever um sitio amado, onde se passou um episodio alegre da nossa existencia.

Em seguida vem a abertura do canto VI, que é onde mais se encontra, na phrase do critico da *Revista Contemporanea* « muito dos contrastes rapidos e vagos de Victor Hugo ».

E terminamos a serie das transcripções do *D. Jayme*, com o mais pathetico dos seus trechos, a carta que Estella escrevia á filha, momentos antes de chegar a morte. Esse trecho é sem duvida dos mais bellos, dos mais apaixonados, dos mais sentidos do poema. Teve

o condão de fazer brotar muita lagrima ; muitas mães choraram lembrando-se d'um ente querido que a morte lhes tivesse arrebatado.

Muitos poetas teem gosado de grande fama litteraria. Mas nenhum ainda conseguiu, na segunda metade d'este seculo, fallar tanto ao coração do grande publico como Thomaz Ribeiro, com o seu *D. Jayme*.

Essa gloria ninguem lh'a pode contestar, porque ninguem ha que se atreva a negar factos que são do dominio da nossa historia litteraria...





Era a suprema orgia em sua imagem sordida!
(*O. Japne*, canto viii.)

O ENRIQUE. — Composição de SANTIAGO ARCO.





LISBOA. — *Vista da Praça do Commercio.*

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena ;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dôr, que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude.

Rainha do Occidente envolta em sêdas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins e de alamedas,
rica de joias, ouro, e formosura.

Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo ;
dominadora altiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo.

Arvore, a cuja sombra augusta e santa
ao gêlo foge e ao sol a flôr nascida ;
onde o cinzel co'a lyra afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida.



Onde o presente se protrae de rastos
e o germen do futuro altivo medra
entre os escombros carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na florecida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas :
protectora de glorias estrangeiras,
desprezadora só das que são tuas.

Chamam-te em vez de mãe, madrastra ingloria
do genio que te pede amparo e vida;
emquanto lês com pasmo a alheia historia,
sem te lembrares... ai! de que és suicida!

Dizem que te seduz traidora estrella,
egoista, fatal, vergonha infinda!
a lançar-te nos braços de Castella,
que tanto quiz matar-te e o espera ainda!

Sedução de europeis! soberba insana!
Patria, não posso crêr por honra nossa!
Quem prefere a libré palaciana
á pobre independencia de uma choça?



Rev.

Quem póde crêr a Hespanha?! ó patria, acorda!
não desdenhes o grito do alaúde,
que estalará por ti corda por corda,
que é portuguez fiel, embora rude!

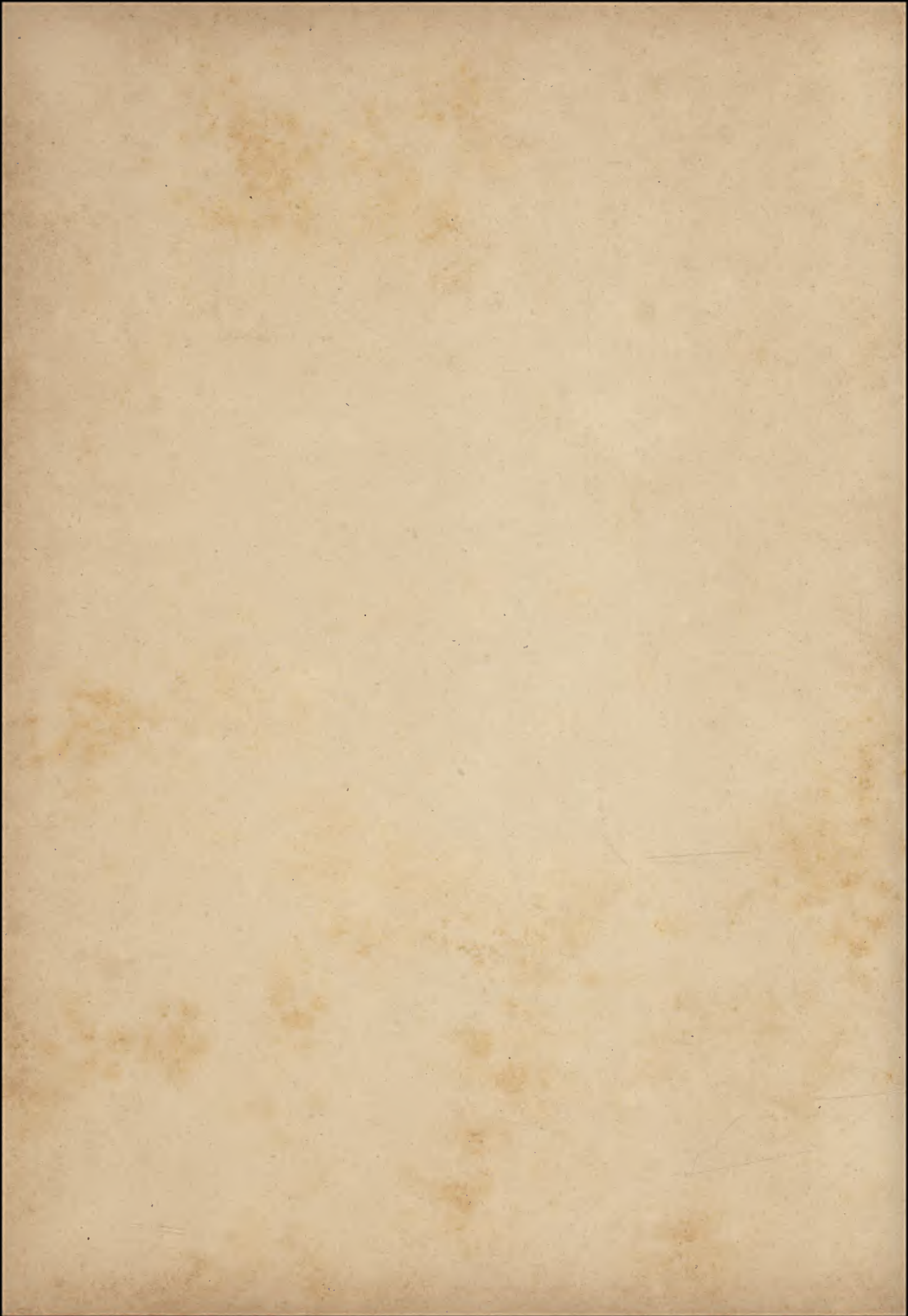
.

De Lisboa os monumentos
quem vos pudera pintar!
as igrejas, os conventos,
o Tejo, as torres, o mar
bordado de naus aos centos
de mil diversas bandeiras!
Essas praças galhofeiras,
esses largos, esses caes,
o vozear da cidade,
e a solemne magestade
dos velhos paços reaes.

.



(Parte superior de arco da Rua Augusta.)





Vingança! monstro informe, que se nutre
com supplicios crueis que inflige e vê;
tem cabeçã de tigre, azas d'abutre,
e garras de panthera em cada pé.

A cauda, é de serpente : e tal se arrasta
reptil nojoso pela serra e val';
assim, vôa, fareja, uiva, devasta,
assim, raiva nas rôscas da espiral.

Nos olhos encovados, ferve o sangue ;
na bôca, se lhe aninha a malvadez ;
na garra contrahida, a morte exangue
arqueja de faminta, e espia a rêz.

Ai do homem que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
quiz afogar a dôr que a tanto obriga,
e ao social banquete festejado
foi pedir de beber!...

O jantar social é uma orgia;
cada lugar, um leito de impureza;
cada riso, um baldão!
onde faz de bacchante uma duqueza;
onde faz de comparsa a mediania;
e um rei faz de histrião!

Preside à mesa o sórdido Egoismo,
cortejando as paixões dos seus convivas
na torpe bacchanal,
onde trasborda em gotas corrosivas
o veneno lethal do mundanismo,
das taças de crystal.

O monstro sanguinario da vingança,
disfarçadas as garras e a cabeça,
tem lugar d'honra ali.
Qual do inferno de Dante a porta espessa :
—*Oh vós que entraes, deixai cá fóra a esp'rança,*—
ou não entreis; fugi!

Gota a gota nas taças transparentes
cae a baba pestifera, nojosa,
d'esse monstro fatal!

Lá, se infiltra o veneno em cada rosa;
lá, se exhaure dos lumes recedentes;
do vinho; do crystal!

Ai do homem, que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
para afogar a dôr que a tanto obriga,
no social banquete festejado
entrou, e quiz beber!...

Do relógio da vida, estala a corda;
para a existencia bonançosa e rica
do infeliz que bebeu!
O cahido ponteiro nos indica
que uma vida chegou do abysmo á borda;
que um'alma se perdeu!

Outro relógio então, o do delirio,
saltitante, veloz, descompassado,
na incerta rotação,
marca os baques do homem despenhado;
as tenebrosas phases do martyrio;
os estos da paixão!

A vertigem, alenta-lh'a a peçonha;
do crime o sorvedouro abre a garganta...
o possesso calhiu
no vortice infernal que o não espanta;
desce, e se abysma na espiral medonha,
e nunca mais surgiu!

De quéda em quéda, ao mundo dos horrores,
pobre estrangeiro que ninguém conhece
poude chegar emfim!...

Vigia as trevas luz que se amortece!...
O chão se alastra de pisadas flôres!...
São restos d'um festim!...

Membros dispersos das humanas rêzes!
Mulheres nuas!... Homens estirados,
na mão firme o punhal,
dormem somno febril de condemnados,
rouquento o resfol'gar!... Eram as fezes
do festim social!

.
.

Ai do homem que em dia malfadado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
para afogar a dôr que a tanto obriga,
de sobre a mesa um copo envenenado
tomou e ousou beber!





Vae, filha! os anjos te recebem todos!
guarda os segredos que me ouviste aqui.
Quando avistares do Senhor a sede,
por mim lhe pede, que também morri.
(D. Joane, canto ix.)

COMPOSIÇÃO DE SANTIAGO ARCOS.





A victima infeliz d'improba sorte,
vêde o que ella escrevia á triste filha,
momentos antes de chegar a morte :

— « Filha ! não posso agasalhar-te em vida ;
rosa pendida que te vaes finar !
quem te arrancára d'essas mãos ferozes
dos meus algozes, que te vão matar !

Á campa vamos ! Ai ! depois da morte,
quem sabe a sorte a que estas almas vão !...
Que aneio ! filha ! que toldado abysmo !...
tu... sem baptismo !... e eu... sem confissão !...

Não ! Deus é pai ! sómente os maus condemna !
Foi por quem pena, que penou Jesus !
Sejam meus prantos do baptismo as aguas !...
Deus ! pelas mágoas que te deu a cruz !

Vai, filha ! os anjos te recebam ledos !
guarda os segredos que me ouviste aqui.
Quando avistares do Senhor a séde,
por mim lhe pede, que tambem morri !

Vai ! Dize aos anjos que te dêem seus cantos,
por estes prantos que os meus olhos têm !
e se em mim perdes maternal ternura,
a Virgem pura que te seja mãe ! ...

Ai ! flôr de neve com doirada côma !
que alvor ! que aroma ! se não perde aqui !
Ai ! rosa minha de matiz vestida ;
que amor ! que vida ! que eu sonhei por ti !

Ten pai, rojado por ingloria senda,
que vida horrenda viverá tambem !
rico inda hontem, poderoso e nobre !
hoje tão pobre, que nem nome tem !

E eu fui a sombra que toldou de escuro
todo o futuro que o verá viver !...
Eu fui a estrella que em lôgar de norte,
he aponta a morte que o fará morrer !

Aos meus perdão, que me deram tratos;
raça de ingratos! com quem eu vivi!
Não choro os dias que sonhei serenos...
que em paga ao menos, morrerei por ti.

A ti, a elle, deixarei sómente,
n'um beijo ardente o derradeiro adeus!
Correi, algozes! já me não confranzo!
martyr e anjo, tem direito aos céos! »

Para final d'este capitulo, nada pode vir mais a proposito, em primeiro lugar, do que o resumo critico do *D. Jayme*, pelo proprio poeta. Ouçamol-o :

« O que é o meu livro? poema lhe chamei eu, porque é escripto em verso. A que escóla litteraria pertence? a nenhuma, que eu saiba, mas aparenta-se com a hespanhiola. Porque adoptei aquella fórma? não a estudei, achei-a naturalmente escripta. A phantasia, que eu deixei correr liberrima, creou-a assim por sua conta e risco.

« O poeta não póde ter sobre a sua mesa de trabalho nem codigos, nem regoas, nem compassos.

« E' o *D. Jayme* a `copia fiel da historia dos sessenta annos da dominação castellhana? não. O meu amigo Casal Ribeiro, no seu ultimo eloquente discurso proferido na Camara dos deputados, chamou-lhe *philosophia da historia d'aquella época*.

« Quiz significar n'elle receios e intuitos futuros?...

« Perdoai a franqueza d'um utopista : o meu livro parece o epilogo d'uma historia, e o prologo d'uma prophecia¹ .»

1. *D. Jayme*. Prologo da 2ª edição, pag. LII.



E ouçamos, pela ultima vez, a voz auctorisada de Teixeira de Vasconcellos :

« Foi o pensamento do sr. Thomaz Ribeiro avivar o amor da independencia nacional, mostrando como a dominação estrangeira, além dos males que causára no reino, por tal fôrma vexára a sociedade no seu viver mais intimo, que viera a transformá-la em criminosos os homens mais propensos a seguirem o caminho da virtude, como as desordens da rainha D. Leonor Telles e do conde de Andeiro obrigaram o mestre de Aviz a ser homicida, e como a conspiração dos fidalgos converteu o principe perfeito D. João II em assassino de seu proprio cunhado¹ ».

E' escusado encarecer mais o valor litterario e o valor patriotico do poema de Thomaz Ribeiro. Esse poema, tornamos a repetil-o, marca uma epoca litteraria em Portugal, no decurso de seculo XIX. E o sentimento nacional, eminentemente portuguez, que o anima, faz do *D. Jayme* um livro por todos os titulos digno do nosso respeito e do nosso applauso.

Para concluir, vamos offerecer ao Leitor amante de curiosidades litterarias uma verdadeira preciosidade archeologica, uma poesia datada de julho de 1862, e assignada M. Pinheiro Chagas, poesia que o acaso fez que encontrassemos em antigos volumes existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

1. *Revolução de Setembro*, 5 set. 62.





A THOMAZ RIBEIRO

Depois da leitura do seu poema « D. Jayme ».

N'esta éra fatal, em que o feroz egoismo
do bom, do bello, o amor gela nos corações
e abafa a grande voz do ardente patriotismo
que á patria deu um mundo, e ao mundo deu Camões!

ouvindo a tua voz toda doçura e incanto
cheia d'inspiração vibrar com altivez,
ignorado cantor vim dizer-te : o teu canto
é sublime, poeta, é nobre, é portuguez!

Ergueste a casta musa, a virgem radiante
do torpe lodaçal, em que se vae rojar!
Adoravam-n'a alguns transformada em bacchante,
Musa de seio nu! Musa de lupanar!

Mas, quando se dissipa o fumo d'essa orgia,
em que incensaram (vis!) Pieride venal,
morre o brilho fugaz; mas fulge da poesia,
fulge o eterno splendor, longe da saturnal!

Magnifica missão a do cantor sagrado
se, como tu, da patria o santo amor traduz;
ou se, como Castilho, o vate sublimado
á infancia dá carinho, ao Barathro dá luz.

Então lhe cinge a fronte a auréola de gloria!
Vem affagar-lhe a mente a pura inspiração!
O vulto divinal vem consagrar-o a historia!
Tem echos o seu canto em todo o coração!

Eu que sem ambições, no meu retiro obscuro,
incenso a casta musa, a quem tributo amor,
vendo em ceus de poesia, astro sereno e puro
surgir, como hoje o teu, a irradiar folgor,

saúdo com delicia o novo sol fulgente,
escuto com transporte a divinal canção,
e sinto que me abraza o coração e a mente
o sympathico ardor da sua inspiração!

.
.

Vivem no quadro, que traçastes esplendido,
os velhos brios com a fé singela,
movem-se no fundo duas pombas candidas
a pura Anninhas, a formosa Estella.

E tu poeta com teu genio magico
dás alma e vida á creação sublime;
commoves, punges; a sentidas lagrimas
ninguem se esquiva, feito algum se exime!

.

Eu escutei-te a voz; a doce melodia
despertou o meu estro, a lyra fez vibrar!
Quiz offertar-te um canto, ecco de sympathia
Que soube o genio teu no vate despertar.

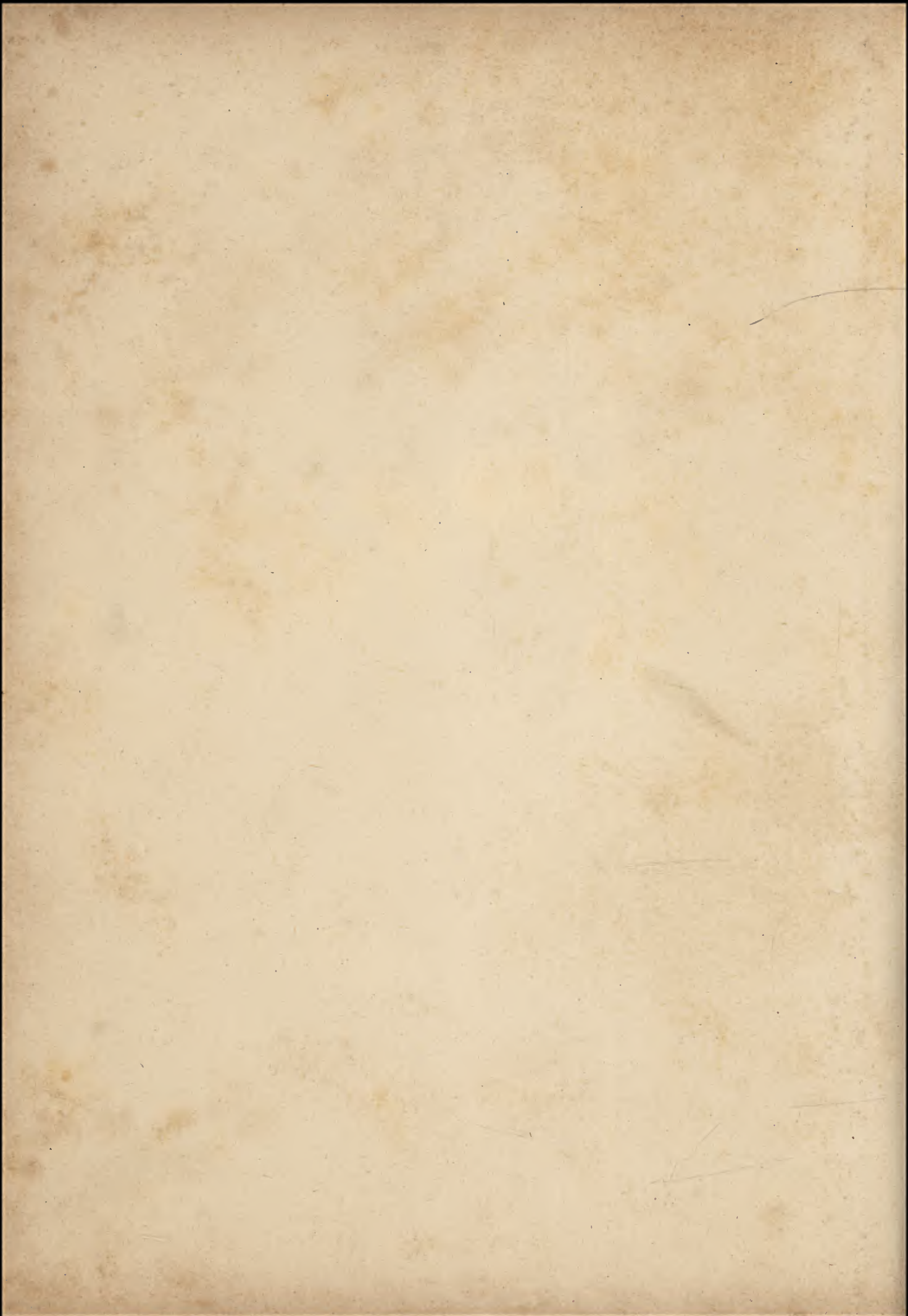
Ai! pobre vate humilde, inda a c'roar-te aspira.
Diadema de invejar cingio-t'o o grão cantor¹!
Sagrou-te vate o rei! Veio implorar-te a lyra!
Neophyto sublime! Augusto iniciador!

Tem ecco a sua voz lá na vindoura idade!
Sentença que elle deu, ha de ella confirmar!
O teu nome tem jus á gloria, á eternidade!
E' divida sagrada! E tem de se pagar!...

M. PINHEIRO CHAGAS.

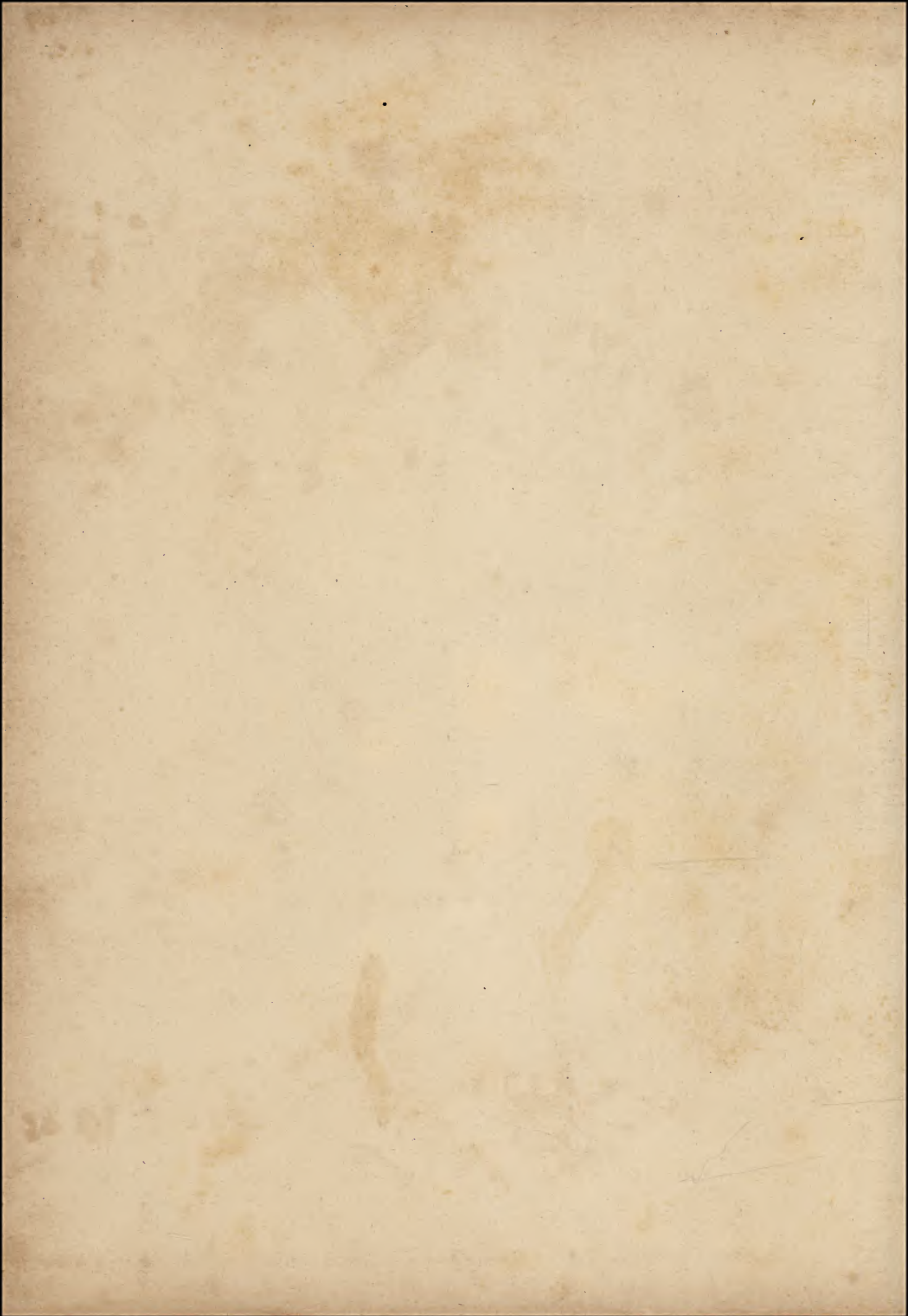
Nota. — Convém não esquecer que o poema *D. Jayme* inspirou uma graciosa parodia a um folhetinista e humorista celebre da epoca, Manuel Roussado, actualmente barão de Roussado, e consul de Portugal em Liverpool. O poema comico de Manuel Roussado, parodia ao *D. Jayme*, tem por titulo — *Roberto, ou a Dominação dos agiotas*.

1. Allusão a Castilho.





Fac-simile d'un original de Thomaz Ribeiro
Phantasia de A. Parys.



CAPITULO II

« SONS QUE PASSAM »



s *Sons que passam*¹ tiveram quatro edições, a primeira das quaes data de 1867. As outras são de 1873, 1880 e 1884. Este facto constitue em Portugal um verdadeiro successo de livraria, e dá ideia da extraordinaria voga do livro, em que o auctor colligiu as suas poesias, ao tempo mais populares.

No prologo da primeira edição, escripto em Parada de Gonta, justifica Thomaz Ribeiro, então em todo o seu prestigio, o titulo do volume :

« ... *Sons que passam* — vozes que se cruzam nos ares, que se repercutem nos echos, e vão perder-se na distancia; sons que se vão acordando e crescendo á proporção que diminue o côro-borborinho da humanidade; harmonias que não cabem na arte e se perdem na natureza; cantos que só teem afinação no theatro modelado pela acustica do infinito. É a catadupa do rio, na sua queda monotona e plan-gente; é a flauta do pastor entre os balidos do armento; é a cantiga do

1. Ernesto Chardron, editor, Porto.

barqueiro levado a sabor da corrente sobre a tremula esteira do luar; é a canção de gloria que o soldado e a vivandeira vão cantando na estrada; é o prolongado côro dos camponces que voltam do trabalho; é os fragmentos de risos e harmonias festivas que fogem do palacio illuminado; é a conversa das aves nos choupaes; o lamento das saudades; o murmurio da prece... e todo este concerto vago, incompleto, indefinivel, mas saudoso e attrahente, a balouçar-se nas morbidas lufadas da aragem, perfumados coxins, em que *passam* as harmonias de natureza. »

No intervallo de seis annos, que decorre entre a publicação da primeira e a da segunda edição (1867-1873), acontecimentos de importancia, como a guerra da França com a Prussia, a Communa e as desordens de Hespanha, parecem ter profundamente abalado o espirito do poeta, que vê o mal das sociedades agitadas na falta de crenças piedosas e na annullação systhematica do sentimento pelo dogma da fria razão.

Assim se exprime elle, no prefacio d'essa nova edição, discorrendo ao sabôr do seu desgosto :

« O — mal-estar — não é tanto politico como é moral. Faltando ao individuo um Deus em que se ampare, a quem confie as suas magoas, de quem espere, e até contra quem blaspheme nas horas do seu delirio, faltando-lhe a eternidade, complemento da vida e realisação d'aspirações, olha-se, acha-se miserrimo, só, ephemero. Entristece-se, desvaira e procura em quem se vingue da esterilisação da sua alma, da annullação dos seus sentimentos. Na cegueira da sua injustiça feroz vê diante de si o que mais avulta : os poderes publicos; espuma, troveja, contorce-se e cae sobre elles que só desejam fazer-lhe bem. Assim o doente se revolta contra o enfermeiro nas ancias do

sen padecimento ; assim cada um de nós tem dito uma má palavra ou feito um arremesso á pessoa que se desvela por nos ser agradável, ao cão que nos lambe os pés ; e temos até cevado o nosso mau humor no objecto insensível que mais nos fica á mão.

« Oh ! e como é desculpavel este supremo desgosto, sendo a vida um inferno que só se acaba na morte ! Saber-se que se morre e morrer-se na convicção de que tudo acaba ali !

« Chegando a esta miseria, a humanidade tem direito de crear um creador para blasphemar contra elle.

« A culpa... é preciso dizer tudo a todos sem medo de impopularidades ; remedio, é o amargo da verdade, veneno, o mel da lisonjaria : a culpa d'este estado deve-se principalmente ás imprevidencias dos infalliveis, que improvisam ceremonias e complicam ritos quando é preciso simplificar o culto ; que arvoram dogmas em barricadas e carregam obuzes com bullas, quando é preciso que a divina verdade se humanise e que o sacrario não cheire á polvora das vinganças, mas sim á pureza das hostias.

« Desde que as religiões se transformam em seitas e facções, descem a uma arena onde nem sequer podem obter as honras de beligerantes ; os seus adversarios politicos tratam com incontestavel direito de minar os alicerces á instituição adversa, e chega-se á negação de Deus por um caminho tristemente logico.

« Primeiro espanta-se o proprio argumentador da sua conclusão, depois acalenta-a ao calor do seu orgulho e acaba por convertel-a em convicção. Tornada seita, proclamada escóla, a que primeiro se mostrára utopia, labora, cresce, lavra, insinua-se e domina.

« O resultado é este : a melancolia do desespero, a propagação de todas as doutrinas dissolventes, cujos apostolos já vistos á luz sinistra dos espingardeamentos e incendios de Paris e d'Alcoy, fallam em liber-

dade pela mesma razão porque os neos dos tratos, das fogueiras inquisitoriaes e das forcas fallam em Deus : — por conveniencia.

« Não se lucta para edificar, lucta-se para destruir, lucta-se para morrer. Vesti-vos d'amarello, batalhadores sem esperanza ! como os regipús e os marathas, ao firmarem o pacto da morte, com as mãos no sangue das suas mulheres, das suas creanças e dos seus velhos.

« Não sei para onde vamos e ninguem o sabe. Os ultramontanos accenderam Deus, tanto e tanto, que nos iam cegando ; que fizeram os cismontanos? --- apagaram-n'o.

« Os philosophos, alchimistas de nova especie, mettem nas suas retortas todos os acontecimentos deploraveis e fazem o ouro das venturas. A sociedade lá ganhou saude immensa com a sangria que soffreu na queda.

« Será verdade? Mas passaram seculos nas trevas e as sociedades tiveram de começar de novo ; e as injustiças nunca se repararam, e os crimes nunca se castigaram, e o que se perdeu não se achou.

« Mentis, philosophos da historia, e damnaes a sociedade com as vossas absolvições e santificações. »

Treze annos depois, publica-se a terceira edição dos *Sons que passam*. Tem-se então operado uma transformação no gosto litterario. Surgira uma nova geração de poetas: Guerra Junqueiro, Gomes Leal, João Penha, Gonçalves Crespo; e, com ella, um novo publico, obedecendo a novas sympathias intellectuaes, novas inspirações, novos impulsos. Viera a moda de França; e com Baudelaire, embriagando então os jovens espiritos sedentos de novidade, os *parnasianos* creavam já entre nós como que uma seita de delicados. Estava rompida a tradição lamartiniana; e a poesia portugueza parecia honrar-se incorporando-se sem demora no acompanhamento dos novos poetas-artistas.

Este culto recente trouxe consigo um prurido de inovação levado ao exagero, e ao mesmo tempo um movimento de franco desrespeito e aberta hostilidade para com os *velhos*, os que faziam a admiração da vespera.

O *romance* soffria igualmente as influencias de uma transformação; e o *realismo*, vindo tambem da França como uma nova moda, fizera desvairar toda uma geração de litteratos. A auctoridade de E. Zola cobriu então verdadeiras monstruosidades; e, a pretexto de copiar a verdade, cahiu-se no abuso. Os jornaes encheram-se de prosas *realistas*; não appareceu novella que, para se vender, se não intitulasse assim. E por tal forma se cahiu no excesso, que a policia teve um dia de intervir fazendo apprehender os exemplares de uma publicação do Porto — a *Gazeta Realista*, e processar os seus collaboradores. Foi por essa epoca que Camillo Castello Branco publicou o seu romance — *Eusebio Marcarão*, que foi ao mesmo tempo uma satyra ao realismo e uma nova e brilhante demonstração das suas raras faculdades de estylista.

É sob a impressão d'este movimento litterario, exacerbado pelas ironias e irreverencias da mocidade d'então para com as reputações feitas e autoridades adquiridas, — que Thomaz Ribeiro escreve as linhas que vão ler-se, prefaciando a terceira edição do seu livro de versos :

« Ainda não *passaram* de todo estes *sons*, destinados pelo auctor, no proprio nome que lhes dera, á immolesta e curiosa existencia dos ephemeros.

« Estes *sons* vão-se reproduzindo, em echos successivos, mesmo através de malsinações e esconjuros (segundo me dizem, que eu não tenho visto) d'uma chamada escola moderna, que tem horror ás flores, aos passaros, aos amores, a Deus, aos ceus limpidos, ás aguas trans-

parentes, ás musicas sentidas, ás saudades, ao patriotismo, á virtude, á familia, a tudo quanto é grande, bello e bom, e que só descreve as gangrenas, os vícios e os monturos, em liguagem, ás vezes, de cocheira ou em calão de bairros infamados.

« É pena que tanto rapaz de merito esteja inutilizando, malbaratando as suas forças vitaes n'esta erapula esqualida, n'este nihilismo litterario, que se por desventura viesse a produzir escola devia inscrever no seu frontão : ESCOLA DOS MALLOGRADOS.

« Os absinthos e as zurrapas logram derrancar o gosto, mas a maior parte da gente, mesmo apesar dos encarecimentos com que lh'os recommendam os viciosos, prova, cospe, lava a bocca, e não deseja recommear.

« Tanto mais que, felizmente, por dous ou tres homens de merito que se manifestam brilhantes quando, a descuido ou por instincto, fogem do que é crasso e viscoso e infecto para o que é luminoso, perfumado e transparente, ha myriadas de bichinhos que só com microscopio se vêem formigar na maçã. Esses não tentam, repellem.

« Mais uma edição d'este livro, mais um echo d'estes *sons* vem provar que a moderna escola ainda não prevalece.

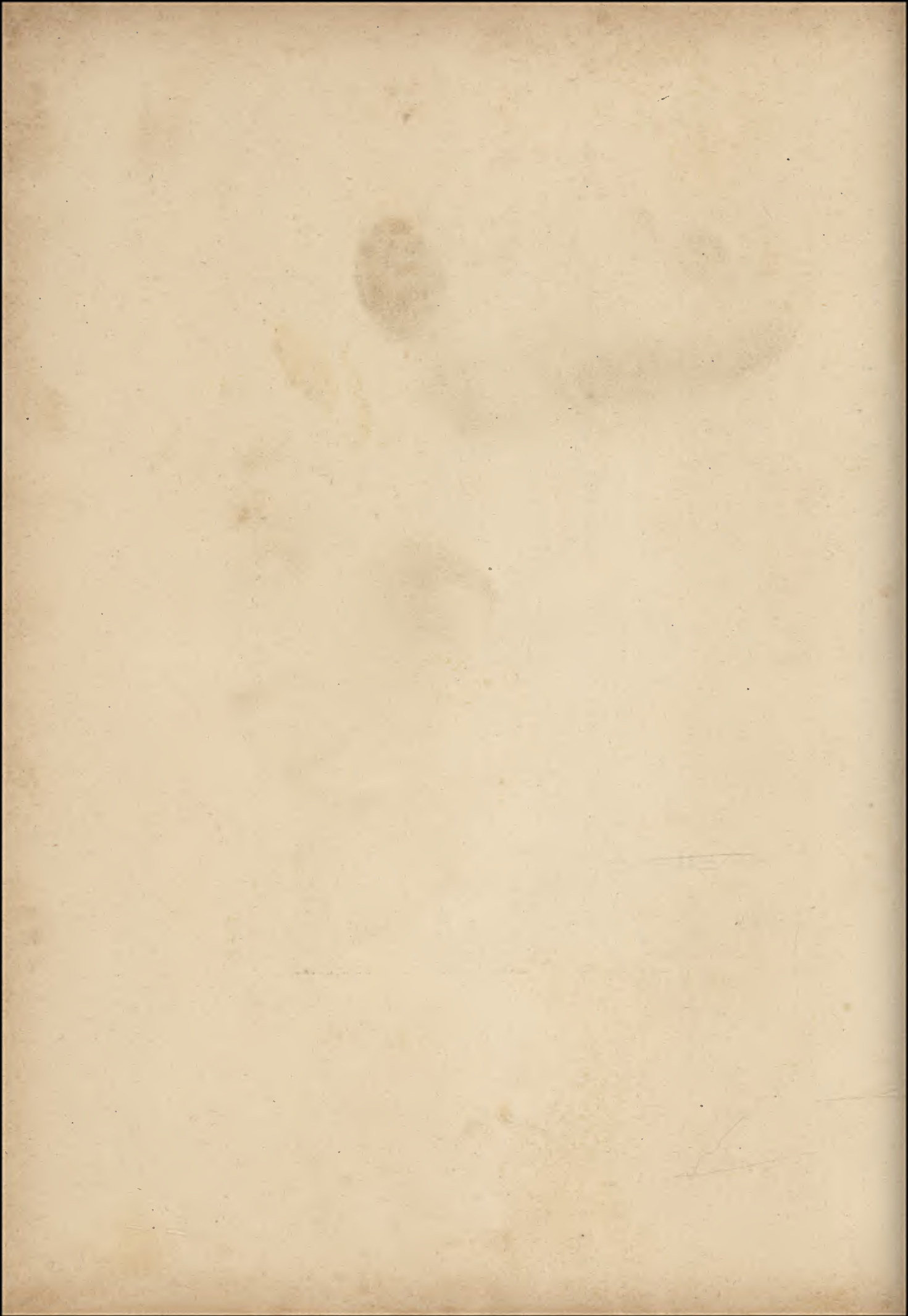
« Eu entendo que o realismo é bom — *Rien n'est beau que le vrai* — mas não é só real o que é tôrpe; accusaram-me já de realista quando descrevi o lar de D. Martinho, indigente, no *D. Jayme* e, principalmente, quando escrevi a *Delfina do Mal*; accusaram-me de realista os mestres e educadores d'aquelles que hoje me accusam d'aquillo que melhor lhes parece. O que elles quizerem.

« Para não desejar ser-lhes desagradavel, basta dever-lhes o grande favor de não me haverem inscripto na matricula do seu gremio litterario. »

Parecia ter razão o auctor quando affirmava que a moderna escola



A CASA DO PORTA EM PARADA DE GONIA.



ainda não prevalecia, porquanto, quatro annos mais tarde faz-se nova edição do livro, — d'esta vez prefaciado pelo editor portuense Ernesto Chardron, que a dedica á imprensa, como se fosse a ella que se devesse o pertinaz successo da obra.

* * *

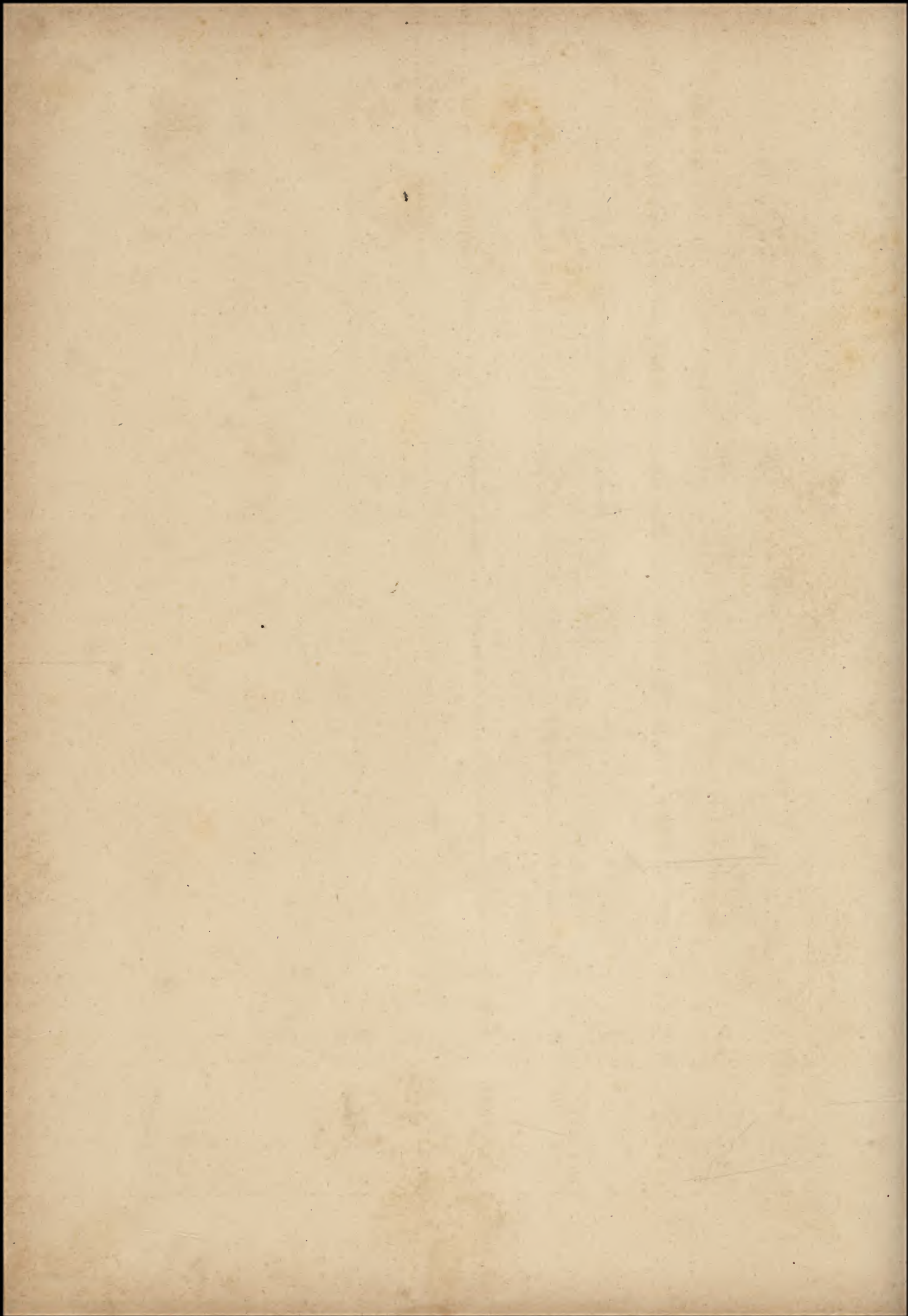
O livro dos *Sons que passam* divide-se em tres partes. — I. *Corôa de Espinhos*. II. *Rosas Pallidas*. III. *Lagrimas*.

A sua fervorosa crença religiosa, tão caracteristica do espirito litterario do seu tempo, inspira-lhe as primeiras paginas do volume. Genuflexo e grato, é a Deus que se dirige primeiro :

A Ti, que és grande e bom ; a Ti, que entre caricias
deixaste que eu crescesse ao pé de minha mãe :
a Ti, que a tens no ceu gozando o summo bem,
do meu trabalho, ó Deus, venho pagar primicias.

As poesias : — *Consummatum est*, *Stabat Mater* e *Jesus*, compostas com essa maviosidade, essa igualdade de rythmo e essa irreprehensivel afinação que tão bem contribuíram para insinuar o poeta na alma do publico, pela fascinação musical, são outros tantos desenvolvimentos do thema christão — a tragedia do Calvario, Jesus e a sua paixão — que sempre forneceu o assumpto principal da arte romantica, sob o ponto de vista religioso.

Como os romanticos do primeiro periodo se deixaram inspirar pela idade-media, os neo-romanticos d'esta phase da historia litteraria de Portugal, soffrendo as influencias da obra tão dramatica de Chateaubriand, encontraram uma fonte perenne de inspiração nos enredos da lenda biblica.





CONSUMMATUM EST !

Filhos de Christo, consummou-se agora
o horrendo crime d'Israel, na cruz.
Trémula se abre a terra; o sol descora;
a Igreja chora, — que morreu Jesus!

Levanta o soterrado a lousa dura;
do Templo augusto se espedaça o veu :
noite completa negrejou na altura!
densa negrura nos esconde o ceu !

Cumpriram-se as profecias !
Entre affrontas e agonias
trôa da morte o pregão !
Compungida a natureza
veste os crepes da tristeza,
pára d'assombro o Jordão !
Rei, pobre, escravo, pranteia !
lava-te em prantos, Judeia !
chora, perdida Sião !

Quem deu luz a vossos olhos
por que visseis os escolhos
da vida, olhae... já não vê...
Quem deu agua á rocha dura,
sustento á raça perjura
que sempre, sempre descrê,
morreu no Calvario exangue,
para vos lavar com sangue
as nodoas da vossa fé !

Nem o canto d'Isaias,
nem a dôr de Jeremias
te lembrou, Jerusalem !
nem fôste pedir conselho
ás aguas do Mar-Vermelho,
nem ás ruas de Salem,
nem ás torpes Madianitas,
nem aos falsos Gabaonitas,
nem ao sangue de Sichem !

Não te serviram de guia
as pedras da Samaria,
o castigo de Coré,
a Arca santa da aliança,
a soberana pujança
do braço de Josué ;
nem Dalila, a má serpente,
nem a serena corrente
da fonte de Bersabé!

Pois de Saul a inclemencia,
de David a penitencia,
de Salomão o saber,
d'Absalão as concubinas,
do Templo as vastas ruínas,
os magos olhos d'Esther,
não te arrancaram a venda
da tua cegueira horrenda?
não te fizeram tremer?...

Tantos annos de tormentos,
tantos fieis monumentos
na terra como nos ceus,
não dizem que o Nazareno,
tão forte, e sabio, e sereno,
era o Messias dos teus ?
Pergunta ao fiel Caleb,
pergunta á sarça do Horeb,
pergunta se elle era um Deus !

D'Isaac pergunta á esposa,
pergunta a Lia chorosa,
pergunta á casta Rachel ;
pergunta á formosa Dina,
ante a qual um rei se inclina!
ouve as filhas de Raguel !
ouve Débora aguerrida !
pergunta ao prego homicida
da forte, heroica Jahel !

De Moysés pergunta á vara,
pergunta ás penas de Sara,
e aos mil desprezos d'Agar ;
vae de Geth ás sepulturas,
vae do Thabor ás alturas,
vae a Tharé perguntar ;
vê Chanaan, vê o Egypto ;
e has de achar seu nome escripto
no ceu, na terra, e no mar !

Que breve são esquecidos
os Lazaros resurgidos
da ingrata Jerusalem !
allivios de tantas penas !
vosso amor, ó Magdalenas !
os pastores de Bethlem !
e essa estrella peregrina
que o berço de Deus ensina
aos Magos que adorar vem !



Ai! tu perdeste a memoria
das profecias, da historia,
madrasta sem coração!
mas, de sangue salpicados,
serão teus aridos prados
espelho de maldição!
teus montes não terão selvas;
teus plainos, flôres, nem relvas,
lethal, esteril São!

Como d'arbustos damnhinhos,
colherás sómente espinhos
das rosas de Jerichó;
verão seculos inteiros
em toda a terra estrangeiros
os maus filhos de Jacob,
embora ao ceu, que te esmaga,
peça perdão cada chaga
do manso, divino Job!

Ai de ti! que penitencia
poderá ganhar clemencia
para o teu povo, Israel?
Idolatra, má, perjura —
desde Putiphar, a impura,
desde a corrupta Babel!
Altiva, ingrata, descrente —
desde o Horeb e a sarça ardente,
de sempre a sempre, cruel!? —



Um sepulchro dilatado
nas ondas do mar anciado
abysma o Egypto oppressor!
De Hemor culpada a cidade
paga em sangue a castidade
d'uma Virgem do Senhor!
Nas faldas do monte santo
custa um crime longo pranto,
muito sangue, e muita dôr!

Pelo ultraje dos levitas,
o crime dos Benjamitas
faz o espanto de Judá!
De Babylonia a torpeza
cresce e reina em torno á meza...
junto á meza a morte está!
Tu... mais que todas perdida,
a tua sorte, decidida,
que sorte horrenda será?

.
.

Perdôa, Christo, se uma dôr mundana
vem fallar de castigos n'este dia...
Tu bebeste por toda a humanidade
o calix da agonia!

No tristonho Jardim das oliveiras
(tu só velavas, tudo o mais dormia)



eu vi-te aproximar dos labios tremulos
o calix da agonia.

O amargoso do fel te lacerava
fibra por fibra ! a dôr te consumia !
e lavaste com prantos mais amargos
o calix da agonia !

Pois quem se vinga ? o homem ! Deus perdôa.
Só a vontade humana se entibia
da morte nos umbraes ; só Deus aceita
o calix da agonia.

Nós somos d'Israel filhos impuros,
cegos á luz do sol em pleno dia !
Tarde a venda caíu, mais tarde o pranto
pela tua agonia.

Senhor ! tu que lançaste olhos bondosos
ao discipulo vil que te vendia,
oh ! salva os desterrados filhos d'Eva
pela tua agonia !

.
.

Na eminencia do Calvario
morreu de Deus o cordeiro,
e o soluço derradeiro
foi o perdão de Jesus.

Treme em seus eixos a terra
que nos parece tamanha,
e é fraquissima peanha
para suster uma cruz!

D'uma dôr sem semelhante,
a triste Mãe traspassada
cae na terra ensanguentada,
e ao pé da cruz se abraçou.
Nos olhos tem tal angustia,
nos labios tanta meiguice,
que o anjo puro que disse
— *Ave Maria!* — chorou.

.
.

Tudo está concluído
segundo vós, profetas de Sião!
O Verbo eil-o cumprido : —
os prodigios! o crime! a redempção!

Este mesmo lyrismo — « christão, philosophico e espiritualis-
ta », a que o visconde de Benalcanfôr tão propriamente allude n'um
esboço biographico do poeta ¹, dicta-lhe ainda esta poesia onde ha
trechos que são um resumo das apprehensões politicas do tempo :

1. *Revista Contemporanea*, maio de 1864.



JESUS

Jesus autem, emissa voce magna, expiravit.

I

Se as flôres do pomar vestissem luto,
e se as aves do ceu vertessem prantos,
cultos houvera Deus puros e santos,
n'este dia solemne, ao pé da cruz ;
o coração de pedra, o rosto enxuto,
o rir do septicismo, a voz blasphema,

não viera insultar o santo emblema
regado pelo sangue de Jesus.

Um dia houve, um dia só... sangrento...
Quando a Hostia d'amor perdeu a vida,
teve a solemne marcha interrompida,
n'um momento d'horror, a criação :
o sol cobriu seu rosto macilento ;
deu inda em côro a natureza um grito ;
atrás um passo recuou o Infinito
ao ver o crime da infiel Sião.

Hoje, este riso que nos veste o rosto,
hoje, este bronze que nos toma o seio,
esta indiferença que do inferno veio
seccar os prantos, insultar o amor ;
todo este mundo por tuas mãos composto :
a ave, o prado que floresce e exulta,
a fera, o homem, não verá que insulta
um pae que morre, em sua extrema dôr?

II

Jesus, descerra os teus olhos ;
vê, vê teus filhos sem norte !
Por essa c'rôa d'abrolhos
enlaçada em teus cabellos,
quebra as algemas da morte !
descerra os teus olhos bellos !

Ô sentinella perdida!
da atalaya do teu lenho
vigia a grei pervertida!
olha este cahos sem luz,
chama o disperso rebanho,
abre os teus olhos, Jesus!

Olha esta Babilonia, em tantas linguas
dispersa, confundida!
pedindo pão, e semeando abrolhos,
pedindo leis, e barateando a vida,
pedindo paz, e incendiando a guerra,
e tentando prender nas mãos de lodo
o mar, os ceus, e a terra!

Olha esta nova Judeia,
onde é Calvario a Tarpeia,
e Roma, Jerusalem;
onde o teu Pio Vigario,
expulso do santuario,
já vai do Pretorio além,
e a turba que ali vagueia
em torno do seu palacio
é Galileia do Lacio
que a vêr o martyrio vem!

Nus os pés, e semi-morto,
a esp'rança posta nos ceus,
transpôz o portico horrendo
d'esse congresso tremendo

de Scribas e Phariseus
brazonados de christãos!
e ali, por medo d'*Augusto*,
novos timidos Pilatos,
traidores á sua crença,
lavram da morte a sentença,
lavando as tremulas mãos!

Mas tu, Jesus, pódes tudo!
do teu Vigario tem dó!
solta a lingua d'este mudo!
esmalta o chão dos abrolhos!
dissipa a nuvem dos olhos,
do cego de Jerichó!

Engasta no ceu de Roma
a estrella maga dos Magos!
converte em urnas d'aroma
os antros prenhes d'estragos
de seus repletos paioes;
Traz'lhe á perdida memoria
que as tuas armas são cruzes;
que espadas, lanças, e obuzes,
nem servem aos teus heroes,
nem são para a tua gloria!

Dize ao Lazaro que surja
da sepultura em que jaz,
que troque o saial da guerra
pela estamenha da paz;



que deixe aos reis essa gloria
de se matarem sem dó,
sendo o premio da victoria
mais alguns metros... de pó.

Se os braços *cultos* da Europa
lá entre os *barbaros* chins
devastam, roubam, e queimam
palacios, templos, jardins;
se, além, a Polonia geme,
da Russia ao mando feroz;
se a Hungria braceja e freme
sob o cutelo do algoz;
se á pobre da Irlanda preza
a Inglaterra tyranniza,
e se a Austria manda em Veneza,
e a França em Saboia e Niza;
se contra as briosas Quinas
se empina o Leão de Hespanha,
como em eras que lá vão
contra Aragão e Sevilha,
tome Roma e não ruínas
a ovante cruz de Sardenha!
não vá de Christo o Vigario
macular o seu santuario
por um ignobil quinhão
de tão iniqua partilha!

.



III

Jesus crucificado, abre os teus olhos
do alto d'essa cruz!
d'esta nova Babel salva-nos todos!
acolle-nos, Jesus!

N'este dia solemne em que as cidades
só deviam chorar,
ferve em odios o mundo; e passa o homem
sem ver o teu penar!

Do norte ao sul, da Assyria ao Novo-Mundo,
no dia da afflicção
a voz d'alarma só responde aos psalmos
do santuario christão!

Se o florido pomar vestisse luto,
soubera a tua dôr!
e se as aves do ceu vertessem prantos,
choravam-te, Senhor!

O homem perde as crenças, como perde
as flôres um jardim!...
Em se finando a derradeira crença,
que ficará por fim?!

IV

Jesus! se o mundo se agita,
dá-me descanso, Jesus!
faz'-me grama parasita
encostada ao pé da cruz.

Faz'-me insecto da ramada
que ninguém vê na amplidão;
quero, á sombra do meu nada,
perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra
que ninguém bebe, nem vê;
tira-me os mimos da terra,
mas dá-me as crenças e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome
misturar-se aos prantos meus;
que eu possa morrer de fome
abençoando-te, ó Deus!

Por estes e, como veremos, por muitos outros aspectos, Thomaz Ribeiro representou bem genuinamente o espirito da geração litteraria que o consagrou — essa geração de liberaes platonicos que vieram interpôr-se entre os poetas-soldados da Restauração e os litteratos *dandies* da phase final da decadencia. Foi um crente, á maneira ingenua e simples de então, e teve para a sua fé religiosa os mesmos ardores e

os mesmos enthusiasmos que lhe despertaram a sua fé politica. Foi um *liberal* em toda a accepção da palavra, crendo em Deus e crendo na Carta, e não dividindo o seu pensamento por outras apprehensões que não fossem estas : — a de manter a sua Liberdade na Constituição, a de manter nas almas o seu dogma. Ao serviço d'estes ideaes pôz a sua lyra. Ella é a sua historia.

Antes de entrarmos na analyse das poesias profanas que os *Sons que passam* encerram, ouçamos ainda o poeta, erguendo preces á Virgem Mãe.





STABAT MATER

Brancas ossadas, sangue e rochas duras,
onde nem cresce o musgo das ruínas
nem passa a viração ;
onde não cantam aves peregrinas
seus segredos d'amores e ternuras
aos eccos da solidão !

Cêrro de maldição, furnas perdidas,
onde abutres, só, vem á meia noite
ao putrido festim;
throno para quem foi do mundo açoite;
pedestal para estatuas de homicidas,
de Nero, de Caim!

Mal hajas, ó Calvario! — D'essa agrura
nas erriçadas pedras ha momentos
se arrastava uma cruz;
levava-a um semi-morto a passos lentos;
e, após os mil horrores da amargura,
n'ella morreu Jesus.

.
.

Emquanto lá por baixo em festins ledos
no tripudio febril de cem orgias
folga Jerusalem,
os restos sacrosantos do Messias,
sentinella perdida entre os rochedos,
guarda a chorosa Mãe.

Fugi de junto d'ella, almas descrentes;
não maculeis a dôr da Virgem bella;
Não tendes dó? passae!
Mães desgraçadas, pranteae com ella!
Orfãos, pobres, meninos innocentes,
é vossa Mãe; choraе!

Guarda no seio o cofre dos amores ;
por c'rôa tem o iris de bonança ;
 nos labios, o perdão.
Ai ! quem recolhe a pomba da aliança,
que anda cansada sobre um mar de dôres
 pedindo um coração ?

Ninguém ! Ninguém, Virgem pura,
estrella d'alva chorosa,
pomba de meiga candura,
rainha d'anjos mimosa !
Ninguém ! Na soidão cruel
em que ficaste, mesquinha,
emquanto choras sósinha,
folga a deicida Israel !

Hoje... hoje, tumulto e festa
n'essa cidade maldita ;
ámanhã, viuvez funesta
na Babylonia incontrita :
que nas bodas de Caná,
onde houve tanta alegria,
já falta a Virgem Maria,
já falta o Deus de Judá.

Se na amargura d'est'hora
não achas um peito amigo,
dá-me os meus prantos, Senhora,
que eu quero chorar contigo.

Da ingrata Jerusalem
sou ren de morte, é verdade;
mas, Virgem da soledade,
eu sou teu filho também.

Ao ver-te a face anuviada
de tantas, de tantas dôres,
ante a fôrma regelada
do teu filho, teus amores,
co'as azas brancas da fé
percorri mundos inteiros;
trago-te muitos romeiros,
ó Virgem de Nazareth!

Cheguei-me á porta dos vivos;
dos encantos que os algemam
os ricos vivem captivos,
os desgraçados blasphemam.
Fui os mortos evocar;
e os sepulchros, condoídos
d'escutar os seus gemidos,
se abriram de par em par.

Aqui tens santas imagens
da dôr e do desconforto;
nafragaram nas paragens
do oceano que não tem porto.
Se é maior tua afflicção,
se não padeceram tanto,



ai! desfez-se-lhes em pranto
a seiva do coração.

Aqui tens Eva, a coitada,
tão bella, e tão desditosa,
tão amante, e tão amada,
tão pobre, e tão criminosa !
No seu martyrio cruel
chora em profunda amargura
do seu peccado a negrura,
saudades do seu Abel.

Vem, Agar, escrava... embora,
mãe que padeceste horrores ;
n'este logar e n'est'hora
não ha servos, nem senhores !
Nos ernos de Bersabé
fugiu-te a luz dos teus olhos ;
tinhas um cento d'abrolhos
nas chagas de cada pé.

Em vão buscavas torrentes
na aridez d'aquelle monte...
em vão; teus prantos ardentes
tinhas por unica fonte :
mas o teu caro Ismael
achou cristallinas aguas ;
e o Martyr de tantas maguas
teve uma esponja... de fel!



Velho das barbas de neve,
Abrahão, lembras-te, valente,
de quem te o golpe deteve
sobre o teu filho innocente?
Ahi tens a Mãe de Jesus,
sem ventura e sem fastigio.
Quem obrou tanto prodigio
foi seu filho... olha essa cruz!

Quasi do sepulchro ás bordas,
teus prantos, tua agonia,
Jacob, se ainda os recordas,
pranteia a dôr de Maria.
Deus, que ao teu casto José
cobriu de palmas no Egypto,
morreu corrido e proscripto
entre o seu povo sem fé.

Triste hebrêa, obscura e pobre,
sóbe a encosta do Calvario!
tens um logar muito nobre
neste adjunto funerario!
a Virgem sabe quem és;
conhece o triste sigillo
de quando entregaste ao Nilo
o berço do teu Moysés.

Jephte, que em troca da gloria
a casta filha condemnas,

nunca se compron victoria
á custa de tantas penas!
Na manhã do seu abril
(má jura que tu juraste!)
infeliz pae, que ceifaste
de Maspha a rosa gentil!

— « Quem és tu, vulto gigante,
de rei a fronte c'roadada,
na dextra espada brilhante,
e na sestra harpa doirada? »
— « Eu sou David, o cantor,
o monarcha penitente,
rei, opulento, indigente,
a gloria, o remorso, a dôr.

Da negra sorte aos rigores
nunca ninguém chorou tanto;
Senhora Virgem das Dôres,
venho offertar-te o meu pranto.
A alva, o occaso, o norte, e o sul,
o rio, o valle, a montanha,
me viram curvado á sanha
feroz do ingrato Saul.

A dôr que o peito consome
ninguém calcula, nem mede;
chorei de frio, e de fome,
e de cansaço, e de sede:

e sempre em cada manhã
eu pedia a Deus o esquife,
ou nos desertos de Ziphe,
ou nas covas d'Odollam.

D'Urias pranteei a sorte ;
d'Isboseth... tarde, bem tarde,
chorei a aleivosa morte...
forte, o amor fez-me covarde.
Por mim, por Bethesabé,
nosso amor, nossas maldades
carpi; chorei de saudades
nos montes de Gelboé.

Fui pae, compreendo os teus prantos ;
perdi meu filho, Senhora ;
do amor paterno os encantos
vê se os eu choro inda agora !
Minhas cans, meu coração
cobriu de vergonha infinda ;
mas eu morreria ainda
pelo meu filho Absalão! » —

Vem tambem, Respha piedosa,
que os filhos que conceberas
por seis mezes, lagrimosa,
furtas aos corvos e ás feras!
Venham as mães d'Israel,
as viuvàs da Judêa,

de Sarephtha, a Chananêa,
a Sunamitis, Rachel!

À Virgem pretae confortos;
na sua dôr confundi-vos;
haja um cortejo de mortos
para vergonha dos vivos!
Lá em baixo, n'esse festim
de tão sinistro ruído,
ha de estar Jairo esquecido,
e a viuva de Naim.

Lá em baixo, risos e cantos
por entre os fumos da orgia;
aqui... soluços e prantos
nas convulsões da agonia...
Do mundo não vem ninguém
às solidões do Calvario;
Chorae, sombras, no sacrário
do seio da virgem Mãe!

Virgem das Dôres, na soidão chorosa!
pomba formosa, inconsolavel, só!
só, n'esta magua, e soluçando tanto!
só com teu pranto... e sem ninguém ter dó!

.
.

Se, reu de morte d'Israel perdida,
arrasto a vida encarcerado aqui,
lá nos teus reinos d'uma eterna aurora
lembra, Senhora, que chorei por ti!

* * *

Rosas pallidas é a designação discreta e modesta, sob a qual se acham comprehendidas as composições mais divulgadas do poeta — monologos, devaneios, simples inspirações de quadros da vida e da natureza, paysagens, perspectivas, consagrações familiares, hymnos ao trabalho, homenagens a artistas — musica sonora de lyra sempre prompta a vibrar, sempre vibrando.

Thomaz Ribeiro, como todos os poetas da sua epoca, era o cantor por excellencia. Tudo então se celebrava, e pode dizer-se que a tudo e a todos se faziam versos; tudo era motivo de inspiração e em tudo o que se cantava se punha o mesmo interesse, o mesmo sentimento, a mesma paixão — na apologia das idéas como na critica dos homens, no culto da natureza como no culto da familia, nas grandes como nas pequenas consagrações do espirito.

Havia um enthusiasmo ingenno por tudo o que a esse tempo pareceu elevado e superior. A liberdade outorgada nas constituições, a todos satisfazia; e quem soubesse cantar, cantava-a. *O liberalismo* repousava finalmente das luctas do seu noviciado. E á roda do throno occupado por um rei saudavel e uma rainha elegante e formosa, as classes appareciam congraçadas. Cantava-se o Trabalho como nas *Novas conquistas*. Deus, garantido pelo Papado, não era ainda objecto de critica.

Um grande numero das composições reunidas sob a designação

de *Rosas pallidas*, no volume dos *Sons que passam*, datam d'essa epoca descuidosa. Distingue-as a quasi todas essa « melopeia, amenidade e doçura florentina de rythmos », de que falla Camillo n'uma das suas criticas á obra da poeta. E se muitas passaram, outras mantem ainda hoje em muitas classes a voga que em outro tempo obtiveram.

Esta parte do livro é precisamente a mais interessante por conter os especimens mais caracteristicos d'esse lyrismo sentimental que, vindo de Soares de Passos, se espraizou em Mendes Leal, Palmeirim, Bulhão Pato, Eduardo Vidal, e que não se sabe bem de que remotas origens deriva, se de Byron, se de Musset, se de Hugo, se de Espronceda, se de Lamartine, parecendo antes ser uma amalgama d'estes todos. Oliveira Martins chamou-lhe *romantismo de sala*¹ provavelmente porque foi nas salas que elle teve a sua principal consagração; e, com effeito, poucos poetas foram tão recitados e declamados como Thomaz Ribeiro e os poetas do seu tempo.

A primeira poesia das *Rosas pallidas* é consagrada ao pae do poeta. Sabe-se como os sentimentos de familia inspiraram os poetas d'então :

A ti, meu pae, as minhas *Rosas pallidas*;
não tenho mais que te offertar no mundo.
Distinctos ais! esmorecidos canticos!
mesquinha paga ao teu amor tão fundo!

Uma poesia intitulada — *Le Roi est mort! Vive le Roi!* celebra a morte de D. Pedro V e o advento ao throno do rei D. Luiz.

É morto el-rei! Nas sombras do futuro
que novas eras guarda o tempo á grei?

1. *Portugal Contemporaneo*, 3.^a ed., pag. 363.

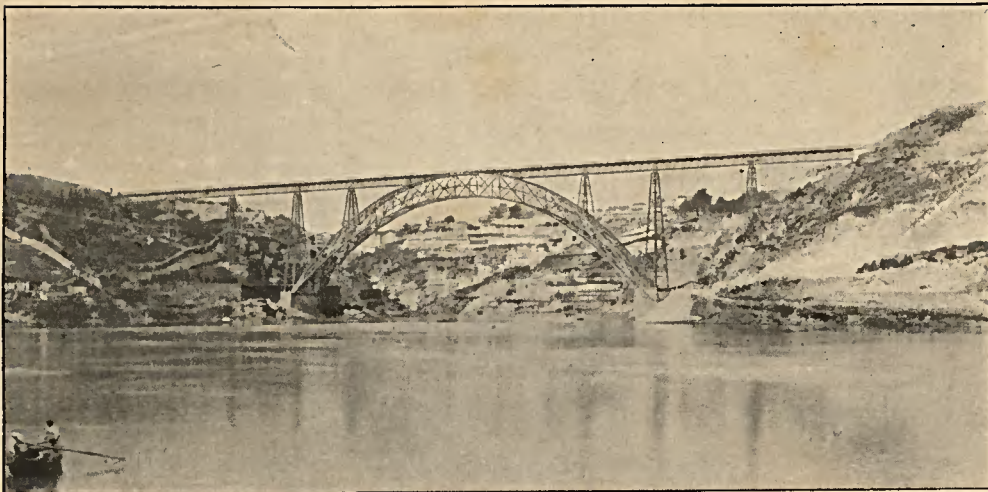
Deus dê deseango eterno ao rei finado,
e benções, paz, e gloria ao novo rei!

Eis um assumpto que os poetas do tempo não-desperdiçaram — a morte d'esse rei tão querido e tão pranteado, e a sua existencia tão cheia de sobresaltos e sinistros presentimentos. Os infortunios do moço monarcha foram uma fonte de inspiração, como mais tarde o foi o consorcio de D. Luiz com a princesa de Saboya, porque os poetas d'essa epoea, ao contrario do que succede com os de hoje, eram solidarios com as desgraças e as alegrias da nação e, ou por convenionalismo tacito, ou por sentimento puro, iam cantando a historia, em epicedios e panegyricos, á medida que os acontecimentos lhes despertavam o estro.

Reveja-se n'esta sextilha o desgosto tão sincero d'essa crise de dôr collectiva, á simples nova da morte de um rei :

Não era sonho ! tão moço,
partiu-se de magua dura
esse coração tão nosso !
e, na estação dos amores,
quando todos têm ventura,
teve elle da campa as flôres !

Ave, Labor ! é uma das grandes composições do auctor, do genero das que então estavam tanto em voga e celebravam a Paz, o Trabalho e as ideias de Progresso, trazidas com a febre de fomento, da Regeneração. E' consagrada ao Porto, ainda glorioso das reordações da guerra, ao Porto classico da resistencia, ao Porto-baluarte, ao Porto-symbolo.



PORTO. — UM ASPECTO DA CIDADE VISTA DO DOURO

AVE, LABOR !

(A' Cidade Invicta.)

Porto, que viste o fogo, o sangue, e os lutos,
que formaram cortejo ao novo solio
da augusta liberdade,
da arvore que plantaste colhe os frutos,
tu, que lhe foste berço e capitolio,
sempre leal cidade!

Tu, que a viste nascer, surdir do abysmo,
entre o immenso fragor de cem batalhas
na fraticida guerra,
deste-lhe : sangue e fogo — por baptismo!
por c'rôa — o teu diadema de muralhas!
por throno — a altiva *Serra!*



Faltava a sagração : — dás-lhe hoje o templo !
Romeiros liberaes, vinde ao festejo
do trabalhar fecundo !
para todos ha culto, e gloria, e exemplo ;
a *Industria* espera em festival cortejo
a patria, a Europa, o mundo !

Nova *cruzada* os povos chama á gloria ;
nova *Jerusalem* convida em brados
para novas conquistas ;
canta a epopeia a incruenta historia
de melhores heroes ; nomes laureados
d'*industriaes* e *artistas*,

dos que ao diurno labor o braço alteiam
e que, após o serão, sonham co'a vinda
da preguiçosa aurora ;
d'esses em cujas fronte se incendeiam
diamantes de suor ; c'rôa a mais linda
que a mão de Deus inflora !

Vinde, que é Deus aqui ; só d'elle ao nuto
surgem de tanta gloria estes fastigios .

Quer Deus que lhe consagres :
tuas flôres, — jardim ; pomar, — teu fructo ;
industrias, artes, — vossos mil prodigios ;
sciencia, — os teus milagres .

A *Imprensa* vem á festa ! nem podia,
mestra d'exemplos, recusar o exemplo .



O PORTO. — A CIDADE VISTA DO LADO DOS CAES.



A hostia é do sacrario;
o apostolo, do mundo; o sol, do dia;
o verbo, da doutrina; o altar, do templo;
do altar, o lampadario.



PORTO. — O PALACIO DE CRYSTAL A QUE ALLUDE ESTA POESIA.

Do *templo do trabalho* é hostia, verbo,
sacrario, luz, sacerdotisa, a *Imprensa*,
a mãe da liberdade,
que ampara o genio em seu trabalho acerbo,
e abarca as eras em sua esphera immensa,
prendendo idade a idade.

Dissera Deus ao sol : — « Surge, e alumia ! » —
e illuminou-se o valle, o monte, o albergue,
o fructo, a flôr, as palmas !

mas do espirito a luz?!... Chegára o dia :
o seu *fiat*, emfim, diz *Guttemberg*,
e fez-se o sol das almas!

A *Imprensa* é, pois, no templo. Entre os primeiros
tomando o seu lugar junto ao sacrario,
proclama á sociedade :
— « Á festa universal ! entrae, romeiros !
abre as portas, *Industria*, ao teu santuario !
Preside a *Liberdade* ! » —

A *Festa e Caridade*, como a *Judia*, crystallizou no repertorio das grandes peças lyricas, para recitar em solemnidades. Foi composta expressamente para ser recitada pelo actor Santos, no theatro de D. Maria II, por occasião do espectáculo em beneficio da « Associação protectora da infancia indigente ». E lançada a publico pelo grande artista, que a disse como um trecho de drama, na pomposa declamação do tempo, não tardou que se divulgasse, a ponto de não haver festa ou espectáculo de beneficencia em que ella se não recitasse.

Quem se não recorda ?...

Para uns, abre o ceu manhã de flôres ;
meio-dia de frutos e doçuras !
tarde d'encantos mil ; noites d'amores ;
sonhos de gloria, affectos, e venturas.

Quem não ouviu por esse tempo e não ha muito ainda, um actor, um simples recitador, quantas vezes uma creança, n'uma plateia, n'uma sala cheia, dizer aquella quadra de compassado rythmo com que principia a historia do velho arcebispo ?...

E pois que vos disse qual seja a virtude
mais bella e querida na terra e na gloria,
deixae-me contar-vos, ao som do alaúde,
um só dos seus feitos que vivem na historia :

*
* * *

A bonhomia dos costumes da epoca reflectiu-se na poesia, como em tantos outros aspectos intellectuaes da sociedade. Havia nas relações pessoaes essa expansiva cordealidade a que se chamou — *cavallheirismo*, e que hoje, nos nossos dias de desconfiança, não existe. O sentimento da familia, que a poesia moderna banniu do seu culto, era uma das cordas da lyra d'então, — lyra que tinha tres, de que as duas restantes eram Deus e a Patria.

Nos *Sons que passam*, a nota familiar preenche metade do volume. Veja-se : poesias a Julio de Castilho, no dia do seu anniversario ; ao seu amigo Rocha Páris ; ao seu amigo Luiz Antonio Nogueira, d'Angra do Heroismo, quando lhe participou o nascimento de uma filha ; á morte do seu amigo Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso ; a Antonio Feliciano de Castilho, na occasião em que o velho poeta assistia á inauguração de um monumento que lhe era consagrado na quinta de S. Miguel de Seide, residencia de Camillo Castello Branco ; a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, no dia do seu anniversario ; e finalmente aos seus anniversarios, como as que teem por titulo — *Os meus trinta annos* e *Trinta e dois annos*, tão caracteristicas d'esse typo de composições.

Para bem longe as tristezas !
valem mais ledos enganos !
bem haja a pura amizade
que hoje festeja os meus annos !

Um brinde por vós, formosas!
por vós, amigos leaes!
por todos os que são nossos :
esposos, irmãos, e paes!
Um brinde pelos futuros
de tanta esp'rança em botão!
Vae n'elle inteira amizade,
e completa a gratidão!

Os albums estavam então muito em voga, e não havia quem deixasse de possuir um, em que os poetas eram convidados a escrever. Os poetas d'esse tempo não eram como os d'hoje, extranhos e singulares, e não viviam como os da epoca presente, n'uma atmospha de culto quasi religioso. Ao contrario, penetravam na intimidade de todos, faziam parte da familia commum e dispunham de uma popularidade, diversa da de hoje, e que era feita do carinho exaltado dos amigos e da admiração ingenua dos domicilios. Não pertenciam á multidão; pertenciam aos lares.

Vejamos um dos bons modelos das suas poesias d'album :



A BORBOLETA

A EXCELLENTÍSSIMA SENHORA D. SYMI PHILLIPS

(No seu album.)

Eu conheço-a! oh, se a conheço!
sempre volitando anciosa,
esbelta, fugaz, airosa,
esquiva, amante, esquecida,
eterno enigma na vida!...
Eu conheço-a! oh, se a conheço!
Estimo-a; estimal-a é grato;
quero entendel-a... endoideço!

Paira a mirar-se na fonte;
bate as azinhas subtis,
desce ao prado, sobe ao monte,



requeira, endoidece as flôres...
e engeita-as! Procura a chamma,
illude-a, foga!... Não ama!
Deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris!
Eu conheço-a! oh, se a conheço!

Dizem as flôres do monte :
— « Sabeis porque ella nos foga?
somos serranas e pobres!
ella é fidalga e vaidosa!
lá quer amores mais nobres!
A lisonjeira da fonte
mostrou-lhe o espelho e prendeu-a
só com dizer-lhe : — « És formosa! » —

Diz a fonte co'um suspiro :
— « Vão lá fiar-se das bellas!
Eu tão pura em meu retiro,
e tão recatada e amante ;
eu, que rejeito ás estrellas
o amor que em seus raios leio ;
eu, que lhe disse anhelante :
— « Desce! bebe do meu seio
todo o nectar peregrino! » —
pobre de mim! que fiz eu?!
julgou-me lodosa e ensossa!...
Só liba nectar divino,
gottas de orvalho do ceu! » —

E diz a gotta do orvalho :
— « Desci, desci toda a noite
para a ver na madrugada...
Foi bem pago o meu trabalho !
sorriu-me, e passou ! mais nada !
Ella quer lá gottas d'agua
trémula, fria, incolor ?!
quer lume, incendios ! (e é magna !)
quer chammass vivas no amor ! » —
— « Porque me foge a inconstante ?
— murmura trémula a chamma —
será que um delirio amante
a attrae ao regato ?... ás flôres ?...
carinhos de maior preço ?...
cores de novo matiz ?... » —

Nada ! nada ! Eu sei : não ama !
Deixae-a fingir amores !
são tudo anceios febris !
Eu conheço-a ! oh, se a conheço !

Enganam-se o orvalho e a fonte,
a chamma e as flôres do monte.
É varia como os matizes
das suas azas doiradas ;
não póde lançar raizes :
quer liberdade sem meta ;
ir sem saber onde vá ;
timbra de ser borboleta !
não ha prendel-a ! não ha !

Não ha?... Quem sabe! Os segredos
das formosas mais esquivas
tem romanticos enredos
que o mundo nem sempre vê.
Pelos caminhos da vida
o amor sabe armar uns laços,
e ás vezes... prende-se um pé...
depois... prende-se a cintura...
luta-se... e prendem-se os braços...
e eis rendida a formosura!

A flor, essa, d'innocente,
ama, deseja... mais nada;
apenas sente... que sente!
não sabe fazer-se amada!...
Mas a chamma, que é ladina,
á formosa, que a requesta,
e a afaga co'a ponta da aza,
rouba a-innocencia divina :
co'o fogo as azas lhe cresta;
com beijos de fogo a abraza!

.
.

Nada! eu volto á minha ideia!
esta borboleta é intrepida
não teme laços, nem chamma,
nem ha paixão que a submetta!

Se a amarem, sorri sem dó!
se finge amores, não ama,
que o juro aqui! vende só
desdens por subido preço!
Ha de morrer borboleta...
Eu conheço-a! oh, se a conheço!...

D'estas composições d'album está igualmente repleto o livro dos *Sons que passam*. Citemos, entre muitas outras, as seguintes :

No album de Arthur Napoleão (pag. 53).

No album de meu amigo Rocha Páris (pag. 91).

No album do meu amigo A. de Gouveia Osorio (pag. 119).

No album da Excellentissima Senhora D. Maria Anna Paes Barreto, de Pernambuco (pag. 125).

Esterilidade. — No album da Excellentissima Senhora D. Maria Leonor de Castilho. — (Pag. 153).

Entre flôres. — No album da Excellentissima Senhora D. Maria da Assumpção de Podentes. — (Pag. 205.)

Vae, mas volta! — No album da Excellentissima Senhora D. M. do C. da S. Mendes. — (Pag. 234).

Triste. — No album da Excellentissima Senhora D. Rachel Nazareth. — (Pag. 257).

Isto é, pode affirmar-se que uma grande parte dos versos de Thomaz Ribeiro, publicados no livro dos *Sons que passam*, appareceram primeiro em albums. Tal era o costume da epoca. Assim succedeu com Palmeirim, Gomes d'Amorim, Bulhão Pato, Xavier Cordeiro e tantos outros. João de Deus, Gonçalves Crespo, João Penha não romperam com o habito, que foi cahindo em desuso. Hoje o album tende a

desapparecer, e os que existem são folheados como verdadeiras curiosidades de um tempo que passou.

Os artistas dramaticos e os artistas lyricos — principalmente as cantoras italianas de S. Carlos — inspiraram mais de um poeta. Thomaz Ribeiro não se subtrahiu a essa influencia, e cantou a Lotti della Santa, a Emilia das Neves — que parece ter morrido o outro dia, e a quem tantos rapazes d'hoje não chegaram a ver; e esse grande pianista, Arthur Napoleão, nascido portuguez e revindicado como uma gloria do Brazil.





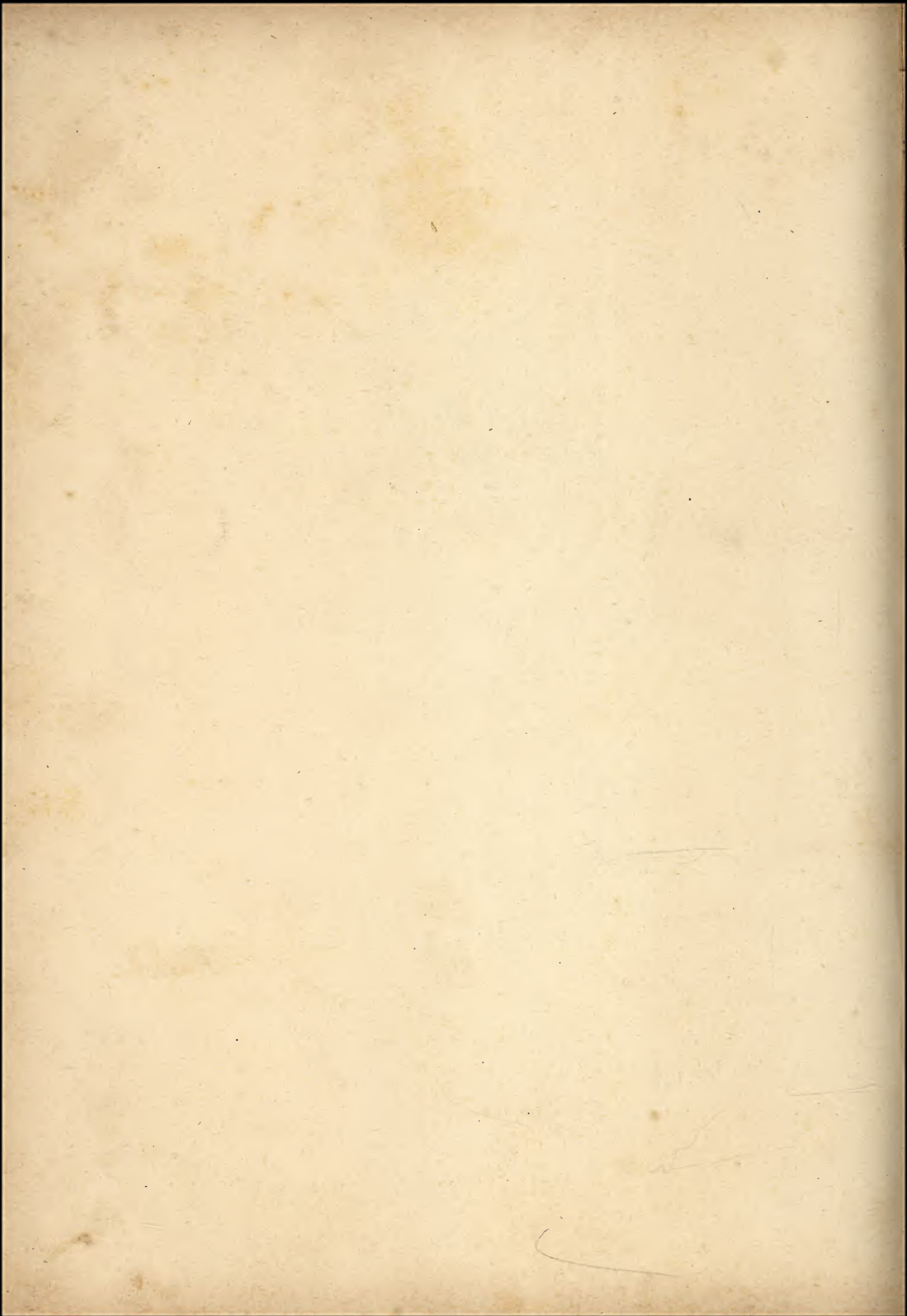
NO ALBUM D'ARTHUR NAPOLEÃO

(Na vespera da sua partida para o Brazil.)

Teu nome é teu horoscopo :
Arthur que diz? Poesia ;
Napoleão? Conquista.
Adeus, homem fatidico !
Vae, vencedor artista,
Poeta da harmonia !

Lisboa, junho de 1866.

A poesia dedicada a Emilia das Neves, foi composta para ser recitada pela grande actriz no Brazil. Intitula-se — *Adeus!*





RIO DE JANEIRO. — ENTRADA DA BAHIA, VISTA DO « MORRO DO MUNDO NOVO ».

ADEUS!

(Para ser recitado, no Brazil, por Emilia das Neves.)

Brazil, já vou partir! Eis o tremendo instante
de vos deixar enfim, a vós, que sois tão meus!
á patria irmã da minha, irmã formosa e amante!
e ás palmas! e ao triunfo! Adeus, Brazil! Adeus!

Vim, peregrina da arte, em fêrvida romagem
pedir ao mundo novo — amor, ardencia, e luz.
De muito me sorria em celestial miragem
teu rosto virginal, terra de Santa Cruz.



Ha muito que anhelava o enthusiasmo ardente
que me de cá sorria e me bradava além :
— « Oh! vem, sacerdotisa! o templo está patente;
o altar, acceso; e a orchestra, á tua espera ! — vem ! » —

Vim demandar o templo... achei um capitolio !
palmas, o pavimento ; o sobreceu, laureis ;
a arte, que me sorri, diz-me que ascenda ao solio ;
vestem-me a stringe e o manto os crentes mais fieis !

Subo ao altar submissa... eis o estrondear da festa
a dar-me fogo ao seio, a erguer-m'o de paixão !
Onde era a pobre actriz que vinha tão modesta ? !..
O' enthusiasmo ! ó gloria ! ó alma ! ó coração !

.
.
.
.

Não mais !... Corre, meu pranto ! Após o sol da gloria
as trevas da saudade, a inconsolavel dôr !..
De tudo resta só... fiel, grata memoria,
que sempre hei de guardar entre a saudade e o amor !

Que luto é o luto d'alma ! alma que se desterra
partido o seio em dois, e em dois affecto igual !
eu volto ao meu paiz... mas deixo a minha terra !
Consente-m'o, Brazil ! consente-o, Portugal !

Adeus ! já vou partir ! Eis o tremendo instante
de vos deixar emfim, a vós, que sois tão meus !
á patria irmã da minha, irmã formosa e amante !
e ás palmas ! e ao triunfo ! Adeus, Brazil ! Adeus !

O Brazil, patria de poetas, já então acudia á imaginação dos lyricos portuguezes como um paiz de sonho, onde uma poesia nova e abundante, jorrava como a propria agua, dos mananciaes da terra. O Brazil vinha frequentemente a proposito, e o vocabulario enriqueceu-se de palavras novas, a que o lyrisimo de Alvares d'Azevedo, Gonçalves Dias e Casimiro d'Abreu dera curso. Finalmente, o Brazil interessou os artistas, e a sua natureza tão suggestionadora como os proprios problemas da nova nacionalidade, estimularam o zelo dos poetas.

Na obra de Thomaz Ribeiro encontram-se allusões frequentes a este paiz, já entre composições colligidas nos *Sons que passam*, já no seu mais recente livro de versos — *Dissonancias*. É celebre a sua composição — *Os sonhos do escravo branco*, inspirada pelas apprehensões que lhe despertava a situação dos emigrantes engajados. Conclue por esta exhortação ao Brazil que mais tarde, com a lei do ventre livre e por fim com a extincção total da escravatura ¹ veio responder aos seus votos :

Brazil, terra d'irmãos ! aqui no *mundo velho*
fugiu de nossas leis a condição servil !
Tu que és do *novo mundo* o sol, o guia... o espelho...
és muito grande já... pois sê maior, Brazil !...

1. A poesia — *Os sonhos do escravo branco* — foi escripta em 1863.

*
* *
*

Thomaz Ribeiro, como todos os poetas do periodo aureo do Constitucionalismo, cantou a Liberdade, da qual diz Oliveira Martins que não era uma Deusa, mas uma menina que se namora ¹. A sua lyra foi bem a de um poeta *liberal* d'essa phase calma que produziu Fontes na politica e Castilho na litteratura, como que irmanando-se para a suprema direcção da sociedade portugueza. Assim a sua obra é inseparavel do seu tempo; e para a comprehender é mister voltar atraz, aos dias placidos da Regeneração, quando, desanuviado o horisonte, Portugal parecia, sob o *patronage* providencial de uma princeza italiana, querer finalmente entrar no caminho da Paz, do Progresso e da Civilisação, alijado de aventureiros e pessimistas, livre de agoiros e presentimentos, desconhecedor dos seus erros, contente com as suas illusões e as suas chimeras.

Thomaz Ribeiro foi o seu tempo. N'elle adquiriu e d'elle trouxe os cultos a que se rende a sua musa, musa familiar como era então a que inspirava os poetas, tão despretenciosa como elles proprios, e como elles de tão puros costumes. Por isso elle é hoje repudiado pela gente nova, que suppõe o seu lyrismo caduco, quando na realidade o que caducou foi esse culto por idéas e symbolos que deixaram de interessar e apaixonar. O que passou não foi o poeta, foi a sua epoca.

1. « A liberdade não era uma *deusa*, era uma menina que se namora :

Poeta da liberdade
Fiz d'esta nova deidade
A dama do meu pensar.
Prostrei-me aos pés da donzella,
Heide com ella e por ella
A minha terra cantar ! » — (Palmeirim. — *Poesias*).

Portugal Contemporaneo, 3.^a edição, pag. 364.

A forma d'arte que o lyrismo de Thomaz Ribeiro representa teve o seu tempo, o seu culto e os seus cultores. D'essa não ha que desdenhar. Semelhantemente, se encontram formas identicas em todas as litteraturas, e não occorre a nenhum apreciador sagaz esconjural-as, porque passaram de moda e outras mais perfeitas vieram substituil-as. No balanço intellectual de uma epoca, nada se despreza ; tudo se consigna e escriptura. A' critica e á consagração das massas intelligentes compete avaliar do que, através das alternativas e dos caprichos da moda litteraria, subsistiu para o louvor ou a admiração.

As seitas litterarias são como as seitas religiosas ; não se eliminam — substituem-se. Só uma cessa complectamente de viver, quando outra appareceu a preencher o vacuo que aquella ha de deixar. Assim, o Romantismo, creando rapidamente fóros de escola aos golpes de genio de Victor Hugo, poudes em França substituir n'um dia o classicismo moribundo. Quando o prefacio do *Cromwell* appareceu como uma nova Constituição litteraria, essa forma vetusta da arte tinha deixado de existir. O Parnasianismo vem em seguida procurando soffrear em formas plasticas o *élan* desenfreado do Romantismo. Com esta nova igreja, surgem sacerdotes admiraveis, como Leconte de Lisle, Sully-Prudhomme, François Coppée, José-Maria de Heredia, Theodoro de Banville. Vem depois os symbolistas com Paul Verlaine, Mallarmé á frente, e, por seu turno, erigem em corpo de doutrina novos metros, novas convenções. Mas, tão exacto é o principio de que uma seita litteraria só desaparece quando outra surge a substituil-a completamente, que, a despeito da existencia das novas formações litterarias que apontamos, a chamada *poesia romantica* ou *lyrismo romantico* tem ainda o culto fervoroso que tanto irrita os innovadores. Lamartine ainda não morreu ; o lyrismo do velho Hugo vibra e fará vibrar por muito tempo os corações...



Lê-se ainda o *Jocelyn* com verdadeira commoção; e as *Contemplações* são e serão por largos annos a Biblia das almas ternas e dos corações sensiveis.

Porquê? Porquê?!

Pois não o adivinharam ainda?...

E' que as almas e os corações reclamam ainda, como reclamarão sempre, um ideal em que mitiguem as suas sêdes eternas; e esse ideal que lhes foi dado ás mãos ambas, como quem dá agua pura colhida em um manancial, ainda não foi substituido por outro, não diremos melhor, mas differente, por aquelles que, a pretexto de revolucionarem a Arte, se collocaram á frente dos movimentos litterarios d'estes ultimos tempos.

Por ora, tudo se tem limitado a meras questões de lithurgia—que a Forma não é outra cousa em Arte.

A religião, se não é a mesma, tambem não é outra. Não basta fazer evangelhos; é preciso ter Christos, isto é, grandes symbolos. Para os verdadeiros crentes, a igreja não é bella pelo seu esplendor, senão pela particula sagrada que elles, na sua fé, suppõem existir lá dentro, nos tabernaculos.

A questão é esta: os artistas innovadores que teem pretendido reformar ou destruir o que em poesia se chamou *lyrismo romantico*, não trouxeram consigo, os seus novos typos de belleza artistica, o seu vocabulario ou as suas tendencias de espirito, um novo norte ás almas, isto é—um novo ideal. E as almas não os seguiram ainda, porque as almas são como os corpos. Só mudam de casa, isto é, de ideal, quando teem a certeza de encontrar outra.

D'entre as grandes composições compiladas nos *Sons que passam*, como o *Herminio*, no genero d'ode pantheista e a commoventê historietta do *Fiel*, destaca-se a ballada da *Judia*, porventura a peça poe-

tica de Thomaz Ribeiro que mais e melhor contribuiu para a popularidade do seu nome. A *Judia* fez o que se chama, — epoca. Recitada primeiramente no theatro de D. Maria II por Emilia Adelaide, em 1864, divulgou-se por tal maneira e com exito tão favoravel, que a breve trecho se transformou n'uma verdadeira *scie* lyrica. Escripta n'esse tom sentimental e plangente, e n'essa toada musical que tanto captivava o gosto litterario e o ouvido das gentes d'então, a *Judia* deu a volta a Portugal, atravessou os mares, e, no Brazil, foi confirmar a extraordinaria consagração que obtivera aqui.

N'uma epoca em que ainda se lia com emoção Gessner, Dellile e Bernardin de Saint-Pierre, a *Judia* fallou a todas as almas, commoveu, perturbou, encantou. Do theatro passou aos domicilios. Recitou-se nas *soirées* e nas mais modestas reuniões de familia, decorou-se, cantou-se, — porque onde houvesse um piano, a *Judia* era commentada em harpejos melodosos, como as passagens dos melodramas o eram em tremolos de violinos. Viu-se isto : uma ballada revolucionar os lares. Foram as mulheres, e principalmente as mulheres novas — que a adoptaram primeiro ; depois, toda a gente : moços e velhos sagraram a obra do poeta com a sua commoção e as suas lagrimas.

Corria branda a noite...

Quantas recordações!

Lisboa não soffrera ainda a febre de melhoramentos que a accommetteu depois. Não havia avenidas, nem parques, nem *squares*, nem ascensores mechanicos, nem cafés luxuosos, nem portos de luxo convidando a navegação universal. O *rendez-vous* da população era o Passeio Publico, fechado com grades e encerrando n'uma unica alameda poeirenta dois renques d'arvores tristes. Ali se passeiva aos domingos e quintas ; ali se ouvia a musica da banda regimental ; ali



se tomava o fresco nas noites d'estio; ali se apanhava o sol nas tardes de inverno; ali se combinavam os casamentos e as esperas de touros; ali espaírciam os velhos; ali se encontravam as creadas, as amas de leite e os militares da guarnição; ali brincavam as creanças; ali, finalmente, ia desaguar, canalizada por todas as ruas da Baixa, por todas as calçadas dos bairros altos, a vida de Lisboa, tal como ella era a esse tempo, —monotona e melancolica.

As ruas não tinham movimento. Às quatro da tarde, a rua do Oiro deixava escoar das repartições publicas, caminho de um taciturno jantar de sôpa, vacca e arroz, toda uma população de funcionarios mal pagos. Às oito da noite, á porta da *Havaneza* e do *Baltresqui*, a joven aristocracia, que não tinha ainda onde reunir-se, contendia com as mulheres que passavam e dava gebadas nos chapéus altos. Havia o *marialva*, que hoje desapareceu e consistia n'uma especie de *fadista* de antiga linhagem, desordeiro e mal educado. A cortezia era o privilegio dos homens de idade; as boas maneiras não haviam conseguido transpôr ainda os humbraes de certos salões. A mocidade estroina jogava o sôcco; e a rua era um perigo...

Os divertimentos favoritos da população eram as feiras e as *hortas*. A feira de Belem e a feira das Amoreiras reuniam todas as noites, mal se inauguravam, milhares de pessoas de todas as classes. Afóra isto, tomavam-se sorvetes no *Martinho*, o que se fazia com ostentação; e ia-se ao theatro, que n'essa epoca tinha glorias — o Tasso, o Santos, o Theodorico, a Emilia das Neves e a Emilia Adelaide em *D. Maria*; o Sargedas, no *Salitre*; na *Trindade*, o Isidoro e a Delphina; e o velho Taborda, no *Gymnasio*, fazendo rir a bandeiras desprezadas, nas comedias do Labiche.

Que tempos!...

A vida da rua reflectia a vida da casa, desconfortavel e triste.



A RECITAÇÃO AO PIANO. — QUADRO DE COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO



Não tinham ainda entrado em Portugal as idéas de agasalho luxuoso, as manias do mobiliario artistico, do *biblot* e do *bric-à-brac*. A sala de visitas, sempre fechada e ás escuras, mobilada com moveis de palhinha, dois aparadores cheios de louça ordinaria de bazar, conchas do mar e flôres de papel, era a unica dependencia apresentavel do domicilio, onde se recebiam as visitas, de pé e com seccura, ou sentadas na borda do canapé que invariavelmente estava encostado a uma parede e ladeado por duas cadeiras de braços. Ahi havia algumas vezes um piano e sobre elle as musicas que geralmente se tocavam — *pot-pourris*, polkas, valsas, e um acompanhamento do *Noivado do sepulchro*. No resto da casa, a sala de jantar com a toalha ennodoadade vinho, posta sobre a meza; quartos de dormir interiores, onde, no escuro, se adivinhavam camas por fazer; a cosinha suja; um gallego, um gato e uma creada a cantar.

Nas habitações dos pequenos burguezes, as raparigas passavam o dia á janella, namorando em voz alta ou olhando com tristeza a rua solitaria. De dentro das casas, pelas escadas mal cuidadas, cheirando a peixe e a lixo, vinham ruidos de altercações domesticas, e vozes declamando ao piano:

Dois esqueletos um ao outro unidos
Foram achados n'um sepulchro só.

ou :

— Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi...
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

A *Judia* appareceu n'esta epoca e n'este meio; e pareceu ajustar-

se tão perfeitamente com a melancolia vaga e a tristeza doentia que então pairava sobre todas as cousas, que não se tratou de a comprehender ou decifrar, senão de a cantar, suspirando e gemendo, como uma melodia que calisse em graça. Thomaz Ribeiro ficou sendo conhecido como o auctor da *Judia*; e a *Judia* deu ao seu nome uma voga, que o proprio *D. Jayme*, todavia tão popular, não conseguira talvez trazer-lhe.





A JUDIA

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
a riba, silenciosa; a viração, subtil;
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno;
no ceu, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo
bordava aureo listão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias d'aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flôr! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo, o ceu e o mar!...

Se a triste da judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu :
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu!...

.
.
.
.

Corria branda a noite ; immersa em funda magua
fui assentar-me triste e só no meu jardim;
ouvi um canto ameno ! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente . A voz dizia assim :

— « Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vem dos ceus :
dorme ; e não vejas o martyrio, as maguas,
que eu digo ás aguas, e não conto a Deus !

Anjo sem patria, branca fada errante,
perto ou distante que de mim tu vás,
ha de seguir-te uma saudade infinda,
hebreia linda, que dormindo estás.

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
mundo infinito, e tu sem berço?! oh! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbelle que um tufão roubou!
flôr que n'um vaso se alimenta, crece,
ri, desaparece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê:
sempre Ashevero a percorrer a esphera!
desgraça austera! inabalavel fé!

porque ha de o lume de teus olhos bellos,
mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos;
não n'a acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
grata miragem que n'ermo vi;
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não volto aqui! » —

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus labios tomei...
Ergui-me cheia d' affecto;
vi scintillar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse ás auras : — « Correi!

trazei-m'o ! quero contar-lhe
o fundo tormento enorme
da judia que não dorme
a penar d'ignoto amor!
voae! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto...
que venha ! o meu trovador!... »

Ai, não ! que ha na minha historia
que lhe suavise a tristeza ?
Nasci na triste Veneza,
onde perdi minha mãe ;
acalentaram-me lagrimas
que derramava a saudade,



na desgraçada cidade
que não tem patria tambem¹.

Cresci ; meu pae uma noite
disse-me : — « É já tempo agora ;
ergue-te ao romper da aurora
vamos partir ámanhã ;
vamos vêr as terras santas,
sepulchros de teus monarchas ;
a patria dos patriarchas,
desde o Egypto a Chanaán. » —

Fui ; corri o mappa immenso
das montanhas da Judeia ;
ai, patria da raça hebreia !
ai, desditosa Sião !
que extensos montes sem relva !
que paragens sem conforto,
onde se estende o Mar-Morto
e onde serpeia o Jordão !...

Aqui, de Hemor os vestigios ;
de Ziphe, além o deserto ;
longe, o Sinay encoberto ;
d'Horeb o morro, inda além ;
d'este lado, o Mar-Vermelho ;
d'aquelle... nada ! uns destroços :

1. A data da poesia (1864) explica este verso.

ruínas, campas sem ossos;
e, ao fundo, Jerusalem.

Meu pae chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestigio,
terra de tanto prodigio,
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, esteril,
tudo vastos cemiterios
onde ruínas d'imperios
ficaram por mausoleus!

— « Meu pae — disse eu — tenho sede. »

— « Vê, filha, a aridez do monte :
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael. »

— « Pae, cancei; mostra-me a patria,
quero dormir sem receio... »

— « Filha, encosta-te ao meu seio,
que não tem patria Israel. »

.
.
.
.
.
.
.
.

Em todo o mundo estrangeira,
toda a vida peregrina!
Vede se ha mais triste sina :
ser rica, e não ter um lar!
Sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino!
como Abrahão á pobre Agar!

Que póde valer á hebreia
sentir n'alma chamma infinda,
como a linda Esther ser linda
e amada como Rachel?
Se o coração da judia
se entre-abre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
não voltes! tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
não, blasphemaste; Deus, não.
Pôz o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor chama-lhe — loucura,
e o preconceito — razão.

Deus é Deus, e um só existe;
cego é o mundo, e vária a crença;

mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós !
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brillos,
hão de ser de nossos filhos,
foram de nossos avós.

Mas se a crença nos separa
e o mundo exige o supplicio,
dê-se o amor em sacrificio,
deixando-se o pranto á dôr;
eu, cerro o peito á ventura;
tu, esmaga o teu desejo,
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador!

* * *

Os *Sons que passam* concluem por um capitulo tendo como rubrica esta palavra — *Lagrimas!* Dir-se-hia a inscripção de uma lapide funeraria.

São com effeito lagrimas esses versos consagrados á memoria de pessoas queridas, saudade dos que morreram, dôr e desconsolo de viver só! O auctor dirige-os a sua mãe, a quem constantemente invoca, como Lamartine, obsidiado pelo desespero de a haver perdido.

Mais le bleu du trépas cernait sa lèvre rose;
Le sourire y mourrait à peine commencé;
Son souffle raccourcit devenait plus pressé,
Comme les battements d'une aile qui se pose.

A morte de sua mãe, perturbando-lhe toda a existencia, foi um verdadeiro drama para o seu lar. É esse drama que elle conta em versos por ventura os mais sentidos que tenha escripto, embora os menos conhecidos da sua obra de poeta infatigavel.

Ao mesmo tempo que o punge a recordação de sua mãe que já não vive, desperta-o o desejo sentimental de morrer, imprimindo ao seu canto esse tom magoado de elegia que vibra em todo o lyrismo da sua epoca, e de que nos dão um exemplo tão frisante estes versos :

Hei de morrer no outomno ! a quadra triste
do desarmar do templo, ha de encontrar-me
scismando esmorecido entre umas folhas,
e amortallar-me n'ellas! . . .





CAPITULO III

OUTROS LIVROS



o seu segundo poema *A Delfina do mal*¹ que appareceu em 1867, Thomaz Ribeiro parece que desejou fazer um ensaio de poesia *realista*, ou melhor ainda *naturalista*, — mas um *naturalismo* a seu modo, conforme á sua educação e ao seu temperamento, para provar aos novos, aos revolucionarios que combatiam os romanticos, que um poeta podia estudar, observar e cantar a Natureza, sem descer aos exageros de certos imitadores e plagiarios de Baudelaire, sem cahir nos desmandos poeticos do genero dos que, annos mais tarde, provocavam as iras dos tribunaes francezes, — com a apparição das *Chansons des Gueux*, de Jean Richépin.

Na dedicatória da primeira edição, a seu irmão Henrique Ribeiro Ferreira Coelho, abbade de Santa Maria de Silgueiros, declara o auctor que as paginas da *Delfina do mal* foram escriptas « a sabor de uma phantasia um tanto agreste e deseducada ». E accrescenta:

1. Ernesto Chardron, editor. Porto.

« E eu gosto d'ella assim; a phantasia de um poeta, Deus me livre de a ver amaneirada e palaciana.

« Sabe porque chamei « agreste » á minha? porque olha nada por si e *tudo pela natureza*; porque se compraz em ver pouco as hodiernas magnificencias dos homens, para se extasiar diante das velharias de Deus; porque, em vez de alisar e encobrir as rugosidades das ruínas, põe o seu cuidado e o seu trabalho em destruir, em esboroar os artedidas estuques do romanticismo, e *quer bem a nú o musgo da rocha e as cicatrizes da face*.

« Abbade, a arte e a poesia que se não inspirarem da verdade, e se não modelarem pela natureza, não são poesia, nem arte¹ ».

Camillo Castello Branco, o amigo íntimo de Thomaz Ribeiro, a quem o poeta dedicou a segunda edição da sua *Delfina*, e as edições das *Vesperas* e das *Dissonancias*, — Camillo quando pela primeira vez foi convidado a ler a *Delfina do mal*, suppôz que o seu amigo ia mudar de rumo, sacrificar a sua Musa romantica nas aras do Realismo. E' o proprio auctor do *Amor de perdição* quem o confessa n'uma carta a Thomaz Ribeiro :

« Quando li os episodios naturalistas (*sic*) do teu poema, cuidei que inauguravas n'este paiz ronzeiro a escola *realista*. »

Os receios de Camillo justificava-os o grande romancista, transcrevendo da carta-prologo da primeira edição da *Delfina* as mesmas linhas que acima vão transcriptas e sublinhadas. E continuava Camillo :

« Isto, em Portugal, e ha quatorze annos, pareceu-me temeridade, e a critica dos corypheus das lettras — dos coristas do Noticiario pedante — por desgraça, concordou commigo. Acoimaram-te uns innocentes de realista baudelaireano, como se houvesse poeta no mundo mais *artificial* e menos realista que Baudelaire — escreveu-se que

1. *Delfina do mal*, 2.^a edição, pag. IX.

exhibias amphitheatro de gangrenas da alma e da carne; que descarolavas pustulas para expôr o colorido e o fetido das fibras podres. Havia escriptores de estomago hystérico a queixarem-se de nauseas. Alumnos de pathologia consultavam o teu poema para dissertações cruamente adjectivadas dos verdes e do roixo das ulcerações. Damas lidas no *D. Jayme*, que eram todas, deploravam o teu desvio da linlia sentimental que as conduzia pela idealidade linda e limpa de furuncullos, ao affecto da patria, ao amor das bellezas imponderaveis e até á paixão das cousas pedestres e tangiveis do modo como tu lh'as apresentavas escondidas, nas grandes corollas eburneas das magnolias. Eu já não era romantico afestoado de jasmins e wergiss-mein-nicht, n'esse tempo; mas de mim para commigo argui-te de *rebelde aos preceitos do selecto gosto* todas as vezes que abrias o teu estojo de Bichat e começavas a descarnar chagas canceradas e a forçar-me com a magia dos teus versos a contemplar espectaculos que eu evito nas realidades hediondas d'esta vida ¹. »

Tacs foram os receios que teve Camillo Castello Branco, em 1867, de ver o seu querido poeta, aquelle que no *D. Jayme* e nos *Sons que passam* melhor havia traduzido o sentimento e o espirito da segunda geração de romanticos, — passar com armas e bagagens para o campo inimigo, tornando-se « *rebelde aos preceitos do selecto gosto* ».

Mas esses receios, o tempo se encarregaria de provar que eram absolutamente infundados. Quem nasceu romantico, viveu e morreu romantico. Na litteratura, assim como na arte, as apostasias são raras. O homem de lettras, como o artista, quando é sincero, honesto e puro, quando é um apaixonado e um crente, nunca deserta a escola em que se filiou; e á hora da morte ainda combate pela mesma doutrina, pelo

1. *Delfina do mal*, 2.^a edição, pag. XLVI.



mesmo credo que professou quando era moço. As letras e as artes vivem n'um mundo muito acima do vulgar e baixo utilitarismo, para que possam para lá trepar os traficantes e os egoistas, promptos para todas as traições de que o mundo sublunar é quotidianamente theatro.

O stigma de *rebelde* era injusto e prematuro applicado a Thomaz Ribeiro, só porque escreveu a *Delfina do mal* « para a humanidade » depois de ter escripto o *D. Jayme* « para a patria' ». Quatorze annos mais tarde (em 1881) Camillo Castello Branco relia a *Delfina*, e tinha de reconhecer que o realismo d'esse poema em nada se parecia com o realismo da moda; que apesar de ter estudado e observado directamente da Natureza os seus personagens e os seus aspectos, o poeta continuava sendo o mesmo delicado romantico que escrevera o *D. Jayme*; e é o proprio Camillo quem confessa que n'esse poema achou « subtilezas da escola byzantina, quando a arte grega desfallecia; e phrases tão facetadas que lhe pareciam notas tiradas do teclado do estylo da decadencia² ».

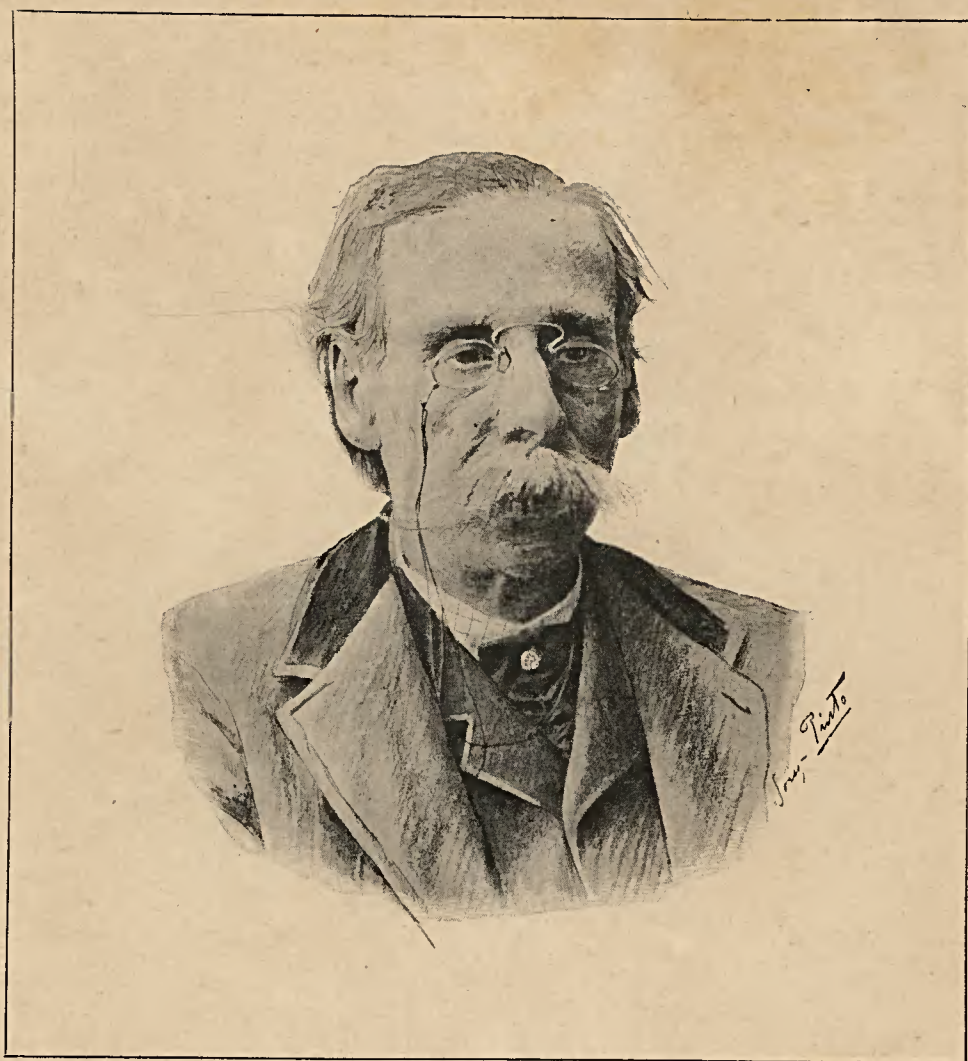
Para Camillo, nos cinco annos que decorrem do *D. Jayme* á *Delfina do mal*, o poeta modificou, aperfeiçoou ou modernizou a sua maneira. Será possível. Mas o romantico permaneceu o mesmo, vendo a vida e a humanidade pelo seu prisma sentimental e christão, apesar de todas as correntes e batalhas litterarias que por esse tempo punham em effervescencia a Europa inteira — como hoje com estas luctas que principiam a accentuar-se e a augmentar de intensidade, entre *parnasianos* e *realistas* d'um lado, e *symbolistas* do outro. E como não ha de ser assim — se cada nova geração que surge, traz comsigo outros ideaes e outras ambições?...

Ora reparem no que escrevia Camillo Castello Branco em 1881:

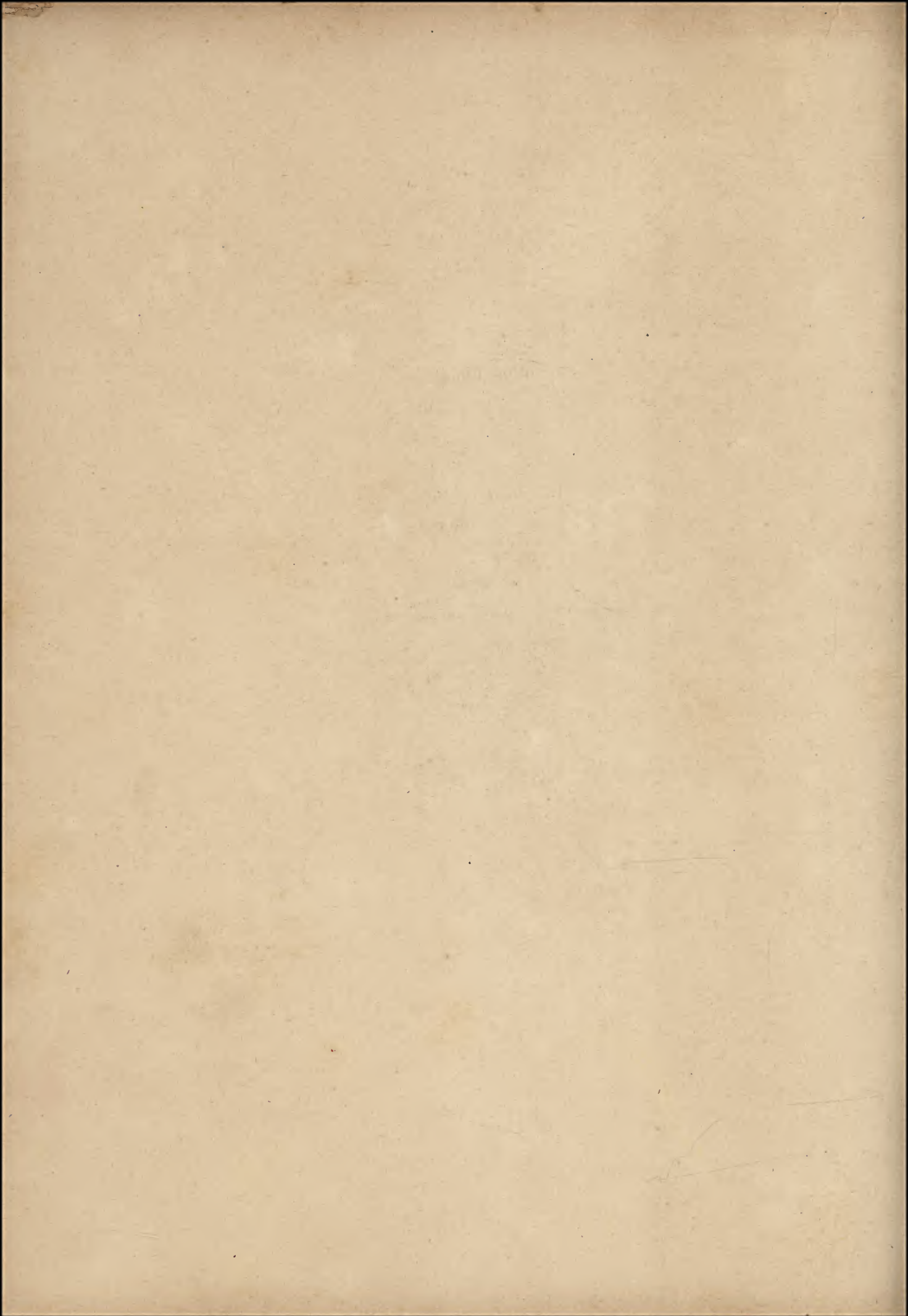
1. *Delfina do mal*, 2.^a edição, pag. XXI.

2. *Delfina do mal*, 2.^a edição, pag. XLVII.





CAMILLO CASTELLO BRANCO



« O que parece que palpita no embryão das ultimas Musas é a poesia scientifica representada por Mme Ackerman, a primeira par-turiente no genero. Se vieres a filiar-te n'este apostolado pedago-gico, tens de rejeitar Horacio, Schiller e Lamartine. A *poesia* scienti-fica abrollia do *positivismo* de Comte. Vê tu que disparate! — Poesia e positivismo. É o mesmo que irmanar um madrigal com uma *sebenta*, e uma *Noite* de Musset com uma prelecção do doutor Paes. Preten-dem fazer-nos retroceder a Saint-Lambert e a Delille. A poesia scien-tifica tem este modernismo — é apenas menos antiga que as *Geor-gicas*. Ameaçam-nos com a rhetorica da sciencia — a peor das rhetoricas ¹. »

Isto escrevia Camillo em 1881 — ha quatorze annos. Ora vejam como o mundo anda depressa, com que velocidade elle anda! Este trecho já parece do seculo passado!...

Ha quatorze annos apenas, *parecia* a Camillo que o que palpi-tava *no embryão* das ultimas Musas, era a poesia scientifica de Mme Ackerman! E quem é que hoje lê essa poetisa? Que poeta novo ha ali, assim na Europa como na America, fervoroso apostolo de Verlaine ou Mallarmé, que perca um instante a ler, a meditar, a estu-dar essa senhora?...

Não, leitores. A *Delfina do mal*, esse drama provinciano e agreste, não representa a deserção d'um romantico para o campo dos frios realistas, dos pessimistas litterarios. A *Delfina do mal* é a obra d'um romantico que desce dos dominios da phantasia pura e do puro sentimentalismo, para analysar e anotar as miserias e soffrimentos da pobre humanidade: — olhos sempre voltados para o ideal e para as estrellas, que por um instante baixam tristes e commovidos para as negras e duras realidades da Vida...

1. *Delfina do mal*, 2.^a edição, p. XLVIII.



Muitos amigos e admiradores de Thomaz Ribeiro, acostumados á magestade dos assumptos da poesia classica e ás magnificencias dramaticas da poesia romantica, conhecendo o enredo singelo da *Delfina*, perguntaram-lhe porque não empregava antes o seu estro e o seu talento, cantando uma pagina gloriosa da historia, como o fez Camões? Ao que o poeta respondeu singelamente :

« Porque me não supponho com peito para a tuba epica, e porque me inspira menos a gloria que a miseria. A gloria impera e manda; a miseria chora e pede. A gloria é vaidosa e ingrata; a miseria, modesta e humilde. O heroe é como o tufão que passa, trôa, assola.... espanta ! fica-lhe após um côro immenso composto de hymnos, silvos e maldições; côro que ás vezes se dilata pelos echos das edades até se perder no abysmo incommensuravel dos tempos; a miseria é a voz suave e meiga que se dirige á consciencia, e que só proclama os seus direitos, pedindo á sociedade a esmola dos seus deveres. A gloria epica, a guerreira, é, se tanto, uma vaidade nacional; a miseria, uma infeliz verdade social¹. »

Eis a razão porque Thomaz Ribeiro pegou na historia da solitaria da Ucha, da pobresinha leprosa a quem por alcunha chamavam a *Sagucha*, e por medo a *Mulher do mal*, de quem todos fugiam como se fôra a propria Peste, a quem um soldado desertor roubou a filha que era seu unico amparo, — e com essa historia fez um poema.

.
roubou-lhe... tudo ! tudo ! um desertor !
roubou-lhe a filha, o seu amparo e amor
e a leprosa ficou... mais morta ! — só.
.

1. *Delfina do mal*, 2ª edição, pag. IX.

Na *Delfina do mal*, o que Thomaz Ribeiro pretendeu, foi cantar « a gloria da caridade e a gloria de resignação. » Eacrescenta :

« Estas, sim, que são filhas do amor; n'estas creio eu, porque são intimas; não se dissipam em fumo, nem em vozerias; chegam intactas pelo menos á sepultura, e deixam, por unicos signaes da sua passagem, lagrimas nos olhos dos consolados, sorrisos na face do consolador¹. »

Se o poeta, aos trinta e seis annos d'idade, que foi quando escreveu a sua *Delfina*, só n'estas glorias accreditava, é porque, apesar de se declarar « um dos mais crentes homens do seu seculo », nem por isso deixava de confessar « que o estado quasi habitual do seu espirito era a duvida. » E accrescentava : « E' o peor estado d'alma.

« O scepticismo é uma fé ; ha n'elle uma ideia firme e assentada : a negação positiva, ou a positivade da negação... a duvida é a calma-ria do espirito....

« A duvida é o limbo das almas na estação da vida. E eu duvido, não a respeito de tudo, mas a respeito de muito² ».

E passando mais além a precisar melhor o seu intuito ao escrever a *Delfina do mal*, declara que o que quiz foi « pôr bem a nú as chagas da miseria, e procurar que a poesia servisse a approximar d'ellas a caridade ».

« Como accessorios, busquei nos velhos, mas ainda vivedouros, costumes do nosso paiz, os fundos para os meus quadros e bosquejos. Ahi ha de encontrar, entre outros, as caçadas beirôas, os coros das lavadeiras, as historias de bruxas e lobis-homens, o acalantar ao berço, o soalheiro das velhas, os presentes das camponezas, o serão

1. *Delfina do mal*, 2ª edição, pag. XII.

2. *Delfina do mal*, 2ª edição, pag. XIV e XV.

da aldeia com as suas cantigas ao desafio, enfim, alguma coisa de bem portuguez do muitissimo que ainda por ali ha, mercê de Deus. Os costumes de um povo representam uma parte importante da sua nacionalidade, e parece-me que bem faz o que os deixa consignados n'aquillo que por ventura possa viver mais algum anno que a existencia individual¹. »

* * *

A Delfina do mal divide-se em dez cantos : I. *A caçada*. — II. *A Ucha*. — III. *Paciencia*. — IV. *O soalheiro*. — V. *Prenda d'annos*. — VI. *Idyllo em Gethsemani*. — VII. *Entreacto*. — VIII. *Providencia*. — IX. *Via-Sacra*. — X. *A beira do abysmo*.

Abre, porém, com uma introdução que é como um hymno plangente aos tempos da juventude.

Ó aurea juventude! ó mocidade!
ó sonhos d'um passado feiticeiro!
enchei-me o peito vão d'essas memorias,
que valem mais que as ambições de glorias!

.

Tudo acabou; o tempo avaro e frio
as flôres nos levou da mocidade!
eis-nos da vida no encalmado estio;

.

Olha o correr do mundo e o das venturas!
olha o mudar dos tempos e dos annos!

1. *Delfina do mal*, 2ª edição, pag. XXII.

olha o paiz dos sonhos e loucuras,
como o doura a saudade e os desenganos,
agora que da vida nas agruras
colhemos da experiência os dons e os danos,
e de braços cruzados sobre o peito
já temos seria a fronte e triste o aspeito!

Não somos velhos, não! mas, como os velhos,
apraz-nos já fallar d'antigos feitos;
ninguem nos pede adagios, nem conselhos,
mas já vamos a elles sendo atreitos.
Memorias são os unicos espelhos
a que os velhos se miram satisfeitos;
imitemol-os, pois: escuta, amigo,
vou-te fallar do nosso tempo antigo.

Noites de inverno e noites de uma aldeia
só passadas em torno da lareira:
ao pé do velador e da candeia
muita fresca aldeana fiandeira;
e depois de comida a alegre ceia,
e de arrumada a loiça e a cantareira,
muitos contos ao lar; muitas cantigas!
Oh! como se está bem com raparigas!...

E o poema abre com a descripção d'uma caçada nos cerros da Beira, seguindo-se-lhe depois o côro das lavadeiras, que começa com este singelo descriptivo:





Sob as franças da ramagem,
grato repouso das brizas,
um eito de pedras lisas,
onde treze lavadeiras,
ajoelhadas na folhagem,
batem as alvas camisas,
longos lençoes de paninho,
gravatas, meias, e anaguas
com entre-abertos e rendas,
colletes finos de linho . . .
tudo, emfim; aquellas aguas
que digam todas as prendas
de cada moça aldeana
que hão de ser vistas na festa
e procissão de Sant'Anna!

.

Todas riem, todas cantam,
uma só canta e não ri!
todas tem luxos que espantam,
só ella os não tem ali!

.

Côro de lavadeiras

— « Batei, lavadeiras! cantae, raparigas!
que a vida tem risos, a lida, condão ;
os prados têm relvas, as rocas, estrigas ;
de dia, as barreias, de noite, o serão! »

Maria

— « Eu no ceu tenho uma estrella,
na terra, uma sombra : — a dôr.
Diz-me o rio que sou bella,
teima que não cada flôr. »

Côro de lavadeiras

— « Batei, reparaigas, que o linho é de neve,
de cantos, a aldeia, d'amores, o lar!
Saudades e penas, o rio que as leve!
Cantar como as aves! viver é cantar. »

Maria

— « N'uma tarde bem formosa
Deus meu berço visitou ;
mandou-me ser desditosa !...
a Virgem viu-me e chorou! »

Côro de lavadeiras

— « Lavae, lavadeiras! a festa não tarda!
que danças, que abraços a festa nos traz!
que valem as fúrias da mãe que nos guarda
dos olhos travessos de muito rapaz?! »

Maria

— « Pedi ao prado uma rosa,
o prado a rosa me deu;
feriu-me os dedos raivosa
e de offendida morreu. »

Côro de lavadeiras

— « Bateí, raparigas, colletes e anaguas!
quebrae-me essas pedras, que são de crystal.
Sois filhas mimosas do sol e das aguas,
e irmãs d'uma flôres que nascem no vall'. »

Maria

— « Pedi a Deus na amargura.
um affecto igual aos meus!...
Quem não pode ter ventura
Pedindo-a, entristece a Deus. »

* * *

Levar-nos-ia muito longe uma descripção minuciosa d'este poema, todo provinciano, todo campestre, e onde o auctor conseguiu, com rara felicidade e grande justeza e sobriedade de tintas, pintar varios

costumes e variados aspectos do nosso paiz. A *Delfina do mal* é um poema tão provincianamente portuguez — se assim se pode dizer — como qualquer dos bellos romances de Camillo ou Julio Diniz.

Mas n'um ou n'outro canto o poeta, arrastadô pela phantasia, pelo sentimento, pela inspiração ardente, como que abandona o estreito scenario da sua querida Beira, no meio do qual se movem os seus personagens, para se lançar em vastas e desafogadas generalidades. N'este caso se encontra a abertura do canto V, onde Thomaz Ribeiro descreve o que é um baile; — e para o seu quadro decerto lhe não servio de modelo uma pequena *soirée* de provincia, mas alguma das grandes *soirées* da capital, cuja grandiosidade, bulicio e magnificencia, maior impressão causaram no seu espirito de singelo e modesto provinciano.





Hoje é toda fulgor, toda fragancia e musica,
toda murmurio e riso, a senhorial mansão!
reverberae, cristaes! soae, concertos magicos!
voae, almas e amor, na valsa e na canção!

Erguei-vos de prazer, amantes seios turgidos!
alegre mocidade, ebria de fogo e luz,
estrellas do sarau — formosas virgens pallidas,
dae, dae a mão tremente á mão que vos conduz!

Voejae na aerea dança, ó louras aves nomadas!
relampejae, fugi, reapparecei subtis!
cruzae-vos, repassae, multiplicaee reverberos,
aureas visões d'um sonho! anhelos que sorris!

Erguei-vos, crepitae, tremei, luzes prismaticas!
roseos festões, sorri! labios, fallae de amor!
referva, corra, espume em niagara esplendido,
em ondas o prazer, em raios o esplendor!

Mal pisa o rancho aereo as alcatifas morbidas,
de pombas semelhando, em seu voejar sem fim,
bando que paira, e vae roçar co'as azas candidas,
voando ao rés da terra, as flôres de um jardim!

Redomoinhae na valsa, ó mariposas tremulas,
que não sabeis que a vida ao pé da luz se esvae,
e que ao prazer vos furta um só momento rapido
entre o soar de um beijo e o esmorecer de um ai!

A vida é aura do mar que passa em arpa eólea,
e treme de prazer ao som que fez vibrar;
e em vez de ir seu destino, a rosa, aos ceus, aos jubilos,
volve, na harpa se enreda, expira e cae... no mar!

A dança é febre, excita!... e após, cansaço frigido
que toma corpo e alma! É a virgem do salão,
ave agarrada a um seio onde Vesuvio intimo
a espia e lhe prepara a morte na erupção.

Folgae, que o prazer passa e o baile tem bem proximos
os lustres e a manhã! sonho de amor fugaz!
raio que fulge e expira em meio a dois crepusculos!
sorrisos que um bocejo accende e outro desfaz!



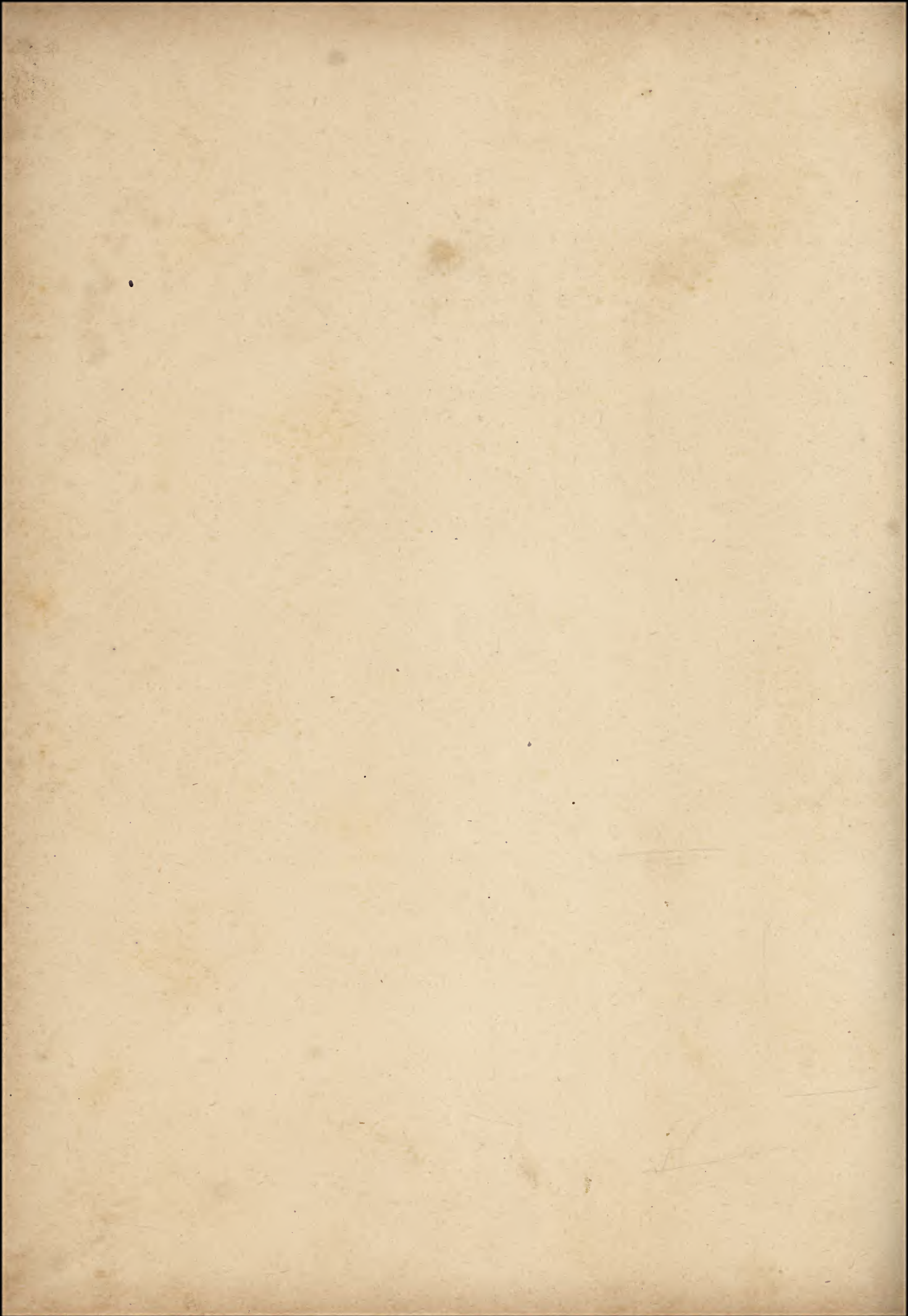
Virgens, segurae bem na lisa fronte angelica
a singelinha flôr que vossa mãe vos deu!
se o baile vos tentar sumir no escuro vortice,
furtae a flôr e a mão á mão que vos prendeu.

E quando após o baile, a estancia muda, placida,
onde a innocencia véla os sonhos virginaes,
vos acolher, não veja o vosso espelho fulgido
o esçorregar d'um pranto, o vasquejar dos ais!

.
.
.
.

É toda hoje prazer, toda fragancia e musica,
toda esplendor e riso, a senhorial mansão!
reverberae, cristaes! soae, concertos magicos!
voae, almas e amor, na valsa e na canção!

A nota lyrica do poema anda esparsa em todo elle, e difficil é surprehender um largo trecho onde se accentue com maior intensidade. O lyrismo da *Delfina* vibra em notas isoladas. Ás vezes um simples verso, uma simple phrase : — e é tudo. Mas é o bastante para se reconhecer que é a mesma a Musa que inspirou a *Delfina*, como a que inspirou o *D. Jayme*, e mais a *Judia*. Se não, vejamos esta ballada á Lua — a eterna e dôce confidente de todos os amantes... e de todos os poetas.





Vae cantar Josefina. O murmurinho
passa, rareia... expira!
o piano começa; as almas pendem
dos labios da tremente sensitiva;
já os vagos harpejos se suspendem;
Começa a virgem casta a :

Casta Diva!

Ó lua, pára, escuta
o flebil canto aereo!
no espaço azul sidereo
se expande a vibração;
ouve a sacerdotisa
que em supplices accentos
e em magicos lamentos
te invoca na amplidão :

— « Casta Diva que prateias
a sagrada selva annosa,
volve o rosto a nós, formosa!
puro, limpido, sem veu ! »

Parae, auras do outomno
que andaes furtando amores
ao calice das flôres,
parae ! ireis após
levar á Casta Diva,
que sobe á immensidade,
as notas de saudade
que solta aquella voz !

— « Dos crueis fogosos seios
modifica a intensa chamma !
branda paz aqui derrama
como a paz que dás ao ceu. »

Que voz ! flexivel, meiga,
e limpida, e vibrante,
como em seu trilo amante
a solta o rouxinol !
tem da ventura o enleio,
echos de voz que implora,
lamentos de quem chora,
gorgeiros do arrebol.



.
.
.
.

Terminado o canto angelico
da sandosa cavatina,
soa em côro applauso fervido !...
Inda ao longe a voz divina
se derrama em sons aereos
pelos echos da campina ;
inda a lua melancolica
ouve, pára, escuta, e inclina
para a terra a fronte pallida ;
quando a virgem, purpurina
como a flôr de rubras petalas,
volve ao astro que a domina
meigo olhar ancioso e rapido,
e no rosto que a fascina
vê brilhar furtiva lagrima !

Que lhe importa o que ouviu, se todo o encanto
está n'aquelle pranto?!
se veio aureolar-lhe a fronte bella
a luz d'aquella estrella?!

E como fazendo *pendant* a esta ballada á Lua, encontra-se
algumas paginas mais adiante este hymno á Primavera, que é tambem
uma das composições mais delicadas e felizes do poema :





—« O' primavera ! é tua festa esplendida !
tudo o que exulta é convidado aqui !
tudo se achega aos teus effluvios mysticos !
tudo se enfeita, e refloresce, e ri !

Tudo é feliz ! tudo o que nasce e cresce,
viça, floresce, luz, rasteja ou se ergue,
voa, braceja, corre, canta ou chora ;
a noite, a aurora, o paço, o templo, o albergue !

.

Tudo é feliz ! de musgo novo, morbido,
os ninhos brotam no arvoredor a flux !
Bemvinda aurora dos bafejos tepidos,
chuvas de flôres, e canções e luz !

Em nuvens de oiro o immenso espaço abysmas!
dás novos prismas ao painel sidereo !
suspenso orvalho de esplendor saudoso !
pó luminoso do caminho ethereo !

.
Tudo é feliz ! cada sorriso fervido
diz (e não sabe porque o diz) -- amor !—
cada suspiro se prolonga em extasis,
e diz ternuras em secreto á flôr !

Tudo é feliz ! a das soidões senhora,
fera, ou pastora que descanta e ama,
acha por leite, do arvoredó á sombra,
flaccida alfombra na propicia grama !

.
A terra exulta, e do seu manto gelido
sacode as pregas, reverdece emfim ;
e o vento que hontem rebramava asperrimo,
tornou-se aragem, mal que a viu jardim !

Ao bafo agreste do florente maio,
a cada raio que descer do empyreo,
arma-se um ninho no folhudo acantho,
acorda um canto e desabrocha um lyrio.

.
O' florea fada ! em teu regaço provido,
se a minha fronte se pender . . . bem vês,
a vida é sonho ! . . . ó meiga fada, acolhe-m'a !
eu sei de certo que te cáio aos pés !

Tudo é feliz! tudo o que nasce e cresce,
voa, floresce, luz, braceja ou corre!
eu só, nas trevas da soidão, commigo
às vezes digo: — « É bem feliz quem morre! »

Fugi, fugi! cerradas sombras turbidas!
longe os lamentos! não se escute um ai!
Eia, poetas! ao concerto idyllico!
pulsae a lyra! o sol é nado! — amae!

Eu quero a vida! enquanto amor n'est'alma
regar a palma que hei de ver florida,
e a minha estrella me apontar um norte,
alma, sê forte! eu quero o amor e a vida! »

.

E a noite passa lenta, e a lua desce, desce,
triste como surgiu nos plainos do infinito;
e encosta a fronte á serra, ao leito de granito...
virgem que vae dormir, e resa a ultima prece!

*
* * *

Apesar de distarem vinte e tantos annos dos primeiros versos dos
Sons que passam, as poesias colligidas em volume sob o titulo — *Ves-*
*peras*¹ não modificam consideravelmente o aspecto litterario de Thomaz

1. VESPERAS. — *Poesias dispersas*. — Editor Ernesto Chardron, Porto
e Braga, 1880.

Ribeiro. Quer dizer, este livro não representa alguma d'essas transições de espirito, mudança de ideal ou simples variante de fórmula artistica a que se convencionou chamar — *maneira*. Thomaz Ribeiro permanece n'elle o mesmo poeta dos *Sons que passam*, portuguez e christão, liberal e conservador, espontaneo, expansivo, familiar e fluente. Um novo thema de inspiração vem juntar-se aos que possuia tão abundantes — a India, aonde estivera e d'onde trouxera, com a visão de uma terra mysteriosa, *hantée* de lendas e tradições, a lembrança dolorosa das extintas glorias portuguezas.

A sua estada na India o que lhe fornece, porém, é apenas um novo assumpto, que, como tantos outros, elle trata com igual paixão, facilidade e elegancia. Enriqueceu-se o seu vocabulario, dilataram-se talvez os horisontes á sua imaginação, mas o seu espirito não cedeu a nenhuma influencia nova, os seus ideaes mantiveram-se onde estavam, rigidos como monumentos, e n'essa data (1880), como em outras mais distantes, foi fiel ao espirito litterario e politico da epoca que o consagrou. Ao revez do que mais tarde veio a succeder-lhe¹, o poeta vive feliz na contemplação de uma obra que ama e é quasi sua — a sociedade do seu tempo, os seus principios, as suas chimeras, as suas convenções, em plena expansão, em plena realidade. Nenhuma opinião póde ainda prevalecer sobre as suas convicções, nenhum movimento politico, social, litterario ou philosophico consegue ainda abalar ou irritar os seus preconceitos.

As *Vesperas* são o proseguimento da phase descuidosa compreendida pelos *Sons que passam*, apesar d'elle querer significar na carta que dirige a Camillo Castello Branco, a quem dedica o volume, que

1. DISSONANCIAS, 1890.

se encontra já no entardecer da vida¹. Não; o poeta não está velho, nem está desilludido. A sua hora vespertina tem ainda o clarão dos arreboes que lhe illuminaram a juventude.

*
* * *

As *Dissonancias*, ao contrario, assignalam já, senão abatimento, uma profunda irritação no espirito do poeta. Estamos em 1890, isto é, um mundo novo desponta. Do doutrinarismo das idéas tem-se passado á violencia dos factos. O mal-estar geral da humanidade accusa um crescente descontentamento pelo constituido, e da propaganda contra tudo o que existe, constituições, dogmas, leis, formulas, convenções, as classes vão transitando para esse monstruoso *corps-à-corps* em que parece dever acabar por degladiar-se a sociedade.

Com este rapido desenvolvimento de idéas de rebeldia a todo o transe e de suprema emancipação, novas gerações surgiram, armadas como um exercito, de todas as armas de destruição, mostrando lanças ao infinito, onde está Deus, arrojando dynamite ao velho mundo, onde está o Homem, brandindo alvos pendões em que se inscreve a palavra — *Felicidade*, e gritando — *Odio!* a todos os ouvidos e a todos os corações.

Vendo passar essa turba-multa que ninguem sabe para onde vae e que, no entanto, arrasta comsigo a humanidade inteira, estão os homens d'hontem, d'essa sociedade que ainda vive e que já consideram morta, consternados ou desesperados, não sabendo como explicar-se o motivo de uma tão subita insurreição das almas, e perguntando a si

1. « A nós, bom amigo, vae-se-nos entardecendo a vida; estamos na quadra em que ha mais saudades que esperanças; ainda em nossos labios ha sorrisos, mas não ha risos; somos capazes de grandes affectos, mas envergonhamo-nos das grandes paixões; não temos necessidade de dormir, mas sentimos prazer em descansar. Tambem para nós é hora de vespertas. »

proprios o que será o dia d'amanhã, quando de todo houver deixado de existir o que para elles havia de bom na terra.

O livro *Dissonancias* é a obra de um d'esses homens. Não se sabe em verdade se representa um protesto, pois antes parece queixume, magoa, desgosto. Em todo o caso, é desaccordo. D'ahi o seu titulo. De resto, o auctor mesmo se encarrega de nol-o explicar n'este trecho de uma das curiosas notas appensas ao volume :

« Este livro destoante de tudo quanto está estatuido, aceite, lisongeado, applaudido, legalisado pelos costumes, pela moda ou pelo capricho, que tem tudo isso chancellia d'auctoridade, não póde agradar a ninguem porque nenhum abuso exalta, nenhuma vaidade reverenceia, nenhuma auctoridade aceita, sem discussão.

« Andam por ahi umas heresias mettidas em todas as religiões, umas religiões abstrusas mettidas em todos os templos; tudo isso tem hymnos e córos e orquestras; este livro é no meio das heresias, uma censura; no meio das religiões novas ou renovadas, uma heresia; no meio dos hymnos, um *miserere*; no meio dos córos, uma desafinação.

— DISSONANCIAS. —

« Entra na politica a pedir justiça; entra no concilio a pedir liberdade; aos *livres pensadores* falla em Deus; ao Jesuitas, em prohibidade; aos poderosos, em indulgencia; aos fracos, em dignidade; aos moços em juizo; aos cidadãos, em patriotismo; aos sonhadores, em bom senso. Destôa de tudo e de todos. — Immensa inutilidade!

« É um livro excentrico, insubmisso, descontente. Nasce d'um espirito a que tudo se antolha caminhar errado e desorientado: — a liberdade desunida em duas phalanges, marchando — uma para a licença, outra para a tyrannia; as religiões, para o mercado; o commercio para o contrabando; o valor para o saque; a philosophia para o dogma; a historia para o sonho; a sciencia para a crystallisação: a poesia para a monturcira. »



O TEAR DA RAINHA ¹

A MISS SYDER

Se eu encontrasse, querida,
mulher como esta mulher,
dava-lhe, para tecer,
os fios da minha vida.

I

Referem lendas que eu sei,
lendas que inda hoje amo tanto,
que havia na Grecia um rei
e uma rainha... um encanto!

Elle era a fera altanada,
ella era a flôr d'um jasmim;
elle tinha lança e espada,
ella, um tear de márfin.

1. Das *Vesperas*. Ernesto Chardron, editor. Porto, 1880.

Um, a coragem que impelle,
outra, o candor d'uma estrella!
e ella era doida por elle,
e elle era doido por ella!

Lembrou-se um dia um pastor...
E ri d'isto a gente nescia!
inda hoje faz d'isto o amor,
aqui, na India e na Grecia;

lambrou-se, oh! sancta simpleza!
n'uns sonhos que lá sonhou,
de roubar uma princeza!...
e o certo é que a roubou.

O que não refere a lenda,
nem eu indago tão pouco,
é, n'esta doida contenda,
qual d'elles foi o mais louco.

Pois nunca mais houve paz
nos confins da Grecia amena!
Isto é que hoje se não faz
e rouba-se muita Helena.

— Troia — era o grito de guerra,
— Guerra — era o hymno da grey,
e os moços d'aquella terra
lá vão, e as frotas e o rei.

Já mar em fóra vogava
a régia armada arrogante,
inda a rainha chorava
no seu erguido mirante.

Que amor, não dirieis vós,
em meio de tanta magoa,
labios tremulos sem voz?
olhos desfeitos em agoa?!

II

No eirado a encontrava o dia
e o pôr do sol a encontrava;
nunca um raio d'alegria
aquelle rosto ameigava!

Os seus olhos eram sondas,
e em horas de tempestades
ficava-se a olhar as ondas,
e a conversar co'as saudades.

Dava os cabellos aos ventos,
o coração á procella,
os ouvidos aos lamentos
que vinham fallar com ella!

E debruçada, anhelante,
do peitoril de granito,

sondava o seio arquejante
das solidões do infinito.

Se vela rota em pedaços
affrontava o cataclysmo,
tendava, agitando os braços,
voar atravez do abysmo.

.

Era a incessante fadiga
d'uma esperança d'amores!
Um quadro da Grecia antiga
pintado entre mar e flôres.

III

Após annos, que nem sei,
chegaram áquella terra
muitas novicias da guerra,
porém, nenhumas do rei.

Só que, mais cem batalhas,
a sua astucia fatal
vibrára o golpe mortal
de Troia ás nobres muralhas.

E isto, com brio sincero,
da Grecia aos povos dispersos,

cantava em épicos versos
um cego chamado Homero.

E a rainha a perguntar
se o viram livre ou captivo,
se era morto, se era vivo,
se andava em terra ou no mar?

E uns diziam que vivia,
outros, que o viram morrer !
E a triste a crer e a descrever
cada noite e cada dia !

Fosse verdade ou chymera
do seu coração absorto,
o povo dizia : — É morto; —
e o mar dizia-lhe : — Espera. —

Por isso ella olhava o mar
ao seu mirante encostada,
e ouvia a onda e a rajada
com tentações de voar.

IV

Passaram annos, mais annos,
e o interesse da grey
exigia da rainha
que o reino tivesse um rei.

E instavam-na os pretendentes,
ciosos, loucos d'amor;
e ella calada, em sorrisos
disfarçava a sua dôr.

Oh! feliz da obscura amante
que não escuta ninguém!
mas a triste era rainha,
e ser rainha é ser mãe.

Foi-se uma noite ao mirante
as ondas a olhar a olhar...
Ninguém sabe o que lhe disse
n'aquella noite o seu mar;

mas no outro dia depunha
os seus lutosos sendaes,
e havia sarau de festa
nos velhos paços reaes.

V

A côrte exultou de jubilo,
o povo ergueu-se em cantares,
e houve tremulos dialogos
entre os rosaes e os palmares.

Nos jardins, ao luar fulgido,
dir-se-iam vivas as bellas

estatuas, nimphas de marmore
junto a cascatas d'estrellas;

escutando, ao longe, musicas
e envoltas na fina trama
de fios d'ouro tenuissimos
que o etlier a flux derrama!

O' noites de calma e fremitos,
d'um anhelar sem fadiga!
vós fostes os seios úberos
das artes da Grecia antiga!

Mostrava, a rainha esplendida,
uns risos feitos de beijos,
uns labios de rubras petalas
e umas palavras d'harpejos.

Ao vêr a rainha d'Ithaca
envolta em taes esplendores,
crereis que do assento olympico
baixára a mãe dos amores.

Quando o matinal crepusculo
entrou nos salões dourados,
chamou junto a si Penelope,
os seus reaes namorados.

Ao ouvir-lhe o appello magico;
incertos, impacientes,
pela primeira vez tremulos,
sentiram medo, os valentes!



VI

— Escutac-me : eu sou rainha,
que é ser escrava; hoje sei
que a minha mão não é minha,
é d'um reino e é d'um rei.

Já lá vão annos, e tantos!
da minha esteril viuvez,
que o povo não quer mais prantos...
e elle tem razão, talvez.

Hoje o meu rosto anda enxuto
e ha risos na minha voz;
despojei-me do meu luto
e hei de escolher d'entre vós.

Mas antes... Se é louca a ideia...
ride-vos d'ella e de mim!
quero tecer uma teia
no meu tear de marfim,

que tem d'ouro a lançadeira,
de prata os finos pedaes.
Vinde vêr a tecedeira,
ó meus amantes leaes.

Mal que o voto fôr cumprido,
a minha palavra é lei!
a mulher terá marido
e o reino ha de ter um rei. —

Correu d'alli ao mirante
com seu casto seio a arfar,
e creu vêr, muito distante,
um riso, no argenteo mar.

VII

Urdu de sedas arabigas
e de linhos do Pireu,
os ramos longos, alvissimos,
com listas da côr do céu.

A trama era caprichosa :
ora de seda escarlata,
ora verde ou côr de rosa,
ora d'ouro, ora de prata.

Vêde agora a regia artifice
gastar canilhas sem fim,
agitando attenta e celere
o seu tear de marfim !

Com que alegre diligencia
a lançadeira se alaga



do ordume na transparencia,
como a dourada na vaga!

e roça as eburneas laminas
e o dèslumbrante matiz
do pente, engasto em ebano,
marchetado de rubis!

Passa e volta e não se cança ;
e o pente bate e rebate!
Oh! nunca se perde a espr'ança
que pensa no seu resgate!

Viam-na os zelosos principes
todo o dia ao seu tear;
não tinha descanso a misera,
e a teia sem se acabar!

— Sabeis, rainha querida,
já dizem por estas ilhas,
que hemos de gastar a vida
a fornecer-vos canilhas,

porque a vossa teia é symbolo
d'esses castigos crueis,
das Danaides e de Tantaló!
Senhora, e vós que dizeis?

Dez annos d'anciosa espera,
contados a hora e hora,

e o vosso tear-chymera
a devorar-nos, senhora!

— E eu vinte!... que triste computo!
ai! para quem sabe amar,
vinte annos são quasi um seculo!..
Muito velha devo estar!

— Se o fosseis, finda era a traça
da vossa teia homicida,
que assim nos enreda e enlaça
os fios da nossa vida!

Mas vós sois a aurora rútila
agitando, sem cessar,
com beijos quentes e humidos...
até as ondas do mar! —

Ella ri, mas chega a noite
e o que tecêra destrama.
Ha nada que tanto afoite
como a esperança, quem ama?!

VIII

— Que alarma vae nas ameias?
que vozear no palacio?
— Galeras que vem do Lacio
arfando co'as vélas cheias!!

Dez, vinte, quarenta, cem!
do mar no immenso estendal!
e içado o pendão real
no mastro grande, lá vem!! —

O povo corre em delirio
e em grita as soidões acorda
como um prazer que trasborda
apoz um longo martyrio!

que alegria e que chorar!
que bater de corações!
hymno em côro, as saudações
sobre a terra e sobre o mar.

Pouco depois, ao seu lado,
a rainha, accesa em gloria,
tinha, em tropheu de victoria,
o seu rei, no seu eirado.

Ouviu-a, abraçou-a, e emfim,
entre os applausos da grey,
foram beijar, ella e o rei,
o seu tear de marfim !...

* * *

A litteratura dramatica seduziu Thomaz Ribeiro, como seduziu todos os escriptores da sua epoca, estimulados á producção pelo exito das traducções de Castilho, e pelo prestigio dos interpretes que havia então. Algumas tentativas fez o poeta, que ficaram ineditas. A *Indiana*, entreacto em verso, escripto em Bragança depois do seu regresso da India, foi a unica das suas producções dramaticas que se chegaram a representar : — desempenhando Emilia Adelaide e Santos os dois principaes papeis.

A peça agradou muito, como o attesta o autor na nota com que conclue o volumesinho em que foi publicada :

« A *Indiana* foi escripta para desempenho d'uma promessa e para desafogo d'um desejo. A promessa fizera-a na minha chegada da India á insigne actriz Emilia Adelaide, a quem eu já devia a formosa recitação da *Judia*, e que representou a *Indiana*, o singelo entreacto escripto á pressa, na noite do seu beneficio. Coube-lhe a parte da protagonista e a José Carlos dos Santos a de Raul; as duas principaes. Sobre o modo por que se desempenharam disse-o a imprensa e disseram-no as plateias; a mim só me resta agradecer o bom grado com que me receberam o minguado trabalho, e o esmero com que o apresentaram á mais illustre plateia do reino¹. »

1. A *Indiana*, edição de 1873, pag. 71.

*
* *

Apesar da obra propriamente dita de Thomaz Ribeiro se consubstanciar e circumscrever exclusivamente aos seus livros de versos — pois em Thomaz Ribeiro o lado mais brilhante e o mais popular do seu talento, é o lado poetico — nem por isso se devem esquecer tres volumes de prosa : dois intitulados *Jornadas*¹ tendo o primeiro tomo por sub-titulo *Do Tejo ao Mondovi*, e o segundo por sub-titulo *Entre palmeiras*. O terceiro volume intitula-se : *D. Miguel, a sua realzeza e o seu emprestimo Outrequin & Jauge*².

Os dois primeiros são impressões da sua viagem de Lisboa á India, tendo passado pela Hespanha e França; e da sua estada na India portugueza. N'esses volumes encontra-se uma prosa elegante, animada, colorida; e capitulos onde, a par d'uma observação cuidada dos homens e das coisas que passam deante dos olhos do *touriste*, se encontram arrebatamentos de phantasia que bem denotam o romantico narrador do genero e da escola de Méry.

O volume *D. Miguel* é uma obra de pura jurisprudencia, onde o poeta e o escriptor desaparecem, para cederem o lugar ao advogado. Este livro é sempre consultado com empenho por todos quantos desejam formar um solido criterio ácerca d'essa complicada questão do « emprestimo D. Miguel » que tem causado successivos prejuizos ao thesouro portuguez, principalmente nos ultimos dez annos e durante as negociações de varios emprestimos que os governos de Portugal teem realisado na praça de Paris.

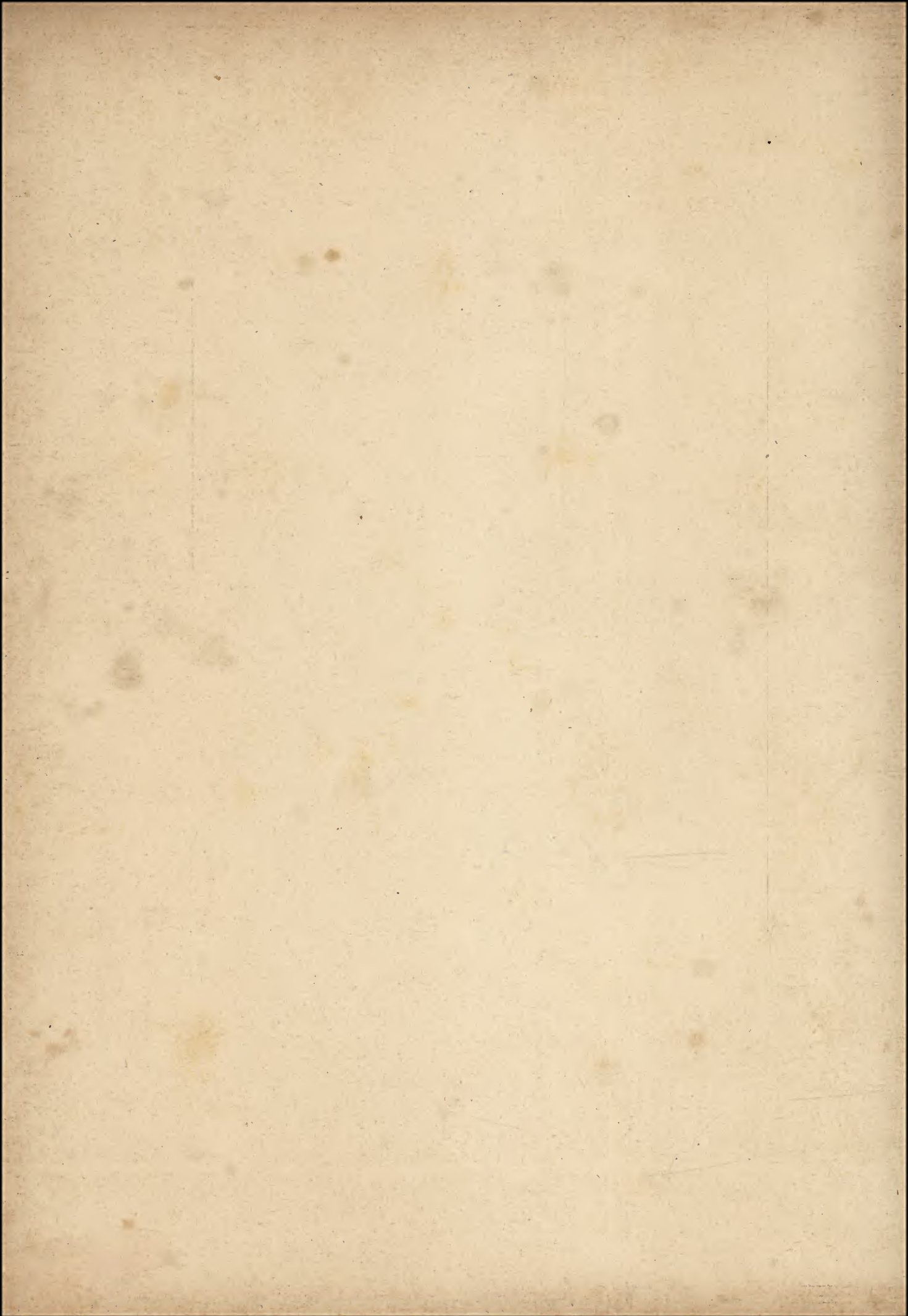
*
* *

Taes são, succintamente descriptas e analysadas, as obras, quer em

1. José Diogo Pires, editor. Coimbra, 1873-1875.
2. Cruz & C.^a, editores. Lisboa, 1881.



THOMAZ RIBEIRO, MINISTRO DE PORTUGAL NO BRAZIL.
(*Photographia tirada em abril de 1895, no atelier Bobone, Lisboa.*)



verso, quer em prosa, que trazem a assignatura do actual ministro de Portugal, no Rio de Janeiro. De todas ellas, duas ha que constituem a grande reputação de Thomaz Ribeiro; duas ha que bastam para a sua celebridade, para ligar para sempre o seu nome á historia litteraria do seculo XIX em Portugal.

Chamam-se — o *D. Jayme* e a *Judia*. São essas duas obras a mais nitida e definitiva expressão do seu talento; são as composições em que o poeta vibrou a nota mais alta e mais pura do seu sentimento e da sua intellectualidade; aquellas em que melhor affirmou a sua personalidade e o seu estylo, traduzindo ao mesmo tempo o gosto e a tendencia da sua epoca.

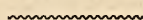
Thomaz Ribeiro está todo inteiro no *D. Jayme* e na *Judia*, como Lamartine no *Jocelyn*, Victor Hugo nos *Misérables*, e Herculano na *Harpa do crente* ou na *Voz do Propheta*.





INDICE

TEXTO E GRAVURAS



THOMAZ RIBEIRO, gravura de Dochy	iv
A POESIA LYRICA, estatua de Alberto Nunes, gravura de Dochy . . .	vii
A PORTUGAL (illustração de Parys).	ix
I. O APPARECIMENTO DO « D. JAYME » (illustração de Moulignié). . .	1
THOMAZ RIBEIRO EM 1862.	5
A. F. DE CASTILHO.	17
A casa de D. Martinho d'Aguilar.	25
Um dia... quando não sei (illustração de Moulignié).	29
Que idade florida e bella (illustração de Giacomelli).	33
AS FLORES D'ALMA (illustração de Giacomelli).	35
Resta esboçar aqui um rosto meigo (illustração de Vuillier).	41
Quem fosse á <i>Quinta do Bosque</i> (illustração de Moulignié).	43
O EBRIO. — Composição de Santiago Arcos	49
Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena (com uma vista de Lisboa).	49
Vingança! monstro informe que se nutre (illustração de Moulignié). . .	53
Vae, filha! Os anjos te recebam ledos! (composição de Santiago Arcos). .	57
A victima infeliz d'improba sorte (illustração de Moulignié).	57
A THOMAZ RIBEIRO (poesia de Pinheiro Chagas)	61
Fac-simile d'uns versos de Thomaz Ribeiro (phantasia de Parys). . . .	65
II. <i>Sons que passam</i>	67
A casa do poeta em Parada de Gonta.	73
CONSUMMATUM EST (com a reproducção d'um quadro do Calvario). . .	77
JESUS (com a reproducção d'um medalhão em marmore)	85
STABAT MATER (com a reproducção d'um quadro da Virgem)	93

Ave, Labor! (com um aspecto da cidade do Porto vista do Douro). . .	105
O Porto visto do lado dos caes.	107
Porto. — O Palacio de Crystal.	109
A BORBOLETA (illustração de Giacomelli).	113
No ALBUM D'ARTHUR NAPOLEÃO (com um retrato do mesmo)	119
ADEUS! (com a entrada da Bahia do Rio de Janeiro, vista do morro do Mundo Novo).	121
A JUDIA (illustração de Parys).	131
III. OUTROS LIVROS.	141
CAMILLO CASTELLO BRANCO.	145
Sob as franças da ramagem (com uma photogravura).	153
Hoje é toda fulgor, toda fragancia e musica (com a reproducção d'um quadro de Stewart).	157
Vae cantar Josefina. O murmurinho (illustração de Riquet).	161
O' primavera! é tua festa esplendida! (illustração de Habert-Dys). . .	165
O TEAR DA RAINHA (illustração de Parys).	171
THOMAZ RIREIRO EM 1895.	185



PARIS. — IMP P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE. — 67772.



